



Caderno de  
**Squibs**

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA  
LINGUAGEM

V. 6 - N. 1 - 2020





Caderno de  
**Squibs**

## ORGANIZADORES

**Paulo Medeiros Junior**  
Universidade de Brasília

**Marcus Vinicius da Silva Lunguinho**  
Universidade de Brasília

**Helena da Silva Guerra Vicente**  
Universidade de Brasília

**Elisabete Luciana Morais Ferreira**  
Universidade de Brasília

**Arion de Souza Cruz**  
Universidade de Brasília

**Paula Guedes Baron**  
Universidade de Brasília

## CONSELHO EDITORIAL

**Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles**  
Universidade de Brasília

**Rozana Reigota Naves**  
Universidade de Brasília

**Helena da Silva Guerra Vicente**  
Universidade de Brasília

**Eloisa Nascimento Silva Pilati**  
Universidade de Brasília

**Marcus Vinicius da Silva Lunguinho**  
Universidade de Brasília

**Paulo Medeiros Junior**  
Universidade de Brasília

**Paula Guedes Baron**  
Universidade de Brasília

**Elisabete Luciana Morais Ferreira**  
Universidade de Brasília

**Bruna Elisa da Costa Moreira**  
Universidade de Brasília (egressa)

**Cristiany Fernandes da Silva**  
Universidade de Brasília (egressa)

### APOIO

Laboratório de Estudos Formais da Gramática – LEFOG  
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL



**Universidade de Brasília**

## CONSELHO CIENTÍFICO

**Aroldo Leal de Andrade**

Universidade Federal de Minas Gerais

**Marina Rosa Ana Augusto**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Indaiá de Santana Bassani**

Universidade Federal de São Paulo

**Simone Lúcia Guesser**

Universidade Federal de Roraima

**Ana Paula Quadros Gomes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Suzi de Oliveira Lima**

University of Toronto

**Telma Moreira Vianna Magalhães**

Universidade Federal de Alagoas

**José Ferrari Neto**

Universidade Federal da Paraíba

**Roberta Pires de Oliveira**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Gabriel de Avila Othero**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Sandra Quarezemin**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Núbia Saraiva Ferreira Rech**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Marcelo Amorim Sibaldo**

Universidade Federal de Pernambuco

**Claudia Roberta Tavares Silva**

Universidade Federal de Pernambuco

**André Luis Antonelli**

Universidade Estadual de Maringá

**Fábio Bonfim Duarte**

Universidade Federal de Minas Gerais

**Andrew Nevins**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

University College London

**Andrea Knöpfle**

**Marcus Vinicius da Silva Lunguinho**

Universidade de Brasília

**Alessandro Boechat de Medeiros**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Bruna Elisa da Costa Moreira**

**Jairo Morais Nunes**

Universidade de São Paulo

**Déborah de Mendonça Oliveira**

Universidade Católica de Brasília

**Lilian Coelho Pires**

Univ. do Estado de Santa Catarina

**Poliana Camargo Rabelo**

**Ana Paula Scher**

Universidade de São Paulo

**Maria Cristina Figueiredo Silva**

Universidade Federal do Paraná

**Keli Cristiane Eugênio Souto**

Universidade Estadual de Montes Claros

**Zenaide Dias Teixeira**

Universidade Estadual de Goiás

**Thiago Costa Chacon**

Universidade de Brasília

**Aveliny Montovan Lima**

Universidade de Brasília

**Ezekiel J. Panitz**

Universidade de São Paulo

**Leonor Simioni**

Universidade Federal do Pampa

**Patricia de Araujo Rodrigues**

Universidade Federal do Paraná

**Helena da Silva Guerra Vicente**

Universidade de Brasília

**Rerisson Cavalcante de Araújo**

Universidade Federal da Bahia

**Eloisa Nascimento Silva Pilati**

Universidade de Brasília

**Carlos Felipe da Conceição Pinto**

Universidade Federal da Bahia

**Lara Frutos González**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Rozana Reigota Naves**

Universidade de Brasília

**Teresa Cristina Wachowicz**

Universidade Federal do Paraná

**Virgínia Andrea Garrido Meirelles**

Universidade de Brasília

**Esmeralda Vailati Negrão**

Universidade de São Paulo

**Heloisa Maria M. Lima de Almeida Salles**

Universidade de Brasília

**Maria José Gnatta Dalcuche Foltran**

Universidade Federal do Paraná

**Roberlei Alves Bertucci**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**Marcos Barbosa Carreira**

Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Eneida de Goes Leal**

Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes**

Universidade Estadual de Campinas

**Luisandro Mendes de Souza**

Universidade Federal do Paraná

**Paulo Medeiros Junior**

Universidade de Brasília

---

#### LEITURA E PREPARAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Helena da Silva Guerra Vicente

Elisabete Luciana Morais Ferreira

Arion de Souza Cruz

Paula Guedes Baron

#### CONSULTORA DE LÍNGUA ESPANHOLA

Cecilia Fonseca da Silva

#### PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Rodrigo Araújo

Linguística. UnB. Caderno de *Squibs*: temas em estudos formais da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG).  
Vol.6, N.1 (jun. 2020). Brasília, DF: Universidade de Brasília.  
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas.  
Semestral. 2015.

ISSN: 2447-1372 (VERSÃO ON-LINE)

CDD 410

CDU 81



# SUMÁRIO

## 8 NOTA INICIAL

---

## 10 APRESENTAÇÃO

---

### ARTIGO CONVIDADO

#### 14 REMARKS ON OKU'S GENERALIZATION: ANTI-AGREEMENT AND SUBJECT ELLIPSIS IN SPANISH AND JAPANESE

Andrés Saab

---

### *SQUIBS*

#### 42 LOS NOMBRES ESCUETOS “LOCATIVOS-INSTITUCIONALES” EN ESPAÑOL RIOPLATENSE

Carolina Oggiani

#### 51 C-COMANDO INFLUENCIA O COMPORTAMENTO DE EPÍTETOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO?

Claudia Souza Coelho

#### 62 A DERIVAÇÃO DA EXPRESSÃO QUANTIFICADA DP+*TUDO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO COLOQUIAL

Arion de Souza Cruz | Helena Guerra Vicente

#### 75 A INTERPOLAÇÃO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS CLÁSSICO AO PORTUGUÊS EUROPEU: ELEMENTOS PARA UMA NOVA ANÁLISE

Lara da Silva Cardoso | Aroldo Leal de Andrade | Zenaide de Oliveira Novais Carneiro

#### 85 DAS CATEGORIAS ENVOLVIDAS NA DERIVAÇÃO DE *COMO ASSIM* DE INCRÉDULIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Raquel Sousa

---

### *SQUIB OVERVIEW*

#### 98 AQUISIÇÃO DA NEGAÇÃO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOS ANOS 60 AOS DIAS ATUAIS

Mayara de Sá Pinto | Josiane Moraes Anjos da Silva | Milene Chrystine Carvalho Cupertino

---



# NOTA INICIAL



NOTA INICIAL



## SOBRE O TERMO *SQUIB* EM LINGUÍSTICA POR MARCUS LUNGUINHO

O termo *squib*, tal qual se conhece em Linguística, é uma criação atribuída ao linguista John Robert Ross e se refere a um gênero textual que ficou popular a partir dos anos 1960 com a revista *Linguistic Inquiry*, que teve Ross como um dos primeiros responsáveis pela seção destinada justamente à publicação desse tipo de textos, denominada *Squibs and Discussion*.<sup>1</sup>

Como um gênero textual, o *squib* apresenta características específicas tanto de forma quanto de conteúdo. No que se refere à forma, um *squib* é um texto curto, cuja extensão é medida em termos de páginas ou de número de palavras a depender do periódico. Por exemplo, na revista *Linguistic Inquiry*, o manuscrito de um *squib* não pode ultrapassar doze páginas escritas em espaço duplo.<sup>2</sup> Já na revista brasileira D.E.L.T.A. (Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), o manuscrito de um *squib* deve ter extensão máxima de 6000 palavras.<sup>3</sup>

No que se refere ao conteúdo, um *squib* é um texto que aborda questões pontuais, tanto de natureza teórica quanto empírica. Do ponto de vista teórico, um *squib* pode trazer uma reflexão crítica sobre aspectos internos de uma teoria, tais como inconsistências internas, pressupostos que não estão apresentados de maneira explícita ou que precisam ser incorporados de modo a que essa teoria possa fazer as previsões corretas e/ou desejáveis. Já do ponto de vista empírico, um *squib* pode apresentar um conjunto de dados que servem para confirmar as previsões de uma teoria ou que se configuram como problemas para essa teoria. Os problemas apontados no *squib* podem ou não ser resolvidos. Além dessas questões teóricas e empíricas, um *squib* também pode servir para trazer à luz para a comunidade científica uma literatura pouco conhecida ou esquecida, em que questões importantes ou dados relevantes são discutidos. Em resumo, a função de um *squib* é fomentar a pesquisa ou apresentar observações teóricas que são de interesse para a pesquisa.<sup>4</sup>

---

1 Segundo o que se apresenta em: <https://www.ucl.ac.uk/pals/research/linguistics/li-squibs>. Nessa página, o leitor pode ainda ter acesso a um depoimento do próprio Ross acerca da etimologia da palavra *squib*.

2 De acordo com as orientações que se encontram em: <http://www.mitpressjournals.org/page/sub/ling>.

3 Conforme se lê nas orientações constantes em: <http://www.scielo.br/revistas/delta/iinstruc.htm>.

4 As informações deste parágrafo são, em grande parte, baseadas em: <http://www.ledonline.it/snippets/>.



# APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

A  
Ç  
Ã  
O



É com orgulho que apresentamos à comunidade acadêmica mais um número do **Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem**, publicação coordenada pelo Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG-UnB), que visa a congregar docentes e estudantes na tarefa de divulgar conhecimento científico em Linguística formal. Este número compõe-se de sete textos, sendo um artigo convidado, cinco *squibs* a respeito de uma diversidade instigante de temas e um *squib overview*.

O artigo convidado, **Remarks on Oku's generalization: anti-agreement and subject ellipsis in Spanish and Japanese**, de autoria de Andrés Saab, enfoca a generalização de Oku e tem como objetivo mostrar que existe, no mínimo, uma bipartição das línguas *pro-drop*, a saber, as que o autor denomina *pro-drop* radical e as que ele chama de *pro-drop* consistente (exemplificando com o espanhol e o japonês). Segundo o autor, essa distinção pode ser entendida, em suas palavras, "em termos de dois tipos de elipse, a saber, elipse de sintagma-DP (japonês) e elipse de pronome núcleo (espanhol)". Saab argumenta que essa diferença entre as línguas não resulta da distinção anáfora profunda vs. anáfora de superfície, mas é explicada em função do momento em que ocorre a elipse em cada uma dessas línguas. Assim, a análise de Saab se compromete, segundo ele mesmo admite, com a hipótese da anti-concordância, segundo a qual, a possibilidade de elipse do DP associa-se diretamente à ausência de concordância morfológica.

Na seção *Squibs*, o texto **Los nombres escuetos "locativos-institucionales" en español rio-platense**, de autoria de Carolina Oggiani, identifica um grupo de nominais nus contáveis no singular no espanhol rio-platense, que podem ocupar diversas posições sintáticas. No texto, a autora discute a produtividade e o comportamento sistemático dessas expressões, embora esse seja considerado por muitos um fenômeno lexicalmente restrito. A autora atinge sua análise por meio da aplicação de testes que visam a evidenciar sua leitura singular individual definida. A proposta aproxima tais construções à classe dos nomes próprios pelo fato de esses DPs estabelecerem uma relação biunívoca com seus referentes, embora esses DPs diferenciem-se de nomes próprios canônicos pelo fato de serem originados como nomes comuns. Isso, segundo a autora, sugere que o paradigma dos nomes nus do espanhol é mais amplo do que aquilo que a literatura tem atestado.

O segundo *squib* dessa seção, intitulado **C-comando influencia o comportamento de epítetos no português brasileiro?**, de autoria de Cláudia Souza Coelho, apresenta resultados de um experimento realizado em português brasileiro contendo epítetos em sentenças com *convencer* e sentenças com orações adjuntas. A autora argumenta em seu texto que, apesar de a assunção de que a distribuição de epítetos obedece ao Princípio C da Teoria da Ligação (cf. Lasnik (1976) e Chomsky (1981)) não ser capaz de aclarar todos os resultados do experimento, o resultado encontrado demonstra que "a distribuição dos epítetos é sensível às configurações de c-comando dos estímulos". Com base nisso, a autora propõe que a análise mais apropriada para os epítetos seja a que considera essa noção sintática, além de restrições de ordem semântico-pragmáticas.

O *squib* de título **A derivação da expressão quantificada DP+tudo no português brasileiro coloquial**, de autoria de Arion de Souza Cruz e Helena Guerra Vicente, traz uma apreciação da proposta de Lacerda (2012), a qual associa o fenômeno de quantificadores flutuantes a movimentos para projeções informacionais na sentença. Partindo da hipótese de Trannin (2016) de que o PB coloquial apresenta duas gramáticas distintas em relação ao uso de *tudo* e da análise de Guerra Vicente (2006), segundo a qual a relação entre Q e DP

não é de adjunção, e sim de complementação, os autores têm a intenção de evidenciar, em suas palavras, “o problema da postulação *ad hoc* de uma projeção vazia (qP) na proposta de Lacerda (2012) para a derivação da ordem DP+Q no PB”.

O *squib* de Lara da Silva Cardoso, Aroldo Leal de Andrade e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, cujo título é **A interpolação pronominal do português clássico ao português europeu: elementos para uma nova análise**, traz uma discussão acerca da interpolação de elementos diferentes do *não*, do português clássico ao português europeu moderno, com vistas a apresentar, com base em dados coletados em peças teatrais portuguesas, “problemas empíricos para a proposta mais aceita sobre o fenômeno no português europeu contemporâneo”. Os autores argumentam que, embora a análise referenciada considere esse como sendo um fenômeno novo, que não tem conexão com a interpolação encontrada em estágios anteriores do português, os dados encontrados contradizem algumas ou boa parte das questões propostas nessa hipótese — a saber, a de Magro (2007). Os autores, além de criticarem a proposta de Magro (2007), apresentam uma alternativa de análise quanto ao estatuto sintático do item interpolado, “relacionando-o à interpolação de elementos diferentes do *não*, existente no português clássico”.

No *squib* intitulado **Das categorias envolvidas na derivação de como assim de incredulidade no português brasileiro**, Raquel Sousa faz uma análise da proposta de Guessier, Sousa e Kédochim (2019), segundo a qual a expressão *como assim* de incredulidade (CAI) é “um sintagma-wh de escopo alto nas sentenças, gerado diretamente na periferia esquerda da sentença, em [Spec,Int]”. Por meio da aplicação de testes utilizando advérbios “semanticamente correspondentes às categorias MoodMirativeP e MoodEvidentialP”, a autora busca mostrar que o sintagma em questão, a saber, o CAI, atinge sua posição por meio de processo derivacional. Os testes aplicados pela autora em seu estudo sugerem que “CAI é gerado em uma posição mais baixa e posteriormente valora traços de miratividade e evidencialidade na zona alta de IP, antes de alcançar a posição final em PB, aqui assumida como [Spec,Int]”, em consonância com a proposta de Guessier, Sousa e Kédochim (2019).

Na última seção deste número, o *squib overview*, **Aquisição da negação: uma revisão bibliográfica dos anos 60 aos dias atuais**, de autoria de Mayara de Sá Pinto, Josiane Moraes Anjos da Silva e Milene Chrystine Carvalho Cupertino, traz uma revisão em que as autoras retomam trabalhos sobre a aquisição de morfemas funcionais da negação, que teve como critérios de seleção “relevância, citação recorrente nos principais artigos sobre o tema, atualidade e originalidade”. O *squib* revisou apenas trabalhos de aquisição de L1, com falantes não bilíngues, e que continham, nas palavras das autoras, “pelo menos um meio experimental de obtenção de dados”, com o objetivo de situar o leitor quanto às pesquisas sobre o tema até o presente momento, bem como apresentar algumas questões que ainda permanecem em aberto nos estudos referenciados.

Esperamos que os estudos contidos neste número se constituam compêndio valoroso de discussões linguísticas na perspectiva formal. Desejamos ao público em geral uma excelente experiência de leitura!

Paulo Medeiros Junior



**ARTIGO  
CONVIDADO**



ARTIGO  
CONVIDADO  
ARTIGO  
CONVIDADO  
ARTIGO  
CONVIDADO



# REMARKS ON OKU'S GENERALIZATION: ANTI-AGREEMENT AND SUBJECT ELLIPSIS IN SPANISH AND JAPANESE

---

ANDRÉS SAAB\*

---

## ABSTRACT

I focus on the so-called Oku's generalization in order to show: (i) that a main division among at least two types of *pro*-drop languages is irreducible, i.e., radical vs. consistent *pro*-drop (pace DUGUINE, 2013), and (ii) that the distinction can be understood in terms of two types of ellipsis, namely phrasal DP-ellipsis (Japanese) and head pronoun ellipsis (Spanish). Such a distinction follows from a general model for ellipsis within and across languages and does not have to be stipulated for the particular distribution of null subjects in Japanese and Spanish. Thus, the difference between radical and consistent *pro*-drop languages does not follow from the deep vs. surface anaphora distinction, but from the timing of ellipsis in each language. In addition, I conjecture that the lack of DP-ellipsis in Spanish, and consistent *pro*-drop languages in general, is due to the agreement-Case system. In this respect, my analysis is committed to the so-called *anti-agreement hypothesis*, according to which the availability of DP-ellipsis is connected to absence of morphological agreement. Finally, even when I dispense with the deep vs. surface distinction as a way of deriving Oku's generalization, I claim that null NP anaphora, a type of deep anaphora, is syntactically active at least in radical and partial *pro*-drop languages (BARBOSA, 2019).

**Keywords:** *pro*-drop languages, Spanish, Japanese, Ellipsis, Agreement

---

\* University of Buenos Aires, IIF-SADAF-CONICET. E-mail: andres.saab@uba.ar. The ideas I present in this paper have a long story. A first version was presented at the *II Jornadas de Jóvenes Lingüistas* (Buenos Aires, 2013) and at the *Encuentro Iberoamericano de Historia y Filosofía de la Lingüística Generativa* (Santa Fe, 2013). I have also presented parts of this research project at the *workshop Sluicing+@50* (The University of Chicago, USA, 2019) and at the linguistic department of the University of Pennsylvania (USA, 2019). During these years, the project, which originally was born as a reaction to Duguine (2013), evolved as an attempt to integrate radical *pro*-drop phenomena, in particular Oku and Takahashi's observations regarding the interpretation of null arguments in Japanese and Spanish, into the general theory of ellipsis I have defended in Saab (2008), according to which traces, some types of null arguments and sub-phrasal ellipses are all particular instances of ellipsis operations applying in the syntax or at PF under conditions of those grammatical components. Different versions of this paper appeared in the first long versions of Saab (2016 and forthcoming), both available at *lingbuzz*. Editorial and rhetorical restrictions forced me to convert this into an independent paper. I am then extremely grateful to the editors of *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, Helena Guerra Vicente, Marcus Vinicius Lunquinho, Paulo Medeiros Junior, Elisabete Ferreira and Arion de Souza Cruz, for giving me the chance of finally publishing this material as an invited paper for *Caderno de Squibs (6)1*. I cannot imagine a better place to publish these ideas. *Muito obrigado!* I would also like to express my sincere gratitude to the audiences of the conferences already mentioned, in particular to Karlos Arregi, Fernando Carranza, David Embick, Anikó Lipták, Jason Merchant, Carlos Muñoz Pérez, Laura Stigliano, Matías Verdecchia and Masaya Yoshida. A special mention goes for Jairo Nunes, who was behind this project since its origins and has provided myriads of comments and criticisms at least during the last 15 years. Usual disclaimers apply.

## RESUMO

Neste trabalho, enfoco a chamada generalização de Oku com o objetivo de mostrar: (i) que uma divisão principal entre pelo menos dois tipos de línguas *pro-drop* é irreduzível, i.e., *pro-drop* radical vs. *pro-drop* consistente (pace DUGUINE, 2013), e (ii) que a distinção pode ser entendida em termos de dois tipos de elipse, a saber, elipse de sintagma-DP (japonês) e elipse de pronome núcleo (espanhol). Tal distinção advém de um modelo geral para a elipse intra- e translinguística e não precisa ser estipulada para a distribuição particular de sujeitos nulos em japonês e espanhol. Assim, a diferença entre línguas de *pro-drop* radical e de *pro-drop* consistente não advém da distinção entre anáfora profunda vs. anáfora de superfície, mas do momento em que ocorre a elipse em cada uma dessas línguas. Além disso, presumo que a ausência de elipse de DP no espanhol, e em línguas de *pro-drop* consistente em geral, deve-se ao sistema Caso-concordância. Nesse sentido, minha análise está comprometida com a chamada hipótese de anti-concordância, de acordo com a qual a possibilidade de elipse de DP está relacionada à ausência de concordância morfológica. Finalmente, mesmo dispensando a distinção “profundo” vs. “de superfície” como maneira de se derivar a generalização de Oku, afirmo que a anáfora de NP nulo, um tipo de anáfora profunda, é sintaticamente ativa pelo menos em línguas de *pro-drop* radical e parcial (BARBOSA, 2019).

**Palavras-chave:** línguas *pro-drop*, espanhol, japonês, elipse, concordância

## 1 INTRODUCTION

Oku (1998) first observed that Spanish and Japanese differ in nontrivial ways as far as the interpretative properties of null subjects are concerned. Thus, while the null subject in the Japanese example in (1) is ambiguous between a strict and a sloppy reading, according to which either John thinks that Mary's proposal will be accepted or his (= John) own proposal will, the null subject in (2) only admits the strict reading, according to which the empty subject can only refer to María's proposal and not to John's:

(1) **Japanese:** strict reading OK, sloppy reading OK

- a. Mary-wa [zibun-no teian-ga saiyo-sare-ru-to] omotteiru.  
 Mary-TOP [self-GEN proposal-NOM accept-PASS-PRES-COMP] think  
 'Mary<sub>1</sub> thinks that her<sub>1</sub> proposal will be accepted.'
- b. John-mo [e saiyo-sare-ru-to] omotteiru.  
 John-also [e accept-PASS-PRES-COMP] think  
*Lit.* 'John also thinks e will be accepted.'

(2) **Spanish:** strict reading OK, sloppy reading \*

- a. María cree que su propuesta será aceptada.  
 Maria believes that her proposal be.FUT accepted  
 'María believes that her proposal will be accepted.'
- b. Juan también cree que e será aceptada.  
 Juan also believes that it be.FUT accepted  
 'Juan also believes that it will be accepted.'

(OKU, 1998, p. 165)

With the exception of Duguine (2013), many researchers draw a fundamental division between Japanese and consistent null subject languages of the Spanish type (see, among others, SAITO, 2007; ŞENER; TAKAHASHI, 2010; TAKAHASHI, 2008a, 2008b, 2013, 2014). Concretely, since argument ellipsis is not attested in Spanish, it should be the case that this language and consistent *pro*-drop languages in general, are not amenable to an ellipsis analysis but only to a *pro* one. Put more generally, it seems that the division between Japanese and Spanish can be derived under the well-known distinction between surface and deep anaphora (HANKAMER; SAG, 1976): whereas Japanese null subjects are instances of surface anaphora (i.e., ellipsis), Spanish makes use of deep anaphora in subject position (i.e., *pro*):

- (3) a. Japanese: [<sub>IP</sub> ... <DP<sub>Subject</sub>> ... ] (<...> = elided material)  
 b. Spanish: [<sub>IP</sub> ... *pro*<sub>Subject</sub> ... ]

Tomioka (2003), in turn, famously proposed deriving the distribution of null arguments in Japanese through the postulation of an empty NP anaphora subjected to some semantic



mechanisms that would give rise to different readings such an anaphora has. Recently, Barbosa (2019) extended Tomioka's analysis to partial *pro*-drop languages and, in addition, conjectured that the empty NP-anaphora analysis would generalize to consistent *pro*-drop languages like Spanish as well, provided some additional assumptions regarding the referential nature of T. Even when Barbosa does not make any explicit claim regarding the absence of Spanish sloppy readings in the relevant environments, one could conjecture the following: since according to her analysis Spanish T introduces a referential index which saturates the open predicate created by composition of the property anaphora (i.e., *nP* denotes in  $\langle e, t \rangle$ ) and the VP, a null subject construction in Spanish results in a sentence in which its subject is a free variable. Therefore, such a referential subject does not give rise to sloppy readings, at least not in the general case. If this analysis is on the right track, then the locus of the difference between the two languages mainly reduces to properties of the T node. Simplifying, the T node in Japanese does not introduce a referential index and, as a consequence, the *nP* anaphora in subject position is subjected to existential closure or type-shifting, giving rise to the varieties of readings bare (overt or covert) NPs have. In Spanish, the T node does introduce a referential index which establishes a dependency with the *nP* anaphora in the VP position. As a result of this formal link, the entire structure is read as containing a free variable in subject position.

- (4) a. Japanese: [<sub>TP</sub> ... *nP*<sub>Subject</sub> T ... ]  
 b. Spanish: [<sub>TP</sub> ... T<sub>[D:index]</sub> [<sub>VP</sub> *nP*<sub>Subject</sub> ... ] ]

At any rate, as Tomioka first pointed out, his analysis does not take any particular stance with respect to whether null anaphora are derived by ellipsis or not (see TOMIOKA, 2003, p. 337). Indeed, the ellipsis status of NP-anaphora even in languages like English is a topic under debate (see ELBOURNE, 2001, 2008, 2013). So, the analysis in (4) is still compatible with an ellipsis derivation for the subjects both in Spanish and Japanese. Indeed, more robust evidence in favor of a strict surface anaphora analysis comes from another ambiguity in Japanese. As noted by Takahashi (2014), Japanese null arguments can be ambiguous between a quantificational and an E-type reading:

- (5) a. Sannin-no mahootukai-ga Taroo-ni ai-ni kita.  
 three-GEN wizard-NOM Taroo-DAT see-to came  
 'Three wizards came to see Taroo.'  
 b. [e] Hanako-ni-mo ai-ni kita.  
 Hanako-DAT-also see-to came  
*Lit.* 'e came to see Hanako, too.'

[e] = the set of wizards are coincident (E-type reading)

[e] = the set of wizards can be divergent (Quantificational reading)

(TAKAHASHI, 2014, p. 93)

In principle, the quantificational reading in (5b) is not directly obtained by the operations which, according to Tomioka, are behind the distribution of null NP-anaphora, namely,

existential closure and type-shifting. In effect, for the quantificational reading to obtain we need a semantic axiom operating not only on property anaphora but also on the cardinality of the relevant set. The existential and *iota* operators do not give us the desired result, at least not in an obvious way.<sup>1</sup> Instead, the relevant reading, as argued by Takahashi at length, is directly derived under the DP ellipsis analysis:<sup>2</sup>

- (6) <Sannin-no mahootukai-ga> Hanako-ni-mo ai-ni kita.  
 three-GEN wizard-NOM Hanako-DAT-also see-to came

(quantificational reading for (5b))

1 A solution would consist in treating numerals as predicates and not as, say, generalized quantifiers. If this is the case, then the semantic derivation would construct a complex predicate with the numeral as a predicate and existential closure would close the entire open formula. This option is indeed implemented in Giannakidou & Merchant (1997) for deriving similar readings in contexts of indefinite object drop in Greek. Alternatively, numerals can be treated as identity partial function introducing cardinality presuppositions. I am not able to evaluate whether these analyses for numerals as predicates or as partial identity functions would be independently supported.

2 A more conclusive test to distinguish a deep from a surface anaphora analysis for Japanese would come from sub-extraction from elliptical arguments. As pointed out to me by Masaya Yoshida (p.c.), it is not easy to construct examples that diagnose extraction from elided arguments indubitably. So consider the following example:

- (i) a. Taroo-kara-no-tegami-ga kita-yo.  
 T-from-GEN-letter-NOM came  
 'The letter from Taroo arrived.'
- b. Jiroo-kara-no-mo kita-yo.  
 J-from-GEN-also came.  
 'Also from Jiroo arrived.'

(Masaya Yoshida, p.c.)

Here, the problem is that we cannot know whether extraction takes place from an elided DP or from an elided NP, since Japanese also has NP-ellipsis (see Saab 2019 for extensive discussion on NP-ellipsis). A more informative example would involve an example of topic extraction, in which the remnant of the elliptical site does not show up in the genitive form but in a topic form:

- (ii) a. Tokyo-kara-no densha-ga kita-yo.  
 Tokyo-from-GEN train-NOM came.  
 'The train from Tokyo came.'
- b. Kyoto-kara-wa (kita)?  
 Kyoto-from-TOP came?  
 'Did the train from Kyoto arrive?'

(Masaya Yoshida, p.c.)

Unfortunately, sub-extraction is still a poorly understood phenomenon in Japanese and beyond. I am thankful to Masaya Yoshida for the examples and discussion around them.

For the E-type reading, a null NP anaphora or other type of deep anaphora should be postulated in order to obtain the correct reading.

- (7)  $e_{NP}$  Hanako-ni-mo ai-ni kita.  
Hanako-DAT-also see-to came

(E-type reading for (5b))

So, in principle both the ellipsis and the null NP-anaphora strategy could be at play in the same language, in the same way as other types of deep and surface anaphora live together in the same language.<sup>3</sup>

In Spanish, as expected, the quantificational reading is impossible:

- (8) a. Tres magos vinieron a ver a Juan.  
three wizards came to see DOM J.  
b. [e] Vinieron a ver a Pedro también.  
came to see DOM P. also

(only E-type reading)

Thus, null subjects in Spanish behave (again) as English weak pronouns:

- (9) a. Three wizards came to see Taroo.  
b. They came to see Hanako, too.

(only E-type reading)

Even when I think that an analysis along the lines proposed by Barbosa can handle the basic patterns in Spanish, it does not handle in an obvious way the Japanese facts. Therefore, it seems that a division within and across languages is needed with independence of the theory one favors. At least some of the so-called radical *pro*-drop languages like Japanese seem to allow for a radical type of DP-ellipsis (i.e., argument ellipsis). As for consistent *pro*-drop languages, there is no evidence for argument ellipsis in subject position, so the language either makes use of *pro*, NP-anaphora or another type of ellipsis, depending on the many alternatives that can be found in the literature. In section 3, I will adopt a particular ellipsis approach to null subjects in Spanish that accounts for Oku's observation in a straightforward way.

<sup>3</sup> Alternatively, we can get the two relevant readings through differences in the ellipsis size. Suppose, for instance, that Japanese projects a null D in the general case. Then, the E-type reading in (7) could be derived as a case of NP-ellipsis with a stranded D. As argued by Elbourne (2001), this will give rise to a definite description reading according to which we are talking about the salient set of three wizards. For the quantificational reading to obtain, DP-ellipsis applies in the same way as shown in (6). I am not particularly convinced about the arguments given by Elbourne in favor of a true ellipsis analysis for E-type anaphora in general, so I will assume a more conservative approach for the relevant E-type pronouns, according to which they are deep anaphora, as already proposed by Takahashi (2008a).

This broad view on null arguments contrasts with Duguine's (2013) uniform analysis, according to which null subjects in Japanese and Spanish are uniformly derived as cases of phrasal ellipsis. It is important then to show that the division discussed here holds. In the next section, I discuss Duguine's approach and show that it cannot be sustained empirically. Then, I will briefly introduce my own view on null subjects for consistent null subject languages in order to defend the thesis that consistent null subjects in consistent *pro*-drop languages are also derived by ellipsis, but only restricted to pronouns (section 3). In section 4, I propose an account of the difference between radical and consistent *pro*-drop languages in terms of a version of the so-called *anti-agreement hypothesis*, according to which languages with rich agreement cannot have syntactic DP-ellipsis. Finally, I discuss Brazilian Portuguese, a language in which Oku's test gives rise to divergent results. The final picture is one in which null subjects across languages come in at least three guises: phrasal ellipsis (Japanese), pronominal ellipsis (Spanish) and NP-anaphora (Brazilian Portuguese, Japanese). In the concluding remarks, I leave open, at least as a theoretical option, the possibility for a third type of null argument, namely: *argument traces*. In effect, on the view to be defended here, traces are just the result of ellipsis, so at least in principle there is no reason to reject the thesis according to which some null subjects in hyper-raising contexts can be derived by movement as originally proposed in Ferreira (2000) and Rodrigues (2004) for Brazilian Portuguese.

## 2 A CRITICISM TO DUGUINE'S UNIFORM ANALYSIS

Duguine proposes a unified phrasal ellipsis theory of null subjects under which all cases of null subjects across languages are cases of phrasal ellipsis. Crucial to Duguine's analysis, of course, is the very nature of Oku's observation, because, if correct, her unified account would not be able to derive the attested patterns across languages. In other words, if all null subjects are elliptical DPs, then the absence of sloppy readings in Spanish for cases like (2) are not correctly ruled out in her system. This is the reason, I think, that leads Duguine to directly attack Oku's generalization. In effect, according to her this is a spurious observation. The point, she argues, is that adding an objective pronoun in the embedded clause in (2b) co-referential with the main subject makes the sloppy reading available (DUGUINE, 2013, p. 442).

(10) A: María cree que [su propuesta le será aceptada (a ella)].  
 Maria believes that POSS proposal CL.3SG.DAT be.FUT accepted to her  
*Lit.* 'Maria believes that her proposal will be accepted to her.'

B: Juan también cree que [[e] le será aceptada (a él)].  
 Juan also believes that CL.3SG.DAT be.FUT accepted to him  
*Lit.* 'Juan also believes that [e] will be accepted to him.'

(sloppy reading OK)

In view of this fact, she proposes a new generalization on sloppy readings for null subjects in Spanish:

(11) **Generalization on the sloppy reading in Spanish**

Possessive pronouns embedded within elided DPs fail to give rise to a sloppy reading when they do not have a local antecedent.

(DUGUINE, 2013, p. 441)

This observation does not seem to follow from any known constraint on sloppy readings in, for instance, well-known ellipsis contexts. Indeed, as Duguine acknowledges, the sloppy reading in (2b) automatically reappears whenever the embedded clause is part of an elliptical TP (see DUGUINE, 2013, p. 444, footnote 33). This fact is derived under the (rough) analysis in (12b) below, where *su propuesta*, which can be co-referential with the matrix subject, is not a null subject, but a full DP contained within the elliptical TP.

- (12) a. María cree que [su propuesta]<sub>i</sub> será aceptada.  
 Maria believes that her proposal be.FUT accepted  
 'Maria believes that her proposal will be accepted.'
- b. Juan<sub>i</sub> también <[ cree que su<sub>i</sub> propuesta/<sub>e</sub><sub>j</sub> será aceptada]>.  
 Juan also believes that his proposal be.FUT accepted  
 'Juan too <believes that it will be accepted>.'

Therefore, (12b) has nothing intriguing; it is just a typical case of sloppy reading under ellipsis. It would be puzzling only if we accepted that Spanish null subjects are elliptical phrases, as Duguine proposes. Therefore, what seems to be suspicious is not Oku's observation but the generalization in (11). Let's see why. First, for my consultants, but apparently not for Duguine's, it is important to have some contrast between the object DPs in parentheses. Without this contrast, the sloppy reading is clearly disfavored and, even thus, speakers' reactions are quite unstable. Duguine's consultants, instead, prefer a null DP object at least in very similar examples (see DUGUINE, 2013, p. 439, footnote 23). In any case, the judgments are not consistent among speakers. Second, speakers' judgments are entirely consistent in cases like the following ones, which do not allow for sloppy readings even when they observe the condition in (11):

- (13) A: Juan<sub>j</sub> cree que [su<sub>j</sub> novia]<sub>i</sub> lo<sub>j</sub> ama (a él<sub>j</sub>).  
 J. believes that his girlfriend CL.ACC.MASC.SG loves ACC him  
 'Juan<sub>j</sub> believes that [his<sub>j</sub> girlfriend]<sub>i</sub> loves him<sub>j</sub>.'
- B: Pedro<sub>k</sub> también cree que [e]<sub>i</sub> lo<sub>k</sub> ama (a él<sub>k</sub>).  
 P. also believes that [e] CL.ACC.MASC.SG loves (to him)  
 'Pedro<sub>k</sub> also believes that she<sub>i</sub> loves him<sub>k</sub>.'

- (14) A: Juan<sub>j</sub> dice que [su<sub>j</sub> madre]<sub>i</sub> lo<sub>j</sub> criticó (a él<sub>j</sub>).  
 J. says that his mother CL.ACC.MASC.SG criticized (to him)  
 'Juan<sub>j</sub> says that [his<sub>j</sub> mother]<sub>i</sub> criticized him<sub>j</sub>.'
- B: María<sub>k</sub> también dice que [e]<sub>i</sub> la<sub>k</sub> criticó (a ella<sub>k</sub>).  
 M. also says that CL.FEM.SG.ACC criticized (to her)  
 'María<sub>k</sub> also says that she<sub>i</sub> criticized her<sub>k</sub>.'
- (15) a. A Juan<sub>j</sub> le<sub>j</sub> pegó [su<sub>j</sub> madre]<sub>i</sub>.  
 to J. CL.3SG.DAT hit his mother  
 '[His<sub>j</sub> mother]<sub>i</sub> hit Juan<sub>j</sub>.'
- b. Pedro<sub>k</sub> espera que [e]<sub>i</sub> no le<sub>k</sub> pegue a él<sub>k</sub>.  
 P. hopes that not CL.3SG.DAT hits to him  
 'Pedro<sub>k</sub> hopes she<sub>i</sub> does not hit him<sub>k</sub>.'
- (16) A: Juan<sub>j</sub> cree que [su<sub>j</sub> madre]<sub>i</sub> le<sub>j</sub> regaló un libro.  
 J. believes that his mother CL.3SG.DAT gave a book  
 'Juan<sub>j</sub> believes that [his<sub>j</sub> mother]<sub>i</sub> gave him<sub>j</sub> a book.'
- B: Pedro<sub>k</sub> también cree que [e]<sub>i</sub> le<sub>k</sub> regaló un libro.  
 P. also believes that CL.3SG.DAT gave a book  
 'Pedro<sub>k</sub> also believes that she<sub>i</sub> gave him<sub>k</sub> a book.'

((13)-(16): [e] = strict reading)

So far, it seems that Duguine's observation does not hold. However, there is still a set of data (those that pattern like the example in (10B)) that produces particular reactions in the speakers. But this, of course, does not lead us to generalize the worst case scenario, since it is well known that sloppy readings are also attested for deep anaphora (i.e., pronouns) under some particular conditions (see Merchant (2013) and the references therein). In effect, my own impression is that data like (10B) and similar ones suppose some type of pragmatic accommodation. The fact that some speakers react allowing a sloppy reading is due to the fact that the strict reading for those particular examples is at odds with our common sense that someone will accept John's proposal to Peter, although the relevant context can be constructed. Recall that my consultants prefer contrasting embedded objects, showing that we are talking about different alternatives for the variable in "x's proposals". For those speakers who accept the sloppy reading when the embedded indirect objects are null, it seems that they have constructed a previous background according to which we were talking about different proposals (John's, Peter's and so on) to be accepted. Alternatively, we can think of this process as the reinterpretation of the null pronoun as a *pronoun of*

*laziness*. If this is the case, the pronoun itself denotes a property anaphora which takes the antecedent NP as antecedent (e.g., simplifying,  $\lambda x$ . Proposal( $x$ )). Type-shifting then introduces the *iota* operator and the dative possessor binds the implicit possessor within the null argument (see TOMIOKA, 2003; BARBOSA, 2019).<sup>4</sup>

More robust data against Duguine's uniform analysis come from the additional observation made in the previous section that while null subjects in Japanese can be ambiguous between a quantificational and an E-type reading (see TAKAHASHI 2008a, 2008b, 2014), Spanish does not. I repeat here examples (5) and (8) for convenience:

(17) a. Sannin-no mahootukai-ga Taroo-ni ai-ni kita.  
three-GEN wizard-NOM Taroo-DAT see-to came  
'Three wizards came to see Taroo.'

b. [e] Hanako-ni-mo ai-ni kita.  
Hanako-DAT-also see-to came  
*Lit.* 'e came to see Hanako, too.'

[e] = the set of wizards are coincident (E-type reading).

[e] = the set of wizards can be divergent (quantificational reading)

(18) a. Tres magos vinieron a ver a Juan.  
three wizards came to see ACC J.

b. [e] Vinieron a ver a Pedro también.  
came to see DOM P. also

(only E-type reading)

Therefore, Duguine's uniform analysis overgenerates quantificational readings in contexts where they are clearly impossible.

A final piece of evidence in favor of the distinction between phrasal DP ellipsis and head ellipsis (or pronoun ellipsis) comes from another consistent *pro*-drop language like Hungarian. Consider first examples like (19), in which only the strict reading is possible:<sup>5</sup>

4 Tomioka introduces the possessor into the resolution of the variable. Then, *iota* type-shifting applies and gives rise to the correct reading. Alternatively, we can resolve the anaphora without the possessor variable and let *iota* operate over a mono-argumental predicate (i.e.,  $\lambda x$ . Proposal( $x$ )). In this case, the possessor dative would locally bind an implicit possessor within the null argument. Indeed, Spanish is a language that allows for binding of a non-overt possessor like in *Juan levantó la mano*, *Lit.* 'Juan raised the hand'. On this alternative, it seems that we need a more articulated structure for projecting the implicit argument anyway. At any rate, nothing depends on this particular alternative.

5 Thanks to Anikó Lipták for the examples and discussion on Hungarian.

As for Takahashi's observation, note now that only the E-reading is grammatical:

- (20) A: Három varázsló meglátogatta Jánost.  
 three wizard visited.3SG János.ACC  
 'Three wizards visited János.'
- B: Meglátogatták Pétert is.  
 visited.PL Péter.ACC too  
 'They visited Péter, too.'

As Anikó Lipták (p.c.) points out, the conjugation on the verb in (20B) has to be plural. In (20A) it is singular, because the noun *varázsló* ('wizard') is singular (after numerals, Hungarian requires singular nouns). In (20B), however, singular agreement is impossible, because the reference is plural:

- (21) \*Meglátogatta Pétert is.  
 visited.SG Péter.ACC too  
 'He visited Péter, too.'

This pattern is compatible with the *pro* or other ellipsis analyses for consistent *pro*-drop languages, but not with Duguine's uniform analysis in terms of DP-ellipsis. Concretely, under a DP-ellipsis analysis like (22), (21) should be grammatical with a singular verb because the elliptical subject is singular:

- (22) \* < Három varázsló > meglátogatta Pétert is.  
 three wizard visited.SG Péter.ACC too

I conclude then that a uniform analysis is not sustained by empirical evidence and that Oku's observation holds together with other empirical differences between radical and consistent *pro*-drop languages discussed above.

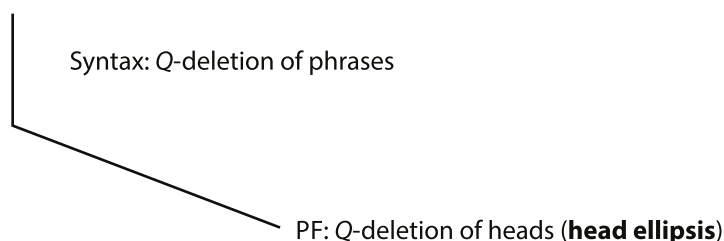
### 3 SURFACE ANAPHORA ALL-THE-WAY-DOWN: AN ALTERNATIVE TO CONSISTENT *PRO*-DROP LANGUAGES

I would like to briefly sketch now the proposal in Saab (2008, 2016) with the modifications in Saab (forthcoming). In broad terms, the theory I adopt pertains to a family of theories whose main thesis is that (at least some) null subjects are derived by ellipsis (PERLMUTTER, 1971; HOLMBERG, 2005, 2010a; ROBERTS, 2010; among others). According to the particular version of this general approach I assume here, ellipsis is an all-the-way phenomenon that consists of an operation which deletes the triggers for vocabulary insertion (as this operation is understood in Distributed Morphology). Depending on the component of the grammar in which ellipsis applies, it affects phrases (when it applies in the syntax) or heads (when it applies at PF). In Saab (forthcoming), I assume what Embick (2015) calls a *replacive* view on vocabulary insertion. On this view, phonological content is added to terminal



nodes by replacing a variable, called *Q*, with the corresponding vocabulary item. If there is no *Q* feature in the terminal node, vocabulary insertion just does not apply. The model has the following general form:

**FIGURE 1 – ELLIPSIS ALL-THE-WAY-DOWN**



Source: elaborated by the author.

Head ellipsis, which is at the core of the present analysis, obeys morphological locality conditions. The operation is defined as follows:<sup>6</sup>

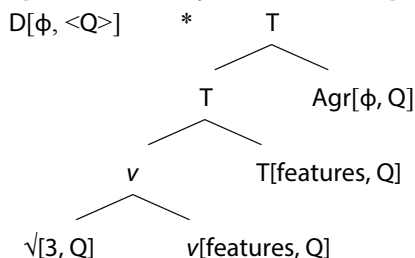
(23) **Head ellipsis (under Q-deletion)**

Given a morphosyntactic word MWd, delete every *Q*-feature contained in MWd if and only if:

- (i) There is an identical antecedent contained in a morphosyntactic word MWd',
- (ii) MWd is adjacent or immediately local to MWd'.

Null subjects of the Spanish type instantiate a case of head ellipsis in the morphology under strict adjacency. In order to get the gist of the proposal, suppose then that null subjects are pronominal DPs that move to Spec,TP in the syntax. At PF, a dissociated morpheme is added to the T node on the basis of the inflectional information encoded in the subject DP. Once linearization takes place, the conditions for *Q*-deletion at PF are met and the pronominal subject is consequently deleted:<sup>7</sup>

(24) **Spanish null subjects as head ellipsis**



<sup>6</sup> Embick & Noyer (2001, p. 574):

- (i) At the input to Morphology, a node  $X^0$  is (by definition) a *morphosyntactic word* (MWd) iff  $X^0$  is the highest segment of an  $X^0$  not contained in another  $X^0$ .
- (ii) A node  $X^0$  is a *subword* (SWd) if  $X^0$  is a terminal node and not an MWd.

<sup>7</sup> I am assuming that roots are mere indexes in the syntax. In the tree in (24), the number 3 stands for such an index.

This analysis for consistent null subject languages automatically accounts for the fact that Spanish does not allow sloppy readings in examples like (2), repeated below:

- (25) a. María cree que su propuesta será aceptada.  
 Maria believes that her proposal be.FUT accepted  
 'Maria believes that her proposal will be accepted.'
- b. Juan también cree que e será aceptada.  
 Juan also believes that it be.FUT accepted  
 'Juan also believes that it will be accepted.'

The sole syntactic object that morphological agreement allows "eliding" is the  $\phi$ -set on the D head of which agreement itself is a mere copy. But note now that a  $\phi$ -set can only be a pronoun and nothing else. Thus, absence of sloppy readings in sentences like (2) follows without any further ado.

In sum, while Japanese argument drop is a case of phrasal ellipsis in the syntax, Spanish null subjects are derived by head ellipsis at PF. In this respect, the analysis makes no difference with the rough analysis in (3) according to which the distinction between Japanese and Spanish boils down to the distinction between surface and deep anaphora:

- (26) a. Japanese: [<sub>IP</sub> ...  $\bar{D}P_{\text{Subject}}$  ... ]  
 b. Spanish: [<sub>IP</sub> ... *pro*<sub>Subject</sub> ... ]

However, under closer inspection, it turns out that the basic facts are directly accounted for under the Q-deletion system with some beneficial consequences. In particular, the Q-deletion approach predicts that some "null" subjects in consistent null subject languages must be pronounced for morphological well-formedness conditions. For instance, as shown in Saab (2008), subwords cannot be deleted if the MWd containing it is not deleted as well. This is called the *Subword Deletion Corollary*. Here is an informal formulation.

(27) **Subword Deletion Corollary (informal)**

Every terminal node contained in a non-elliptical MWd is subject to Vocabulary Insertion.  
 (A non-elliptical MWd is a MWd to which head ellipsis has not been applied.)

North Italian dialects, a variety of consistent null subject languages, confirm this point. Consider the case of Trentino, a language with free inversion of referential subjects but with some obligatory clitic subjects:

(28) **Trentino**

- a. *el* Mario el magna.  
 the Mario he-eats  
 'Mario eats.'

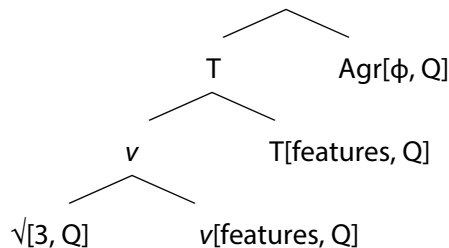
- b. *el magna.*  
he-eats  
'He eats.'
- c. \**magna.*  
eats
- d. *magna el Mario.*  
eats the Mario  
'Mario eats.'

(SAFIR, 1986, p. 336)

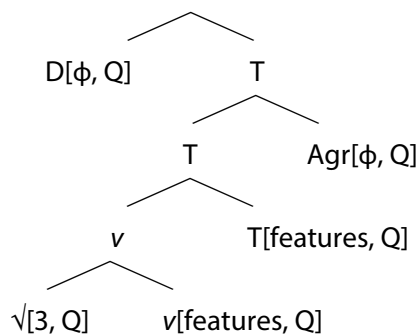
Suppose that the clitic subject incorporates to T by Local Dislocation (LD) at PF. Then, the clitic becomes a subword of a non-elliptical MWd. In order to comply with (27), a Q-feature is added on D, but there are other possible implementations (ordering, syntactic incorporation, etc.):

(29) **Clitic subjects in Northern Italian Dialects: LD bleeds the effects of head ellipsis**

- a. D[ $\phi$ , <Q>] \* T *head ellipsis to the pronominal head*

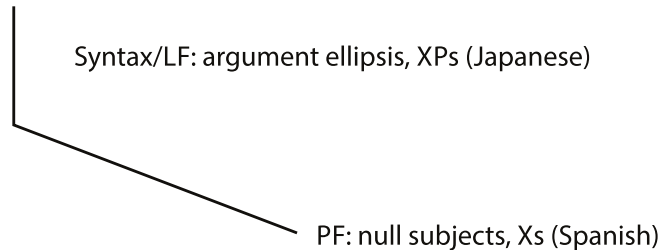


- b. T *local dislocation bleeds non-insertion: add Q to D*



In summary, the different distribution of null subjects in Japanese and Spanish conforms to the typology of ellipsis proposed in this paper, according to which phrases and heads are deleted in the syntax and morphology, respectively.

## FIGURE 2 – SYNTACTIC VS. MORPHOLOGICAL NULL ARGUMENTS



Source: elaborated by the author.

The obvious next question is why Spanish does not have DP ellipsis in the syntax of the Japanese type. This is the theme of the following section.

## 4 ANTI-AGREEMENT REVISITED

The crucial fact to be accounted for under an ellipsis approach to null subjects is why argument ellipsis (i.e., ellipsis of full DPs) is not allowed in Spanish. I have already shown that the difference between radical and consistent *pro*-drop does not reduce to an ellipsis vs. a *pro* analysis; the minimal assumption we need is that, whereas Japanese and related languages allow for DP-ellipsis in the syntax, Spanish only licenses ellipsis of  $\phi$ -sets at PF (*modulo* other cases of topic-drop such as indefinite object drop and similar phenomena).

My implementation of Oku's observation follows the spirit of previous works framed under the so-called *anti-agreement hypothesis* that correlates absence or presence of agreement as a crucial ingredient of the theory of argument ellipsis (see, among many others, SAITO, 2007; TAKAHASHI, 2014). The minimal assumptions we need for accounting for the basic patterns are listed below, some of which are rather uncontroversial:

- (A) There is a principle of recoverability.
- (B) Nominal arguments with phonetic content must have case (K) at PF (i.e., Case Filter).
- (C) Agreement is a PF phenomenon, as assumed in this paper (see also BOBALJIK, 2008; among others).
- (D) In Spanish, but not in Japanese, agreement is parasitic on K. This is the case either because Japanese lacks agreement (see Saito (2007) and references therein) or because it does have abstract agreement but it is not parasitic on K.

Assumptions (A) and (B) do not require further elaboration; they are fairly uncontroversial. The assumption in (C) has already been made in this paper, so it is mainly required by internal considerations. Other implementations in the spirit of my system could be done in a syntactic approach to agreement, but I will not follow this route of analysis here. Finally, the claim in (D) is at the heart of the contrast between radical and consistent *pro*-drop.

It is by no way a novel assumption, as the reader can confirm by comparing previous work under the anti-agreement hypothesis (see, among others, SAITO, 2007; ŞENER; TAKAHASHI, 2010; TAKAHASHI, 2008a, 2008b, 2013, 2014; MIYAGAWA, 2013). Put in a general way, my own view about this assumption is that there is no syntactic difference as far as the mechanism that assigns [nominative] in the syntax (or PF, see Bobaljik (2008)) is concerned; the difference is that Spanish (and related languages) has a PF mechanism of agreement that adds a dissociated agreement morpheme on the basis of a K-marked DP. Simplifying the analysis, we can illustrate the difference between both languages as follows:

(30) **Japanese**

$[_{TP} DP_{K[?]} T ] \rightarrow DP_{K[nominative]}$       Syntax

(31) **Spanish**

a.  $[_{TP} DP_{K[?]} T ] \rightarrow DP_{K[nominative]}$       Syntax  
 b.  $[_{TP} DP_{K[nominative]} T+Agr]$       Agreement at PF

Note now that even when assumption (B) is quite uncontroversial, it implicitly contains a corollary that has not been stressed in the literature on Case, namely, given minimalist assumptions, K is freely assigned to DPs, i.e.,  $DP_{(K)}$ . Put differently, nothing goes wrong with a configuration like this as far as syntax is concerned:

(32)  $[_{TP} DP T ]$       Syntax

Of course, given the assumption in (B) such a configuration will produce a PF crash. We obtain then the following corollary:

(33) **Corollary**

Do not spell out (i.e., do not pronounce) a K-less DP.

This situation gives a legitimate result in the syntax/LF, provided that the principle of recoverability is satisfied (see assumption A). At PF, however, the result is divergent depending on the language: whereas the object (34b) is legitimate in Japanese, a language without morphological agreement, it is illegitimate in Spanish (35b), because, by Assumption (D), the morpho-phonological properties of T cannot be satisfied at this level.

(34) a. Syntax (OK):  $\begin{array}{c} TP \\ / \quad \backslash \\ DP \quad T' \end{array}$       b. PF (OK):  $\langle DP \rangle * T$       *Japanese*

(35) a. Syntax (OK):  $\begin{array}{c} TP \\ / \quad \backslash \\ DP \quad T' \end{array}$       b. PF (\*):  $\langle DP \rangle * T_{\phi}$       *Spanish*

In the terms of this paper, we can assume that a K-less DP is subject to Q-deletion in the syntax. This is locally determined by the computational system: a K-less argument DP is

automatically elided in the syntax by local inspection internal to the DP structure. Of course, other alternatives are also conceivable. At any rate, what is worth noting now is that the direct prediction of this analysis is that argument ellipsis is ellipsis of a Caseless argument. This prediction was already confirmed in the literature by Saito (2007), who also claims that null arguments in Japanese are Caseless. He convincingly shows that this is indeed the case in Japanese on the basis of the well-known alternation between genitive and nominative subjects in this language (all data from Saito (2007)):

- (36) a. [ Taroo-ga /-no itta ] tokoro  
           T.-NOM/-GEN   went   place  
           'the place where Taroo went'
- b. Taroo-ga /\*-no soko -e itta  
           T.-NOM/-GEN   there-to went  
           'Taroo went there.'

As Saito shows, the occurrence of an accusative argument in cases like (36a) prevents the occurrence of a genitive subject:

- (37) \*[ Taroo-no hon -o katta ] mise  
        T.-GEN    book-ACC bought shop  
        'the shop where Taroo bought a book'

Compare with the cases in (38), where no accusative argument is present:

- (38) a. [ Taroo-no kino        itta ] tokoro  
           T.-GEN    yesterday went place  
           'the place where Taroo went yesterday'
- b. [ Taroo-no<sub>i</sub> t<sub>i</sub> taihosareta ] tokoro  
           T.-GEN    arrested-was place  
           'the place where Taroo was arrested'

Now, the contrast in (40) below clearly demonstrates that null objects in Japanese do not have accusative case, confirming the idea that elliptical arguments in Japanese are Caseless DPs:

- (39) **Context**  
 Zi-roo-ga hazimete       Nagoya-ni kuru-node, minna-ga iroirona basyo-ni kare-o  
 Z.-NOM   for the first time N.-to    come-since all -NOM   various place -to he -ACC  
 turete iku yotei-desu  
 take    plan -is  
 'Since Zi-roo is coming to Nagoya for the first time, the plan is for everyone to take him to various places.'

- (40) a. \*[ Hanako-no *kare-o* turete iku ] tokoro-wa Nagoya-zyoo –desu.  
H.-GEN he -ACC take place -TOP Nagoya Castle-is
- b. [ Hanako-no *pro* turete iku ] tokoro-wa Nagoya-zyoo –desu.  
H.-GEN *pro* take place -TOP Nagoya- Castle-is  
'the place that Hanako is taking him is the Nagoya Castle'

Thus, argument ellipsis is derived as case of phrasal Q-deletion of caseless DPs.

An immediate advantage of this approach is that it explains why the phenomenon is not attested in adjunct position. In effect, in a sentence like (41b) you cannot interpret that John did not wash a car carefully, but only that he did not wash a car:

- (41) a. Bill-wa kuruma-o teineini aratta.  
Bill-TOP car-ACC carefully washed  
'Bill washed a car carefully.'
- b. John-wa *e* arawanakatta  
John-TOP washed.not  
*Lit.* 'John didn't wash *e*.'

(TAKAHASHI, 2014, p. 94)

As far as I know, this is a very general pattern across languages. If the proposal I am making here is correct, then the ban of adjunct ellipsis follows because adjuncts simply do not have a structural K feature.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Takahashi (2014) conjectures that argument ellipsis must be licensed by some selecting head, which is the case with arguments but not with adjuncts. So the problem with adjuncts is not identification but licensing. However, this conjecture cannot be on the right track. Consider the English example in (i):

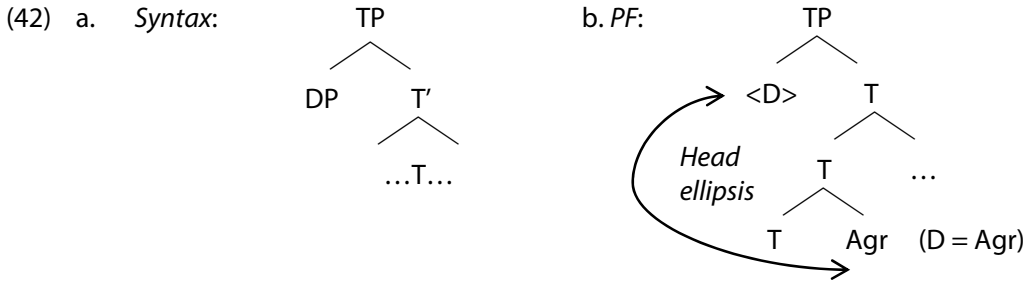
- (i) \*John loves his son and Peters also loves.

Under the anti-agreement hypothesis, the ungrammaticality of (i) has to be connected to the fact that direct objects in English participate in agreement with *v* and consequently cannot be elided. Now consider (ii):

- (ii) A: The solution to John<sub>i</sub>'s problems depends on his<sub>i</sub> son.  
B: \*The solution to Peter<sub>k</sub>'s problems also depends <on his<sub>i/k</sub> son>.

What accounts for the ungrammaticality of (iiB) now? I see no obvious solution for Takahashi's account of (41) because: (a) the prepositional complement in (ii) is obviously selected by the main verb and, (b) arguably, no agreement relation is at play here between the PP complement and little *v*. Of course, the fact that there is no agreement here can be demonstrated as false, but this would require strong empirical evidence. Under the analysis proposed here, instead, this follows just because prepositional complements of this type are not endowed with a K feature.

Note now that the reasons that prevent DP-ellipsis in Spanish license the so-called *pro*-drop property: a pronoun induces agreement at PF and, precisely, by virtue of such an operation this pronoun can be subject to Q-deletion under formal identity. The trees in (42) illustrate the derivation of null subjects in Spanish in a simplified way ((42b) does not make reference to linearization only for expository convenience):



As observed above, agreement only licenses Q-deletion of pronominal entities (i.e.,  $\phi$ -sets) under identity. Crucially, phrases cannot be deleted under agreement. Hence, we derive Oku's observation in a theory that conceives of both types of null subjects in Spanish and Japanese as derived via ellipsis and that, at the same time, avoids all the problems mentioned in connection to Duguine's theory.

## 5 PARTIAL *PRO*-DROP VS. RADICAL *PRO*-DROP: SOME SPECULATIONS

Partial *pro*-drop languages of the BP type have two main properties, namely: (i) null generics and (ii) anaphoric third person null subjects in embedded position.

(43) a. *Aqui pode fumar.*  
 here can.3SG smoke  
 'You/can smoke.'

b. *Aqui conserta sapatos.*  
 here repair.3SG shoes  
 'One repairs shoes.'

(KATO, 1999, p. 5)

(44) a. *Ninguém acha que [e] é estúpido.*  
 nobody thinks that is stupid  
 'Nobody<sub>i</sub> thinks that he<sub>i</sub> is stupid.'

b. *O João disse que [e] comprou um carro.*  
 the John said that bought+S3rd a car.  
 'John<sub>i</sub> said that he<sub>i</sub> has bought a car.'

(KATO, 1999, p. 5)



- (45) a. \*O João disse [que a Maria acha [que e é bonito]]  
the J. says [that the M. believe [that e is pretty]]
- b. \*A mãe do João acha [que e é bonito]  
the mother of J. believes [that e is pretty]

(FERREIRA, 2000, p. 20)

It seems then that Oku's observation cannot be tested in partial *pro*-drop languages. I have obtained however two types of reactions depending on the speaker, those that apparently behave as Spanish speakers (although see below) and those that react as Japanese ones.

- (46) A: João disse que sua proposta será aceita.  
J. says that his proposal will-be accepted  
'J. says that his proposal will be accepted.'
- B: Pedro também disse que [e] será aceita.  
P. also says that will-be accepted  
'P. also says that it will be accepted.'

(strict reading: OK, sloppy reading: %)

Crucially, all the consulted speakers are partial *pro*-drop in the sense that they allow null generics in the relevant contexts (see the examples in (43)). There are various speculations to be done in this respect. First, it is important to stress at this point that, as observed by Kato (2011), null generics seem to be part of the core grammar acquired by BP children, but anaphoric null subjects are acquired late not as part of the acquisition process but because of schooling. But interestingly schooling does not convert speakers into consistent *pro*-drop ones, because there is no available mechanism such as head ellipsis in the core grammar to produce the correct output. At least two strategies seem to be available in general for non-*pro*-drop speakers: (i) empty NP-anaphora or (ii) phrasal DP ellipsis of the Japanese type. Depending on the language and other overlapping factors, the two strategies are indeed attested and have already proposed in the literature. The DP ellipsis analysis seems to be unavoidable in Japanese if we want to derive Oku's observation (and also Takahashi's one), but Chinese, instead, where sloppy readings are not attested in subject position (see (47) from Takahashi (2008a, 2014); see also Miyagawa (2013) and Barbosa (2019), among others, for discussion), could be a case in which only NP anaphora are available.

- (47) a. Zhangsan shuo ziji de haizi xihuan Xiaohong.  
Zhangsan say self of child like Xiaohong  
'Zhangsan said his child liked Xiaohong.'
- b. Lisi shuo e xihuan Xiaoli.  
Lisi say like Xiaoli  
'Lit. Lisi said e liked Xiaoli.'

(only strict reading)

Recall that Japanese also makes use of deep anaphora (say, null NP anaphora). This is how the language resolves the strict reading for cases like (1), which are similar to (47). Either way, it seems to be implausible to claim that Chinese simply lacks argument ellipsis in view of the fact that the strict/sloppy interpretation is attested in object position:

- (48) a. Zhangsan bu xihuan guanyu ziji de yaoyan.  
 Zhangsan not like about self of rumor  
 'Zhangsan does not like rumors about himself.'
- b. Lisi ye bu xihuan e.  
 Lisi also not like  
*Lit.* 'Lisi does not like *e*, either.'

(OTANI; WHITMAN, 1991 apud TAKAHASHI, 2014, p. 105)

And the language also has the quantificational / E-type ambiguity in object position:

- (49) Wo zhaodao-le liangben shu; ta ye zhaodao-le e.  
 I find-ASP two book he also find-ASP  
*Lit.* 'I found two books; he also found *e*.'

(LI, 2008 apud TAKAHASHI, 2014, p. 105)

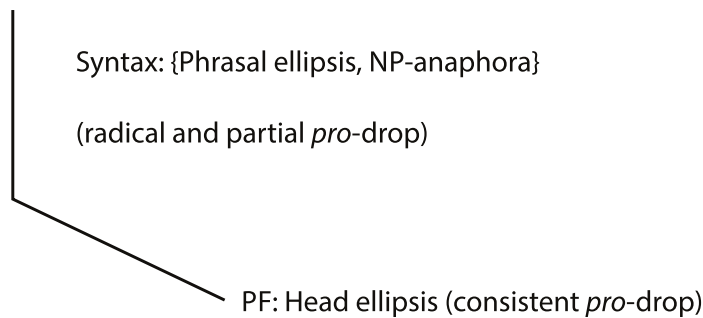
Furthermore, and this is crucial, the language does not have morphological agreement, so in principle Chinese is an excellent candidate for argument ellipsis in general. It would be the case that the reason why it does not have DP ellipsis in subject position is connected to the topic nature of such a position. This is argued at length in Barbosa (2019), who elaborates on ideas by Sato (2012). Concretely, she claims that "the subject is a topic in Chinese and a topic must refer to an entity established in the discourse" (BARBOSA, 2019, p. 519). This claim is made under her general theory of *pro*-drop as null NP-anaphora, but in principle the claim is independent of such theory and compatible with the present one, according to which some null subjects are cases of DP-ellipsis.

Coming back to BP, given the reactions provided by my BP consultants, it seems that there is a split between those who react as Japanese speakers and those who react as Chinese ones. Although of course further research is needed in this respect, it is interesting to note that BP speakers do not seem to react as *pro*-drop speakers, i.e., they do not have head ellipsis of pronouns.

## 6 CONCLUDING REMARKS

The final picture is illustrated in the following scheme:

**FIGURE 3 – TYPES OF NULL ARGUMENTS**



Source: elaborated by the author.

According to this model there are three types of null arguments: (i) elliptical pronouns, (ii) elliptical (full) DPs and (iii) NP anaphora. Consistent *pro*-drop languages are head ellipsis languages, i.e., languages in which pronouns are deleted at PF after morphological agreement. Radical *pro*-drop languages are languages in which arguments can be deleted by phrasal ellipsis in the syntax, but which also use null NP anaphora. Partial *pro*-drop, as argued at length by Barbosa (2019), can be reduced to the radical *pro*-drop type, although there are still many remaining issues; in particular, it has to be determined whether the language makes use of argument ellipsis.

Before concluding, I would like to stress a final point. In principle, I see no empirical or conceptual reason to reject cases of phrasal movement in hyper-raising contexts to account for some types of embedded null subjects in partial *pro*-drop languages, in consonance with proposals like those in Ferreira (2000) or in Rodrigues (2004). Indeed, I think that we can get a better understanding of null subject phenomena across languages if we accept that this strategy is in principle available for partial *pro*-drop languages. If this is the case, then some null subjects are traces, i.e., a particular type of elliptical object. Under closer inspection, it turns out that the types of null subjects attested in non-consistent *pro*-drop languages form a natural class connected to general properties of the agreement-Case system of a given language. On the one hand, it should be the case that bare NPs (even  $\phi$ Ps) fail to be pronounced because of the Case Filter (see Assumption (B) above): Case is a property of DPs. Of course, Caseless DPs fail to be pronounced for the same reason. So empty NP anaphora and DP-ellipsis form a class of natural phenomena as far as their PF nature is concerned; the difference between them boils down to the difference between deep and surface anaphora, respectively. In this way, we also capture the observation by Tomioka (2003), stressed and further elaborated by Barbosa (2019), that there is a correlation between the productive distribution of bare NPs in a given language and radical *pro*-drop. Given our assumptions between agreement and Case, the availability of the phenomenon should be allowed only in those languages in which there is no agreement at all or in which

agreement and Case are not connected in the way stated by assumption (D). In sum, NP anaphora and DP-ellipsis are allowed to different extents in languages in which K is not a prerequisite for agreement to take place. Then, the extent to which a given language allows for DP-ellipsis or empty NP-anaphora (and different projections of empty Ns) or both should be explored in a case by case fashion.

Now, as mentioned, some part of the literature is also committed with the idea that certain anaphoric subjects both in finite and non-finite contexts are derived by A-movement. Roughly, under such an approach, a case of hyper-raising is analyzed in the following way:

- (50) Os meninos parecem que <os meninos> gritam.  
 the children seem.PL that the children shout.PL  
 'The children seem to shout.'

If the system I presented in section 3 is on track, then traces of arguments are just elliptical DPs: Movement is Copy plus Q-deletion to lower copies. Suppose that a DP with a K feature moves in order to value this feature. The minimal assumption is that the K feature is valued only for the copy in the landing position, but not for the lower one, which is, I think, the default hypothesis (see Nunes (2004) for extensive discussion). Now, a copy with an unvalued K feature fails to be pronounced by the Case filter. This is the simpler way in which a copy of a nominal argument is elided, because it only requires local inspection within the structure of the DP (see above). Once the system recognizes a DP copy with an unvalued K feature Q-deletion automatically applies. This idea can now be extended to all copies with a K feature, regardless of valuation. In other words, copy deletion for a K-specified argument is deletion of its K feature. I think this is a natural conclusion if economy plays some role in the UG design, where local operation wins over non-local or less local ones. Again, this forces us to draw a fundamental division between arguments and adjuncts, because for adjunct copies to be deleted we need a different mechanism, one that is not strictly local and, which as a minimum, requires searching an antecedent to delete the relevant copies. Therefore, we expect argument-adjunct asymmetries in the realm of copy deletion, similar to what we find in the realm of DP-ellipsis in Japanese, where adjuncts cannot be subject to ellipsis (see (41)). Such asymmetries are indeed well known and involve for instance relativized minimality effects:

- (51) a. ?Qué te preguntás quién compró <qué>  
 what CL.2P wonder.2P who bought <what>  
 'What do you wonder who bought?'
- b. \* Cuándo te preguntás quién compró un auto <cuándo>  
 when CL.2P wonder.2P who bought a car <when>  
 'When do you wonder who bought a car?'

For the object copy to be deleted in (51a) an antecedent is not required because the K feature of the direct object copy is enough to induce Q-deletion. Such a possibility of course is not available with an adjunct copy which must be deleted through the localization of a

local, c-commanding antecedent (i.e., the higher copy). Closeness plays a role here as in other cases of ellipsis. In the case at hand, a *wh*-element like *quién* blocks deletion of the adjunct copy. It seems then that we have empirical reasons to think of argument ellipsis and copy deletion as forming a natural class of phenomena.<sup>9</sup>

In sum, I leave open the possibility that null arguments in the syntax might be the result of three independent available mechanisms: (i) NP-anaphora, (ii) DP-ellipsis or, (iii) Copy Deletion. Strictly speaking, the first strategy goes from having a non-projected argument in the syntax to different sorts of NP projections. Different tests, like binding, should be constructed in order to show what level of projection a given NP anaphora has in a particular language. At any rate, this strategy reduces to a type of deep anaphora strategy. Instead, DP-ellipsis and Copy Deletion should be thought of a type of surface anaphora phenomenon. The distinction between both can be detected under usual tests of movement and ellipsis (island effects, for Copy Deletion, or occurrence across the discourse, for DP-ellipsis). Both phenomena, however, display a similar behavior in other relevant domains. I have shown, for instance, that argument-adjunct asymmetries are attested for DP-ellipsis and Copy Deletion. In a broader perspective, then, different types of syntactically licensed null subjects boil down to the indubitable existence of deep and surface anaphora across languages. In this respect, again, a general theory of ellipsis seems to be superior to its competitors. A crucial novelty of this paper, however, is that null subjects of consistent *pro*-drop languages should not be confused with any of the syntactic strategies discussed here. In terms of the deep vs. surface anaphora distinction, these null subjects are surface anaphora of an underlying pronoun (i.e., deletion of a deep anaphora) and this phenomenon must be kept apart from NP-anaphora phenomena.

---

<sup>9</sup> The connection between relativized minimality effects and case is not new: Kitahara (1999) also relates the contrast observed in (51) to Case theory, although his implementation is clearly different to the suggestion made here that the underlying reason that explains such a contrast is locality for phrasal ellipsis.

## REFERENCES

BARBOSA, Pilar. *Pro* as a Minimal *nP*: Toward a Unified Approach to Pro-Drop. *Linguistic Inquiry*, v. 50, p. 487-526, 2019.

BOBALJIK, Jonathan. Where's Phi? Agreement as a Post-Syntactic Operation. In: HARBOUR, Daniel; ADGER, David; BÉJAR, Susana (ed.). *Phi-Theory: Phi Features across Interfaces and Modules*. Oxford: Oxford University Press, 2008. p. 295-328.

DUGUINE, Maia. *Null Arguments and Linguistic Variation: A Minimalist Analysis of Pro-Drop*. Phd dissertation, University of the Basque Country/University of Nantes, 2013.

ELBOURNE, Paul. E-type Anaphora as NP-Deletion. *Natural Language Semantics*, v. 9, p. 241-288, 2001.

ELBOURNE, Paul. Demonstratives as Individual Concepts. *Linguistics and Philosophy*, v. 31, p. 409-466, 2008.

ELBOURNE, Paul. *Definite Descriptions*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

EMBICK, David. *The Morpheme: A Theoretical Introduction*. Berlin: de Gruyter Mouton, 2015.

EMBICK, David; NOYER, Rolf. Movement Operations after Syntax. *Linguistic Inquiry*, v. 32, p. 555-595, 2001.

GIANNAKIDOU, Anastasia; MERCHANT, Jason. On the Interpretation of Null Indefinite Objects in Greek. *Studies in Greek Linguistics*, v. 17, p. 141-155, 1997.

FERREIRA, Marcelo. *Argumentos nulos em português brasileiro*. Master Thesis, UNICAMP, 2000.

HANKAMER, Jorge; SAG, Ivan. Deep and Surface Anaphora. *Linguistic Inquiry*, v. 7, p. 391-426, 1976.

HOLMBERG, Anders. Is There Little *Pro*? Evidence from Finnish. *Linguistic Inquiry*, v. 36, p. 533-564, 2005.

HOLMBERG, Anders. Null Subject Parameters. In: BIBERAUER, Theresa; HOLMBERG, Anders; ROBERTS, Ian; SHEEHAN, Michelle (ed.). *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010a. p. 88-124.

HOLMBERG, Anders. The Null Generic Subject Pronoun in Finnish: A Case of Incorporation in T. In: BIBERAUER, Theresa; HOLMBERG, Anders; ROBERTS, Ian; SHEEHAN, Michelle (ed.). *Parametric Variation: Null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010b. p. 200-230.

KATO, Mary. Strong and Weak Pronominals in the Null Subject Parameter. *Probus*, v. 11, p. 1-37, 1999.

KATO, Mary. Acquisition in the Context of Language Change: The Case of Brazilian Portuguese. In: RINKE, Esther; KUPISCH, Tanja (ed.). *The Development of Grammar: Language Acquisition and Diachronic Change*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 309-330.

KITAHARA, Hisatsugu. Eliminating \* as a Feature (of Traces). In: EPSTEIN, Samuel D.; HORNSTEIN, Norbert (ed.). *Working Minimalism*. Cambridge, Mass.: MIT Press. p. 77-93.

MIYAGAWA, Shigeru. Surprising Agreements at C and T. Talk given at *Romania Nova VI*, Natal, Brazil, 2013.

NUNES, Jairo. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2004.

OKU, Satoshi. *A Theory of Selection and Reconstruction in the Minimalist Perspective*. PhD dissertation, UConn, 1998.

PERLMUTTER, David. *Deep and Surface Constraints in Generative Grammar*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.

ROBERTS, Ian. A Deletion Analysis of Null Subjects. In: BIBERAUER, Theresa; HOLMBERG, Anders; ROBERTS, Ian; SHEEHAN, Michelle (ed.). *Parametric Variation: Null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 58-87, 2010. p. 58-87.

RODRIGUES, Cilene. *Impoverished Morphology and A-Movement out of Case Domains*. PhD dissertation, University of Maryland, 2004.

SAAB, Andrés. Ellipsis. Its Way from Syntax to PF. In: GÜNEZ, Güliz; LIPTÁK, Anikó (ed.). *The Timing of Ellipsis*. Oxford: Oxford University Press. Forthcoming.

SAAB, Andrés. Nominal Ellipsis. In: TEMMERMAN, Tanja; VAN CRAENENBROECK, Jeroen (ed.). *The Oxford Handbook of Ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 526-561.

SAAB, Andrés. On the Notion of Partial (Non-)Pro-Drop in Romance. In: KATO, Mary; ORDÓÑEZ, Francisco (ed.). *The Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 49-77.

SAAB, Andrés. *Hacia una teoría de la identidad parcial en la elipsis*. PhD dissertation, Universidad de Buenos Aires, 2008.

SAFIR, Ken. Subjects Clitics and the NOM-DROP Parameter. In: BORER, Hagit; GRODZINSKY, Yossef (ed.). *Syntax and Semantics 19: The Grammar of Pronominal Clitics*. New York: Academic Press, 1986. p. 333-356.

SAITO, Mamoru. Notes on East Asian Argument Ellipsis. *Language Research*, v. 43, p. 203-227, 2007.

SATO, Yosuke. LF Copy, Definiteness and Argument Ellipsis in Javanese. Ms., National University of Singapore, 2012.

ŞENER, Serkan; TAKAHASHI, Daiko. Ellipsis of Arguments in Japanese and Turkish. *Nazam Linguistics*, v. 6, p. 79-99, 2010.

TAKAHASHI, Daiko. Noun Phrase Ellipsis. In: MIYAGAWA, Shigeru; SAITO, Mamoru (ed.). *The Oxford Handbook of Japanese Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008a. p. 394-422.

TAKAHASHI, Daiko. Quantificational Null Objects and Argument Ellipsis. *Linguistic Inquiry*, v. 39, n. 2, p. 307-327, 2008b.

TAKAHASHI, Daiko. Argument Ellipsis in Japanese and Malayalam. *Nazam Linguistics*, v. 9, p. 173-192, 2013.

TAKAHASHI, Daiko. Argument Ellipsis, Anti-Agreement, and Scrambling. In: SAITO, Mamoru (ed.). *Japanese Syntax in Comparative Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 88-116.

TOMIOKA, Satoshi. The Semantics of Japanese Null Pronouns and Its Cross-Linguistic Implications. In: SCHWABE, Kerstin; WINKLER, Susanne (ed.). *The Interfaces: Deriving and Interpreting Omitted Structures*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 321-340.

Invited paper.

Paper received and accepted on August 1, 2020.





***SQUIBS***

*SQUIBS*

*SQUIBS*





# LOS NOMBRES ESCUETOS “LOCATIVOS-INSTITUCIONALES” EN ESPAÑOL RIOPLATENSE

---

CAROLINA OGGIANI\*

---

## RESUMEN

En este *squib* identificamos un grupo de nombres singulares contables escuetos, propios del español del Río de la Plata, que tienen la capacidad de ocupar cualquier posición sintáctica. Si bien se trata de un fenómeno restringido léxicamente, sostenemos que estos escuetos presentan un comportamiento productivo y sistemático. Considerando que el español dispone de un paradigma rico de determinantes, aquí nos proponemos explicar, desde una perspectiva semántica, por qué estos escuetos pueden ocupar posiciones argumentales. Con tal fin, presentamos una serie de diagnósticos que ponen en evidencia su lectura definida singular individual. En particular, nuestra propuesta los integra a la clase de nombres propios, en cuanto establecen una relación biunívoca con su referente y conforman, por tanto, un sintagma determinante. Sin embargo, a diferencia de los nombres propios canónicos, estos escuetos son originalmente nombres comunes y se caracterizan por que, además de su significado literal, añaden un significado enriquecido. A saber, se interpretan como una locación que posee (en sentido amplio) el hablante, quien desempeña allí alguna tarea convencional. Los datos aquí presentados sugieren que el paradigma de nombres escuetos en español es más amplio que el relevado hasta ahora en la literatura.

**Palabras claves:** nombres escuetos, español rioplatense, nombres propios

## ABSTRACT

In this *squib* we identify a group of bare singular count nominals in Rioplatense Spanish that can occupy any syntactic position. Even though it is considered to be a lexically restricted phenomenon, we argue for their productivity and systematic behavior. Considering that Spanish has rich determiner system, we depart from a semantic perspective to explain why these bare nouns appear in argument positions. To this end, we present some tests that aim to show their singular individual definite reading. In particular, our proposal assimilates them into the class of proper names, in that they are DPs which establish a biunivocal relation with their referent. However, they differ from canonical proper names, given that they are originally common nouns and on top of their literal meaning, they also add some enriched meaning. That is to say, they are interpreted as a location that belongs (in broad terms) to the speaker, who performs a conventional task in there. This data suggests that the paradigm of Spanish bare singulars is broader than what the literature has so far attested.

**Keywords:** bare singulars, River Plate Spanish, proper names

---

\* Universidad de la República, UdelaR, Uruguay. *E-mail:* carolinaoggiani@gmail.com.

## 1 INTRODUCCIÓN

Los estudios sobre los nombres singulares escuetos que ocupan posiciones argumentales en español se remontan a los aportes de Bosque (1996) y Laca (1999). En particular, estos estudios se han centrado en el comportamiento de los nombres singulares escuetos en posición de complemento directo de verbos transitivos intensionales y de posesión. Más recientemente, Espinal (2010) y Espinal y McNally (2011) han retomado el análisis de estos datos, como los ilustrados en (1) y (2). De acuerdo con las autoras, estos escuetos constituyen expresiones predicativas y, mediante un proceso de seudoincorporación semántica, pasan a funcionar como un predicado verbal.

(1) María busca novio.

(2) Juan alquiló/tiene casa.

El español rioplatense presenta un paradigma más amplio de nombres singulares sin determinante, hasta ahora inexplorados en la bibliografía. Este *squib* discute la naturaleza semántica de un tipo de escuetos, a saber, ciertos nombres singulares que tienen la libertad de ocupar cualquier posición sintáctica, como los consignados en (3)-(7).<sup>1</sup>

(3) **Facultad** hoy está cerrada de mañana.

(4) **Farmacia** queda en primer piso.

(5) El expediente pasa a **Consejo** y luego **Consejo** reparte.

(6) Remodelaron **Rectorado** el mes pasado.

(7) La auditora va hacia **tesorería** en este momento.

Estos escuetos suponen un desafío para la teoría lingüística, pues parecen desafiar el supuesto de que en español los argumentos canónicos deben constituir un Sintagma Determinante (SD). Así, los objetivos de este *squib* son, por un lado, brindar evidencia empírica a favor de que el español del Río de la Plata dispone de un paradigma más amplio de nombres escuetos, hasta ahora no estudiados en profundidad y, por otro lado, explorar la hipótesis de que estos escuetos se comportan como verdaderos argumentos nominales con una interpretación definida individual, análoga a la de los nombres propios.<sup>2</sup>

1 Los ejemplos estudiados en este trabajo no están restringidos a un género textual en particular; provienen de distintas fuentes, tales como correos electrónicos, conversaciones espontáneas y artículos de prensa. Vale acotar que no conforman un *corpus*, ya que no han sido recolectados de manera sistemática.

2 Queda por fuera del alcance de este *squib* la discusión de las propuestas que tratan los nombres escuetos como expresiones genéricas, ya sea de tipo o subtipo (CARSLON, 1977; MÜLLER, 2000; OLIVEIRA; ROTHSTEIN, 2011; AGUILAR-GUEVARA, 2014; entre otros). Por el contrario, aquí partimos del supuesto de que estos escuetos tienen un carácter unívoco, de un modo similar al que sostienen Longobardi (1997) para el italiano y Stvan (2009) para el inglés.

En ese sentido, aquí retomamos la observación de Laca (1999) en cuanto a que estos escuetos en español designan una locación única, dentro de un contexto comunicativo compartido. Sin embargo, a diferencia de los nombres propios clásicos, que en español alternan entre presencia y ausencia de determinante, estos escuetos exigen la ausencia de un determinante expreso. Dicha ausencia genera un significado enriquecido, a saber, que el hablante involucrado en el evento posee, en un sentido amplio, esa locación, pues desempeña allí alguna tarea convencional (BOSQUE, 1996).

El texto se estructura de la siguiente manera. En la sección 2 proponemos algunos diagnósticos que sugieren que estos escuetos están restringidos léxicamente a locaciones institucionales y que tienen una lectura definida singular individual. En la sección 3 presentamos una propuesta semántica, que pretende formalizar el significado de estos escuetos en tanto nombres propios. La sección 4 se cierra con algunas observaciones finales.

## 2 PROPIEDADES SEMÁNTICO-SINTÁCTICAS DE LOS ESCUETOS INSTITUCIONALES-LOCATIVOS

En esta sección se analizan algunas de las propiedades semántico-sintácticas de los escuetos, con el fin de brindar evidencia a favor de una lectura definida individual, con el agregado de un significado enriquecido.<sup>3</sup> Los diagnósticos que proponemos son los siguientes: restricciones léxicas, ámbito de alcance, interpretación de número, enriquecimiento semántico y tipo de modificación.

En primer lugar, vale decir que se trata de construcciones productivas en el español rioplatense, aunque están sujetas a fuertes restricciones léxicas. La restricción léxica impone que solo algunos nombres que designan locaciones institucionales, y no todos, puedan entrar en este tipo de configuraciones, tal como se muestra en (8) y (9).

(8) Todo eso lo veo muy asociado a lo que aprendí en facultad/ \*instituto/ \*escuela.

(9) Encontré fiscalía/ \*hospital/ \*salón cerrado hoy de mañana.

Específicamente, entendemos que estos nombres designan una subsección de una institución (LACA, 1999). Por ello, la agramaticalidad de las siguientes oraciones se debe a que los nombres no seleccionan una subsección, sino la institución mayor.

(10) \*Club queda cerca de mi casa. / \*Voy a club.

(11) \*Parque está contaminado. / \*Fui a parque el sábado.

<sup>3</sup> Retomamos la noción de *enriquecimiento semántico* de Carlson y Sussman (2005) y sus subsecuentes trabajos, en el sentido de que la construcción en cuestión agrega un significado no composicional. Sin embargo, aquí no asumimos un análisis seudoincorporacionista, típicamente asociado a esta noción.

En segundo lugar, estos escuetos admiten exclusivamente alcance amplio (12a) —y nunca alcance estrecho (12b)—, por lo que solo tienen alcance por encima de los operadores, en este caso, del cuantificador universal. Dicho de otro modo, el escueto carece de una lectura distributiva, razón por la cual en (12b) no es posible interpretar que cada estudiante está en una secretaría distinta. Por el contrario, en (12a) el escueto tiene una lectura colectiva y es por ello que se puede parafrasear como ‘Todos los estudiantes están en la misma secretaría’. Este comportamiento es compatible con la hipótesis de que estos nombres establecen una referencia biunívoca con el objeto designado.

- (12) Todos los estudiantes están en secretaría.
- Disponible:  $\exists y[\text{secretaría}(y) \ \& \ \forall x[\text{estudiante}(x) \rightarrow \text{estar-en}(x,y)]]$
  - No disponible:  $\forall x[\text{estudiante}(x) \rightarrow \exists y[\text{secretaría}(y) \ \& \ \text{estar-en}(x,y)]]$

En tercer lugar, los escuetos preservan la identidad de su denotación. Así, solo un individuo único y familiar satisface el contenido descriptivo del nombre escueto. Este comportamiento queda demostrado mediante contextos de elipsis verbal, mediante contextos en que el escueto es retomado anafóricamente y mediante la reposición de un determinante expreso. Como se ve en los siguientes ejemplos, ante casos de elipsis verbal, los escuetos mantienen la identidad estricta con su antecedente. Así, la información contenida en el Sintagma Verbal (SV) omitido coincide siempre con la información del primer SV. Por tanto, la única interpretación posible en (13) es que Sara y Facundo están en la misma biblioteca y en (14), que el estudiante y el profesor se encuentran en la misma facultad.

(13) Sara está en biblioteca y Facundo también.

(14) El estudiante está en facultad y el profesor también.

Asimismo, a favor de su lectura definida singular, mostramos que solo pueden ser retomados por un pronombre singular definido (15a), rechazando, así, el pronombre definido plural (15b), el indefinido singular (15c) y el indefinido plural (15d).

- (15) Bedelía abre todas las mañanas de 9-12.
- De tarde la encontrás cerrada.
  - \*De tarde las encontrás cerradas.
  - \*De tarde encontrás una cerrada.
  - \*De tarde encontrás unas cerradas.

En la misma dirección, su lectura definida singular se comprueba mediante la reposición de determinantes. En efecto, de reponer un determinante sin alterar su valor semántico, como se ilustra en (16), solo es posible el determinante definido fuerte, que habilita la lectura de unicidad.

(16) En este momento el decano está en rectorado/ el rectorado/\*un rectorado/\*ese rectorado.

En cuarto lugar, los escuetos presentan cierto grado de enriquecimiento semántico. Esto es, además de su significado literal o composicional, agregan cierto matiz de significado que no se desprende del significado de la suma de sus partes, como se ve en (17).

(17) Hoy voy a facultad.

Significado literal: Voy a la facultad.

Significado no literal: Voy a la facultad de la que yo soy estudiante/profesor.

Este ejemplo confirma que, además de referir a entidades definidas singulares, los escuetos se interpretan como un lugar de pertenencia de quien profiere la oración. Así, de cumplirse esta condición de posesión entre el hablante y la entidad designada por el escueto, es de esperar que frente a un contexto que cancele la presuposición del significado no literal, se generen oraciones pragmáticamente infelices.

(18) Contexto: el cartero va a llevar algunos sobres a la facultad de Humanidades.

Mientras está dentro, atiende su celular y dice lo siguiente:

a. #En este momento no te puedo atender porque estoy en facultad.

b. En este momento no te puedo atender porque estoy en la facultad.

La anomalía pragmática de (18a), frente a (18b), se debe a que un cartero no suele desempeñar una tarea convencionalizada en una facultad, por lo que la ausencia del determinante es rechazada. Nótese que el significado enriquecido se produce por causa de la ausencia de determinante; de reponer el artículo, ya no es posible derivar el significado asociado de posesión.

Vale subrayar que este fenómeno también ha sido explorado en otras lenguas. Por ejemplo, se asemeja al de algunos escuetos en italiano, como *casa* (LONGOBARDI, 1997). A partir de ejemplos como el de (19), Longobardi (1997, p. 3) propone que siempre se sobreentiende un argumento genitivo.

(19) Casa era ormai vicina.

'Mi/tu casa estaba eventualmente cerca.'<sup>4</sup>

De igual modo, Stvan (2009, p. 321) afirma que ciertos escuetos, como *town* ('ciudad') en (20) tienen una lectura deíctica o posesiva y señalan un referente específico, identificable por hablante y oyente.

(20) My dad was in town the weekend before my birthday.

'Mi padre estuvo en mi/tu/su ciudad el fin de semana antes de mi cumpleaños.'

En quinto lugar, dada su naturaleza de entidad individual, estos escuetos aceptan ser modificados exclusivamente por modificadores que no limitan la extensión del nombre. Por ello, rechazan combinarse con adjetivos calificativos (21) y por adjetivos relacionales, que identifican un subtipo de entidad (22).

(21) \*El remedio lo compré en farmacia nueva.

(22) \*Portería universitaria abre de mañana.

<sup>4</sup> La traducción original de la glosa es la siguiente: "My/your/ or, more marginally, his/her home, subject to a prerequisite of pragmatic saliency" (LONGOBARDI, 1997, p. 3).

Por lo dicho, es de esperar que estos escuetos rechacen las oraciones subordinadas restrictivas. Este tipo de oraciones presupone un conjunto de entidades, del que se selecciona la entidad denotada por el nombre modificado. Por ello, la agramaticalidad de (23) se debe a que no es posible presuponer un conjunto de locaciones. Por este motivo, los escuetos pueden ser modificados por oraciones subordinadas no restrictivas (24), ya que estas se limitan a agregar información acerca de la entidad denotada por el nombre.

(23) \*Fui a bedelía que está en primer piso.

(24) Fui a bedelía, que está en primer piso.

Hasta aquí hemos visto que estos escuetos presentan un comportamiento sistemático, si bien están sujetos a restricción léxica. Hemos constatado que solo designan subsecciones de locaciones institucionales, que admiten solo alcance amplio, que se interpretan como expresiones nominales definidas singulares, que presentan un significado no composicional y que solo se combinan con modificadores que no limitan su extensión. Esta serie de propiedades sugiere que estos nombres comunes se comportan, en realidad, como nombres propios, aunque, a diferencia de ellos, se circunscriben a un ámbito contextual determinado e integran al hablante como un participante que desempeña allí una tarea convencionalizada.

### 3 UNA PROPUESTA FORMAL ACERCA DEL SIGNIFICADO DE LOS ESCUETOS LOCATIVOS-INSTITUCIONALES

En esta sección exploramos la hipótesis de que los escuetos locativos-institucionales, pese a que son originalmente nombres comunes, deben ser analizados como un nombre propio. Específicamente, entendemos, junto con Löbner (2011), que los nombres propios designan entidades individuales inherentes. Es decir, le asignan un significado individual a un referente que es único, dentro de un contexto de enunciación determinado. Presentaremos, a continuación, un modelo semántico, que permite capturar el significado definido inherente, a la vez que integramos su significado enriquecido.

Asumimos, junto con Matushansky (2006), que todos los nombres —comunes y propios— son expresiones predicativas y tienen, por tanto, el tipo semántico <e,t> (cf. KRIPKE, 1980). Sin embargo, el hecho de asumir que estos escuetos son predicados no implica desconocer que presentan diferencias respecto de los nombres comunes y de los nombres propios canónicos. Por ello, retomamos a Ghomeshi y Massam (2009, p. 74), quienes afirman que todos los nombres entran en la derivación como predicados, diferenciando los nombres comunes de los nombres propios en función de ciertos rasgos léxicos. Así, como se ve en (25), los nombres comunes entran en la derivación con el rasgo [*común*] y seleccionan conjuntos de individuos que comparten las mismas propiedades (25a), mientras que los

nombres propios entran con el rasgo [*nombre*]<sup>5</sup> y seleccionan conjuntos de individuos que llevan el mismo nombre (25b).

- (25) a. *casa*<sub>[común]</sub>: <e,t> X: propiedad de x  
 b. *Juan*<sub>[nombre]</sub>: <e,t> X: es-denominado (x: N<sub>nombre</sub>)

Tomando como referencia el modelo de Ghomeshi y Massam (2009), proponemos que los escuetos locativos-institucionales entran en la derivación con el rasgo [*fuerte*]. Este rasgo permite identificar ciertos nombres que, siendo originariamente nombres comunes, adquieren una lectura fuerte individual. Como se ilustra en (26), su semántica combina la representación de los nombres comunes con la de los nombres propios.

- (26) *rectorado*<sub>[fuerte]</sub>: <e,t> X: es propiedad de x  $\wedge$  es denominado (x: N<sub>fuerte</sub>)

Esta fórmula expresa que los escuetos locativos-institucionales seleccionan conjuntos de individuos que tienen la propiedad de ser *x*, pero que, a su vez, son denominados *x*. Tomando como base esta denotación, proponemos debajo la forma lógica para nuestros escuetos.

- (27) rectorado  
 a. [[rectorado<sub>[fuerte]</sub>]]:  $\lambda y$ (rectorado: es propiedad de (y)  $\wedge$  es-denominado (y))  
 b. [[rectorado<sub>[fuerte]</sub> (del hablante)]]:  $\pi y$ (rectorado: es propiedad de (y)  $\wedge$  es-denominado (y)  $\wedge$  R<sub>posesión</sub>(hablante, y))  
 c. [[ $\emptyset$ rectorado<sub>[fuerte]</sub> (del hablante)]]  $\pi y$ (rectorado: es propiedad de (y)  $\wedge$  es-denominado (y)  $\wedge$  R<sub>posesión</sub>(hablante, y))

En el primer nivel (27a) se postula que el nombre que entra en la derivación con el rasgo [*fuerte*], como cualquier nombre, constituye una expresión predicativa de tipo <e,t>. Como ya mencionamos, estos nombres conjugan las propiedades de los nombres comunes y la de los propios, en cuanto que se interpretan como el individuo que tiene la propiedad de ser *x* y, a su vez, la de ser denominado *x*. En el segundo nivel (27b), recurrimos al operador *pi* y a la *Relación de posesión* (BARKER, 2011, p. 1114). El operador *pi* es el encargado de convertir un nombre no relacional en uno relacional. De esta manera, consideramos que estos escuetos, que no son originalmente relacionales, quedan habilitados para establecer una relación con otra entidad. Este operador semántico opera, así, sobre la estructura argumental del nombre y permite explicar, por ejemplo, que la oración *Rectorado queda en primer piso* admita como paráfrasis ‘El rectorado de mi universidad queda en primer piso’. Asimismo, Barker (2011) define la *Relación de posesión* como una variable libre, que relaciona la entidad poseída con la entidad poseedora. En nuestro análisis, el poseedor es el hablante y la entidad poseída —el nombre escueto— es el designador de la locación, que está controlada pragmáticamente.

<sup>5</sup> Vale aclarar que Ghomeshi y Massam (2009) proponen el rasgo [*name*] para los nombres propios, que aquí traducimos como [*nombre*], aunque el término más apropiado para definir dicho rasgo debería ser [*propio*]. No obstante, las autoras explican que reservan el rasgo [*propio*] para introducirlo en el nivel sintáctico como una propiedad formal del SD (GHOMESHI; MASSAM, 2009, p. 74).



En el tercer nivel (27c), el nombre *rectorado* cambia de tipo <e,t> a tipo <e> mediante el operador *iota*. Este operador habilita la presencia de un determinante encubierto (LONGOBARDI, 1994) en la estructura de SD, que da lugar a la lectura de entidad. En particular, asumimos que el rasgo [*fuerte*] habilita la lectura de entidad única e inherente. Es decir, una vez que pasa a ser de tipo <e>, la descripción definida identifica unívocamente un objeto.

De esta manera, la forma lógica que proponemos pretende capturar tanto el significado literal de los escuetos como su significado no literal. Por un lado, el rasgo [*fuerte*] permite que se interpreten como entidades definidas individuales, lo que nos lleva a asumir que se comportan como los nombres propios. Por otro lado, se diferencian de los nombres propios canónicos porque agregan, como significado enriquecido, la lectura de que el hablante desempeña una tarea convencionalizada en esa locación.

#### 4 CONSIDERACIONES FINALES

Este *squib* ha tenido por cometido mostrar el comportamiento semántico de un grupo de nombres singulares contables escuetos en español rioplatense, hasta ahora desatendidos en la literatura hispánica. Hemos mostrado que estos escuetos locativos-institucionales tienen una lectura definida singular; en particular, hemos explorado la hipótesis de que se comportan como nombres propios —en tanto que designan una entidad individual inherente— agregando, además, un significado enriquecido. Asimismo, entendemos que la ausencia de determinante expreso fuerza su lectura como nombres propios. Es decir, los escuetos locativos se diferencian de los nombres propios canónicos, porque su interpretación de nombre propio surge exclusivamente ante la ausencia de un determinante realizado fonéticamente. Así, de reponer el artículo definido, se recupera su valor de nombre común.

Hemos visto, además, que se trata de nombres restringidos desde un punto de vista léxico. Sugerimos que dicha restricción léxica está motivada por factores pragmáticos, que varían de lengua a lengua. Es por esta razón que en español rioplatense designan locaciones institucionales, mientras que, por ejemplo, en italiano designan locaciones en general y nombres de parentesco (LONGOBARDI, 1997), y en inglés designan locaciones geográficas y sociales (STVAN, 2009). Resta por determinar en qué medida estos escuetos locativos constituyen SD canónicos o si, por el contrario proyectan una estructura sintáctica defectiva que los diferencia de la estructura de los nombres propios clásicos. Asimismo, convendría comparar en detalle los escuetos del español rioplatense con los del italiano e inglés, de modo de determinar si se trata, en efecto, del mismo fenómeno.

## REFERENCIAS

- AGUILAR-GUEVARA, A. *Weak definites. Semantics, lexicon and pragmatics*. LOT, 2014.
- BOSQUE, I. *El sustantivo sin determinación: la ausencia del determinante en la lengua española*. Madrid: Visor, 1996.
- BARKER, C. Possessives and relational nouns. In: VON HEUSINGER, K.; MAIENBORN, C.; PORTNER, P. (ed.). *Semantics: An international handbook of natural language meaning*. Berlín: de Gruyter, 2011.
- CARLSON, G. N. *Reference to Kinds in English*. PhD thesis, University of Massachusetts, 1977.
- CARLSON, G.; SUSSMAN, R. Seemingly indefinite definites. *Linguistic evidence: Empirical, theoretical, and computational perspectives*, v. 85, p. 71-85, 2005.
- ESPINAL, M. T. Bare nominals in Catalan and Spanish. Their structure and meaning. *Lingua*, v. 120, n. 4, 2010.
- ESPINAL, M. T.; MCNALLY, L. Bare nominals and incorporating verbs in spanish and catalan. *Journal of Linguistics*, v. 47, n. 01, p. 87-128, 2011.
- GHOMESHI, J.; MASSAM, D. The proper D connection. In: GHOMESHI, J.; PAUL, I.; WILTSCHKO, M. (ed.). *Determiners: Universals and variation*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.
- KRIPKE, S. *Naming and necessity*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.
- LACA, B. Presencia y ausencia de determinante. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, p. 891-928, 1999.
- LONGOBARDI, G. Reference and proper names: A theory of n-movement in syntax and logical form. *Linguistic inquiry*, v. 25, n. 4, p. 609–665, 1994.
- LONGOBARDI, G. N-raising and place names. In: AMBROSINI, R.; BOLOGNA, M. P.; MOTTA, F.; ORLANDI, C. (ed.). *Scríbthair a ainm n-ogaim. Scritti in memoria di Enrico Campanile*. Pisa: Pacini, p. 521-533, 1997.
- LÖBNER, S. Concept types and determination. *Journal of semantics*, v. 28, n. 3, p. 279-333, 2011.
- MATUSHANSKY, O. Why rose is the rose: On the use of definite articles in proper names. *Empirical issues in syntax and semantics*, n. 6, p. 285–307, 2006.
- MÜLLER, Ana. Sentenças genericamente quantificadas e expressões de referência a espécies no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 39, p. 131-148, 2000.
- OLIVEIRA, Roberta Pires de; ROTHSTEIN, Susan. Two Sorts of Bare Nouns in Brazilian Portuguese. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, 2011.
- STVAN, L. S. Semantic incorporation as an account for some bare singular count noun uses in english. *Lingua*, v. 119, n. 2, p. 314-333, 2009.



# C-COMANDO INFLUENCIA O COMPORTAMENTO DE EPÍTETOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO?

---

CLAUDIA SOUZA COELHO\*

---

## RESUMO

Este trabalho apresenta alguns dos resultados de um experimento realizado em português brasileiro com epítetos em sentenças com *convencer* e sentenças com orações adjuntas. A assunção de que a distribuição dos epítetos obedece ao Princípio C da Teoria de Ligação (CHOMSKY, 1981) remonta a Lasnik (1976) e é controversa na literatura. Argumento que, apesar de essa assunção não ser capaz de explicar todos os resultados do experimento, o comportamento encontrado pelo experimento demonstra que a distribuição dos epítetos é sensível às configurações de c-comando dos estímulos. Sendo assim, acredito que as análises mais adequadas para os epítetos são as que levam em conta essa noção sintática além de restrições de ordem semântica/pragmática.

**Palavras-chave:** epítetos, c-comando, português brasileiro

## ABSTRACT

This paper presents results from an experiment on epithets in Brazilian Portuguese, with sentences including the verb *convencer* ('to convince') and sentences with adjunct clauses. The assumption that the distribution of epithets is subject to Principle C of Binding Theory (CHOMSKY, 1981) goes back to Lasnik (1976) and is controversial in the literature. I argue that although this assumption is not able to explain all the results, the experiment shows that the distribution of epithets is sensitive to c-command configurations. Therefore, I believe that the most appropriate analyses for epithets are those that take into account this syntactic notion in addition to semantic/pragmatic restrictions.

**Keywords:** epithets, c-command, Brazilian Portuguese

---

\* Universidade de São Paulo, USP. Agradeço a FAPESP pelo apoio, processos 2018/01470-4 e 2020/05241-0. Agradeço a Jairo Nunes e aos pareceristas do Caderno de *Squibs* por todos os comentários e sugestões.

## 1 INTRODUÇÃO

Lasnik (1976) propôs que epítetos se comportam como expressões referenciais no que diz respeito à ligação. Dentro da discussão sobre o estatuto dos sujeitos nulos do português brasileiro (doravante PB) e assumindo a proposta de Lasnik, Ferreira (2000) argumenta que, em uma sentença como (1a), com *convencer* e subordinada finita, o objeto da matriz pode ser o antecedente do epíteto encaixado, porque não c-comanda a oração subordinada. A sentença (1b), por sua vez, é apresentada por Nunes (2013) para demonstrar que tal relação de c-comando existe quando a oração subordinada é não finita, pois o objeto da matriz não pode ser antecedente do epíteto encaixado.

- (1) a. O João convenceu [a Maria]<sub>1</sub> [de que [a idiota]<sub>1</sub> deveria assaltar um banco]  
 b. \*O João convenceu [a Maria]<sub>1</sub> [a espalhar [que [a idiota]<sub>1</sub> ia renunciar]]

O contraste apresentado em (1) pode ser explicado pela proposta de Rodrigues (2004) de que a oração finita associada a *convencer*, ao contrário da oração infinitiva, tem comportamento de adjunto e, portanto, não é c-comandada pelo objeto da matriz.

Entretanto, a assunção de que epítetos obedecem ao Princípio C da Teoria de Ligação (CHOMSKY, 1981) é controversa. Modesto (2011, p. 17), por exemplo, questiona se epítetos realmente podem evidenciar relações de c-comando, argumentando que, em seu julgamento, o epíteto encaixado pode ter o sujeito da matriz como seu antecedente em (2), a seguir.

- (2) [O Maluf]<sub>1</sub> convenceu [o Diogo]<sub>2</sub> [que [o desgraçado]<sub>1/??2/3</sub> era o melhor candidato]

Tendo em vista a divergência sobre o comportamento dos epítetos e a proposta de Rodrigues (2004) mencionada anteriormente, reporto aqui um experimento realizado por Coelho (2020) para verificar o julgamento de outros falantes nativos de PB para sentenças como (1) e (2) e sentenças com epítetos em orações adjuntas, buscando investigar qual seria o comportamento desses elementos nessas sentenças. Discutirei aqui os resultados para uma potencial correferência com sujeitos da matriz para argumentar que, apesar de o Princípio C não explicar os resultados encontrados, a distribuição dos epítetos apresenta sensibilidade a configurações de c-comando.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Para maiores detalhes e discussão, ver Coelho (2020).

## 2 O EXPERIMENTO<sup>2</sup>

Considerando-se a divergência a respeito de epítetos em sentenças com *convencer* apresentada na seção anterior e a proposta de Rodrigues (2004) de que orações finitas com *convencer* ocupam uma posição de adjunto, as variáveis controladas pelo experimento foram *tipo de sentença*, *flexão da oração subordinada imediata*<sup>3</sup> e *função sintática do antecedente*.<sup>4</sup> A intenção era investigar se as sentenças com *convencer* e oração finita se comportariam como as sentenças com *convencer* e oração infinitiva ou como as sentenças com orações adjuntas e se tanto o objeto da matriz (cf. (1)) como o sujeito da matriz (cf. (2)) dessas sentenças seriam aceitos como antecedentes do epíteto encaixado. Os epítetos utilizados no experimento foram baseados nos adjetivos *idiota*, *sem-vergonha* e *vigarista*, por serem compatíveis com referentes masculinos e femininos.

**QUADRO 1 — EXEMPLOS DAS CONDIÇÕES TESTANDO CORREFERÊNCIA ENTRE EPÍTETO E SUJEITO DA MATRIZ**

Tipo de sentença	
Convencer	Adjunta
<i>Flexão da oração: Finita</i>	<i>Flexão da oração: Finita</i>
<b>O Ivo</b> convenceu a Ana [que <b>o idiota</b> recusou a propina]	<b>O João</b> despediu a Rita [depois que <b>o idiota</b> foi promovido]
<i>Flexão da oração: Infinitiva</i>	<i>Flexão da oração: Infinitiva</i>
<b>A Ana</b> convenceu o João [a dizer [que <b>a idiota</b> mentiu na reunião]]	<b>O Ivo</b> vai transferir a Ana [antes <b>do idiota</b> demitir mais pessoas]

Fonte: elaborado pela autora

O experimento foi aplicado presencialmente e por meio do *software* livre TP da Worken.<sup>5</sup> No início do experimento, os participantes eram apresentados a um pequeno contexto para introduzir os quatro nomes que apareceriam nas sentenças: João, Ana, Rita e Ivo.<sup>6</sup> Depois, escutavam os áudios das sentenças — gravados por uma falante nativa de PB — e, após cada áudio, respondiam a perguntas na tela como (3b) a seguir, selecionando uma

<sup>2</sup> O experimento foi aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, protocolo CAAE: 68901117.9.0000.5390.

<sup>3</sup> Em um experimento piloto aplicado antes do experimento final, as duas possibilidades de flexão para as orações adjuntas foram computadas separadamente para investigar se existiria a mesma assimetria hipotetizada para as sentenças com *convencer*. Os resultados demonstraram que a flexão da oração adjunta não influenciava a resposta dos participantes. Assim, no experimento final, orações adjuntas finitas e não finitas foram agrupadas no mesmo tipo de estímulo, a fim de reduzir o número de sentenças-teste do experimento e reduzir sua extensão.

<sup>4</sup> Sujeito da oração matriz ou objeto da oração matriz. Entretanto, o Quadro 1 apresenta apenas os estímulos em que o sujeito da matriz era relevante, pois esses serão o foco deste trabalho.

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://www.worken.com.br/tp\\_regfree.php](http://www.worken.com.br/tp_regfree.php)>.

<sup>6</sup> O contexto apresentado aos participantes foi o seguinte: “O Ivo, a Rita, o João e a Ana são empresários que trabalham juntos e têm altos e baixos em suas carreiras. Escute as sentenças sobre diferentes acontecimentos e responda às perguntas que se seguem. As sentenças não formam uma história, são fatos isolados.”

entre as opções de resposta exemplificadas em (3c). As possibilidades de resposta foram randomizadas, aparecendo em uma ordem diferente para os participantes a cada estímulo.

- (3) a. **Estímulo:** A Rita convenceu o João que **a idiota** estragou a negociação.  
 b. **Pergunta:** Quem estragou a negociação?  
 c. **Respostas possíveis:** (i) a Rita (ii) ou Rita ou Ana (iii) a Ana

Se o participante escolhesse a resposta *ou Rita ou Ana* (codificada nos resultados como *ambos os antecedentes*) ou *a Rita (antecedente na sentença)* para uma pergunta como (3b), isso sugeria que ele aceitava a correferência entre o epíteto e o sujeito da oração matriz. Se o participante escolhesse a resposta *a Ana (antecedente fora da sentença)*, não estava aceitando a correferência.

Cada estímulo testava a possibilidade de correferência do epíteto com um elemento fora da sentença e com *ou* o sujeito *ou* o objeto da matriz. Ou seja, sujeito e objeto nunca estavam em competição como antecedentes. Para assegurar isso, sujeito e objeto sempre eram de gêneros diferentes (se o sujeito fosse *Rita*, como em (3), por exemplo, o objeto seria *ou João ou Ivo*) e o gênero do epíteto indicava se o potencial antecedente intrassentencial era o sujeito ou o objeto. O antecedente extrassentencial sugerido nas opções de resposta sempre teria o mesmo gênero do epíteto e do potencial antecedente intrassentencial (em (3), *Ana*).

O experimento foi aplicado a 40 participantes, 14 homens e 26 mulheres, que nasceram e/ou cresceram no estado de São Paulo. Os participantes tinham entre 20 e 30 anos (média de idade de 23 anos), Ensino Superior completo ou incompleto e foram recrutados de diferentes faculdades da Universidade de São Paulo (exceto a de Letras).<sup>7</sup> Seis participantes foram excluídos da análise estatística, pois deram mais de uma resposta incorreta para as sentenças de controle,<sup>8</sup> o que indicou sua falta de atenção durante a realização do experimento. Também foram excluídos dois estímulos, pois apresentaram um padrão de resposta diferente dos demais estímulos de seu tipo.<sup>9</sup> Assim, foram analisadas as

7 Depois do experimento, os participantes respondiam a um formulário que lhes perguntava a sua idade, local de nascimento, local de nascimento dos pais, tempo de residência no estado de São Paulo, nível de escolarização, se existia algum problema linguístico em suas famílias e se eles falavam outra língua além do português brasileiro.

8 O experimento contava com oito sentenças de controle como (ia), a seguir, e com perguntas (relativas às sentenças) que possuíam respostas corretas e incorretas. Essas sentenças foram utilizadas como um marcador da atenção dos participantes ao experimento; especificamente, participantes que dessem respostas incorretas (no exemplo a seguir, as respostas (ii) e (iii) em (ic)) para mais de uma dessas sentenças seriam excluídos da análise estatística.

- (i) a. **Estímulo:** O Ivo tirou duas semanas de férias e a Rita, quatro.  
 b. **Pergunta:** Quem tirou menos semanas de férias?  
 c. **Respostas possíveis:** (i) o Ivo (ii) ou Ivo ou Rita (iii) a Rita

9 Um dos estímulos com *convencer* e oração encaixada infinitiva, testando correferência do epíteto com o sujeito da matriz, e um dos estímulos com *convencer* e oração finita, testando correferência com o objeto da matriz, foram os únicos estímulos de seus grupos a apresentar um padrão de 50% de respostas aceitando a correferência intrassentencial do epíteto e 50% de respostas recusando essa correferência, indicando uma oscilação dos julgamentos. Por isso, as respostas para esses dois estímulos, apresentados em (iia) e (iib)

respostas de 34 participantes, 24 mulheres e 10 homens, a 81 estímulos (15 sentenças de familiarização, 36 distratoras, 8 sentenças de controle e 22 sentenças-teste), o que totalizou 2.754 observações. Trataremos aqui das 372 observações referentes aos estímulos envolvendo o sujeito da oração matriz.

### 3 O COMPORTAMENTO DOS EPÍJETOS

O uso de epítetos introduz muitos aspectos para análise, como, por exemplo, sua carga avaliativa, e não há consenso a respeito da natureza das restrições que regulam sua distribuição. Algumas análises propõem apenas restrições sintáticas para os epítetos, como a de Lasnik (1976, 1989), algumas são essencialmente restrições semânticas/pragmáticas, como a *Restrição de Antilogoforicidade* de Dubinsky e Hamilton (1998), e outras propõem restrições de ambas as naturezas, como a *Restrição do Anti-Juiz* de Patel-Grosz (2012) e a proposta de Johnson (2019).<sup>10</sup>

O experimento apresentado na seção anterior tinha como um de seus objetivos investigar se a distribuição dos epítetos em PB envolve restrições estruturais. Nesta seção, discuto alguns dos resultados, buscando demonstrar que, apesar de não ser suficiente para explicar o comportamento dos epítetos, a noção de c-comando é uma condição necessária. Vou focar nos resultados para os estímulos que testavam a correferência do epíteto com os sujeitos da matriz, exemplificados em (4) a seguir, assumindo que, em todos os três tipos de sentença, o sujeito c-comanda a oração subordinada/o epíteto. Como não existe, na literatura discutida na seção 1, controvérsia sobre essa relação de c-comando nesses três tipos de sentença, esse foi o tipo de estímulo escolhido para discutir o comportamento dos epítetos em relação a antecedentes que o c-comandam.

- (4) a. Sentença com oração adjunta:  
**A Rita** promoveu o João depois da **sem-vergonha** ter apresentado o relatório.
- b. Sentença com *convencer* e oração finita:  
**A Rita** convenceu o João que **a idiota** terminou o trabalho dentro do prazo.
- c. Sentença com *convencer* e oração infinitiva:  
**A Rita** convenceu o Ivo a alegar que **a sem-vergonha** sabotou o projeto.

---

a seguir, foram excluídas da análise estatística.

- (ii) a. A Rita convenceu o Ivo a anunciar que a idiota vai promover todo mundo.  
 b. A Ana convenceu o João que o vigarista vai receber um aumento.

<sup>10</sup> Segundo a restrição de Dubinsky e Hamilton, um epíteto não deve ser antecedido por um indivíduo sob cuja perspectiva o conteúdo atributivo do epíteto é avaliado. A restrição de Patel-Grosz dita que um epíteto não pode ocorrer em uma sentença *s* se (i) a sentença é interpretada em relação a um juiz *j* que é idêntico ao antecedente do epíteto, e (ii) o antecedente c-comanda o epíteto. Para Johnson, um DP não deve ser correferente a outro DP que seja mais informativo e o Princípio C intensifica os efeitos dessa condição quando o DP mais informativo é c-comandado pelo menos informativo.

A Tabela 1, a seguir, apresenta o comportamento geral das respostas para cada tipo de sentença. O teste de qui-quadrado realizado demonstrou se havia diferença significativa entre a proporção de respostas aceitando a correferência entre sujeito da matriz e epíteto encaixado (soma das opções que representavam o antecedente na sentença e ambos os antecedentes) e a proporção de respostas recusando tal correferência (opção que representava o antecedente fora da sentença).

**TABELA 1 — RESPOSTAS PARA O SUJEITO DA MATRIZ POR TIPO DE SENTENÇA**

	* correferência	✓correferência	<i>p</i>	N
Adjunta	0.40 (55)	<b>0.60 (81)</b>	0.03959* <sup>11</sup>	136
<i>Convencer</i> Finita	0.54 (73)	0.46 (62)	0.3438	135
<i>Convencer</i> Infinitiva	<b>0.73 (74)</b>	0.27 (27)	7.546e-06*	101

Fonte: elaborada pela autora

Nas sentenças com orações adjuntas, houve uma aceitabilidade geral da correferência. Para as sentenças com *convencer* e oração infinitiva, tivemos o comportamento inverso, uma recusa geral da correferência. Já as sentenças com *convencer* e oração finita apresentaram um quadro geral de indeterminação, com um número maior (mas não significativamente maior) de respostas recusando a correferência.

A Tabela 2, a seguir, mostra que o comportamento dos participantes nas sentenças com orações adjuntas não foi inequívoco na direção de aceitabilidade da correferência, com 47% dos participantes aceitando-a (escolhendo as respostas com o antecedente intrassentencial ou com ambos os antecedentes). Para as sentenças com *convencer* e oração finita, tivemos 50% de recusa da correferência (resposta com apenas o antecedente extrassentencial) e os outros 50% se dividindo entre aceitá-la ou aceitá-la em metade dos estímulos e recusar na outra metade. Temos um quadro de indeterminação como o do comportamento geral das respostas. Já para as sentenças com *convencer* e oração infinitiva, 76,5% dos participantes recusaram a correferência e esse resultado corrobora o apresentado na tabela anterior, de recusa da correferência.

**TABELA 2 — COMPORTAMENTO DOS PARTICIPANTES PARA A CORREFERÊNCIA COM O SUJEITO DA MATRIZ POR TIPO DE SENTENÇA**

	Aceitaram a correferência	Recusaram a correferência	50/50	N
Adjunta	<b>16</b> (47%)	9 (26,5%)	9 (26,5%)	34
<i>Convencer</i> Finita	12 (35,3%)	<b>17</b> (50%)	5 (14,7%)	34
<i>Convencer</i> Infinitiva	7 (20,6%)	<b>26</b> (76,5%)	1 (2,9%)	34

Fonte: elaborada pela autora

<sup>11</sup> Nas tabelas, os valores *p* marcados com \* são os que foram considerados significativos (todos os valores abaixo de 0.05).



A Tabela 3, a seguir, compara o comportamento das respostas entre os três tipos de sentença, mostrando as respostas recusando a correferência do epíteto com o sujeito da matriz.

**TABELA 3 — RESPOSTAS RECUSANDO A CORREFERÊNCIA COM O SUJEITO DA MATRIZ POR TIPO DE SENTENÇA<sup>12</sup>**

	* correferência	p	N
Adjunta	0.40 (55)	A/CF: 0.1116   A/CI: 0.09436	136
Convencer Finita	0.54 (73)	CF/A: 0.1116   CF/CI: 0.9343	135
Convencer Infinitiva	0.73 (74)	CI/A: 0.09436   CI/CF: 0.9343	101

Fonte: elaborada pela autora

O teste de qui-quadrado realizado verificou se havia diferença significativa entre os três tipos de sentença quanto às respostas recusando a correferência entre sujeito da matriz e epíteto encaixado. Podemos ver na coluna com os valores de *p* da Tabela 3 que não existiu uma diferença significativa entre os três tipos de sentença, apesar da aceitabilidade geral para as sentenças com orações adjuntas e da indeterminação geral para as sentenças com *convencer* e oração finita vistas na Tabela 1. Assim, essa ausência de contraste aponta que a relação de c-comando influencia a possibilidade de correferência entre o sujeito da matriz e o epíteto encaixado nos três tipos de sentença.

Por fim, a Tabela 4, a seguir, apresenta o comportamento dos tipos de resposta para cada tipo de sentença, se os participantes escolheram a opção *antecedente na sentença*, *ambos os antecedentes* ou *antecedente fora da sentença*. Compararei as respostas que aceitaram apenas a correferência com o sujeito da matriz (opção *antecedente na sentença*) com as respostas que aceitaram apenas a correferência extrassentencial, recusando o sujeito da matriz como antecedente do epíteto (opção *antecedente fora da sentença*).<sup>13</sup> O teste de qui-quadrado realizado verificou se havia diferença significativa entre essas duas opções de resposta.

**TABELA 4 — TIPOS DE RESPOSTA PARA O SUJEITO DA MATRIZ POR TIPO DE SENTENÇA**

	Antecedente na sentença (✓correferência)	Ambos os antecedentes (✓correferência)	Antecedente fora da sentença (* correferência)	p
Adjunta	<b>0.17 (23)</b>	0.43 (58)	<b>0.40 (55)</b>	0.0002909*
Convencer Finita	<b>0.14 (20)</b>	0.32 (42)	<b>0.54 (73)</b>	3.888e-08*
Convencer Infinitiva	<b>0.07 (7)</b>	0.20 (20)	<b>0.73 (74)</b>	9.735e-14*

Fonte: elaborada pela autora

12 A: Adjunta; CF: Convencer Finita; CI: Convencer Infinitiva.

13 Quanto aos números da Tabela 4 que tratam das respostas aceitando tanto a correferência intrassentencial quanto a extrassentencial (a opção *ambos os antecedentes*), sugiro que uma maior ou menor sensibilidade dos participantes a restrições de ordem semântica/pragmática, como a de *juiz*, trabalhada por Patel-Grosz (2012) para os epítetos, e a *Repeated Name Condition* de Johnson (2019), podem ser responsáveis por explicá-los.

Apesar de a Tabela 1 ter mostrado que a correferência entre sujeito da matriz e epíteto foi, de forma geral, aceita nas sentenças com orações adjuntas, a Tabela 4 mostra que existiu um alto número (55) de respostas escolhendo a correferência extrassentencial nesses estímulos, recusando a correferência com o sujeito da matriz. Esse número é significativamente maior do que o número de respostas escolhendo o antecedente na sentença e aceitando a correferência com o sujeito da matriz.

Para as sentenças com *convencer* e oração finita, a Tabela 1 e a Tabela 2 mostraram um quadro geral de indeterminação, mas a Tabela 4 mostra que o número de respostas escolhendo o antecedente fora da sentença como opção, recusando a correferência com o sujeito da matriz, foi significativamente maior do que o número de respostas escolhendo a opção *antecedente na sentença* e aceitando a correferência intrassentencial. Esse resultado aponta para uma preferência pela correferência extrassentencial nesses estímulos.

Para as sentenças com *convencer* e oração infinitiva, a Tabela 4 mostra que o número de respostas escolhendo o antecedente fora da sentença como opção, recusando a correferência intrassentencial, foi significativamente maior do que o número de respostas escolhendo o antecedente na sentença. Esse resultado corrobora os apresentados nas tabelas anteriores.

Resumindo, para as sentenças com oração adjunta, houve uma aceitabilidade geral da correferência entre epíteto e sujeito da matriz (cf. Tabela 1), mas, pondo de lado as respostas admitindo ambos os antecedentes, a preferência pelo antecedente extrassentencial foi significativamente maior que a preferência pelo antecedente na sentença (cf. Tabela 4). Para as sentenças com *convencer* e oração finita, tivemos um quadro de indeterminação no comportamento geral das respostas e no dos participantes, mas o comportamento do tipo de respostas aponta para uma preferência pela correferência extrassentencial nesses estímulos. Por fim, a correferência foi, de forma geral, recusada nas sentenças com *convencer* e oração infinitiva, e o comportamento dos participantes e dos tipos de resposta corrobora esse resultado. Se *c*-comando fosse uma condição categórica para a distribuição dos epítetos, não esperaríamos ter a aceitabilidade geral encontrada para as sentenças com oração adjunta, nem o quadro geral de indeterminação para as sentenças com *convencer* e oração finita, visto que estou assumindo que o sujeito da matriz *c*-comanda a oração subordinada tanto nessas sentenças como nas com *convencer* e oração infinitiva. Assim, os resultados do experimento apontam que apenas a noção de *c*-comando não é suficiente para explicar o comportamento dos epítetos.

Entretanto, quando focamos na Tabela 3 e na Tabela 4, vemos que não houve contraste entre os três tipos de sentença quanto à recusa do seu sujeito como antecedente do epíteto e que, para os três, o número de respostas recusando o sujeito da matriz como antecedente do epíteto foi significativamente maior do que o número de respostas escolhendo a correferência intrassentencial como a única possível. Proponho que o fato de os sujeitos da matriz *c*-comandarem o epíteto é o responsável por esse resultado.

Em suma, baseando-me nos resultados aqui apresentados, proponho que, apesar de c-comando não ser uma condição categórica e não ser suficiente para explicar a distribuição dos epítetos, esses elementos apresentam sensibilidade a configurações de c-comando (mesmo as não locais), restringindo a possibilidade de correferência com antecedentes c-comandantes. Dessa forma, as análises que se propõem a explicar o comportamento dos epítetos devem, de alguma forma, incluir essa noção sintática.

Recordemos que a sentença (5), a seguir, foi apresentada por Modesto (2011) para questionar se a correferência com epítetos poderia ser usada como diagnóstico para relações de c-comando.

(5) O Maluf convenceu o Diogo que o desgraçado era o melhor candidato.

A Figura 1 mostra como a sentença foi apresentada aos participantes no formulário respondido por eles em uma folha impressa, ao final do experimento.<sup>14</sup> A Tabela 5 apresenta as respostas obtidas para essa sentença.

**FIGURA 1 — PARTE DO FORMULÁRIO IMPRESSO EM QUE A SENTENÇA DE MODESTO (2011) FOI APRESENTADA AOS PARTICIPANTES**

SUJEITO \_\_\_\_

Ops!  
Esquecemos de uma frase.

**O Maluf convenceu o Diogo que o desgraçado era o melhor candidato.**

Quem era o melhor candidato?

\_\_\_\_o Maluf      \_\_\_\_o Diogo      \_\_\_\_outra pessoa

Fonte: elaborada pela autora

**TABELA 5 — RESPOSTAS PARA A SENTENÇA DE MODESTO (2011)**

Outra pessoa	Objeto	Sujeito	Todas as opções	p	N
<b>0.59 (19)</b>	0.125 (4)	0.16 (5)	0.125 (4)	0.0001506 *	32

Fonte: elaborada pela autora

Como vemos na Tabela 5, a opção *outra pessoa* foi significativamente mais escolhida como antecedente para o epíteto encaixado de (5). O número de respostas escolhendo o sujeito da matriz, *o Maluf*, o objeto, *o Diogo*, ou todas as opções (*o Maluf*, *o Diogo*, *outra pessoa*) foi baixo. Dada a fama de corrupto do político brasileiro Maluf, deveria haver um viés

<sup>14</sup> A sentença foi apresentada de forma separada, pois a intenção era mantê-la da forma reportada por Modesto (2011) e incluir uma sentença com o nome *o Maluf* no experimento poderia criar ruídos em todo o *design*.

pragmático para interpretá-lo como o antecedente do epíteto e, diante disso, esperaríamos obter uma correferência majoritária do epíteto com o sujeito da matriz, a qual Modesto (2011) julgou possível. No entanto, a Tabela 5 mostra que, apesar desse viés pragmático, os participantes recusaram a correferência, exibindo, portanto, sensibilidade à relação de c-comando entre sujeito da matriz e epíteto encaixado.

## 4 CONCLUSÕES

Neste trabalho, discuti como os resultados do experimento apresentado apontam que, mesmo não sendo a única condição regulando a ocorrência dos epítetos, c-comando restringe a correferência entre epítetos e antecedentes na sentença. Foi possível verificar esse comportamento na preferência por uma correferência extrassentencial nos três tipos de sentença do experimento (cf. Tabela 4), na ausência de contraste entre as respostas para a correferência com o sujeito da matriz nos três tipos de sentença do experimento (cf. Tabela 3) e nos resultados para a sentença de Modesto (2011), que mostraram que, apesar do viés pragmático do nome *Maluf*, o fato desse potencial antecedente c-comandar o epíteto fez com que a correferência entre eles fosse majoritariamente recusada.

Dessa forma, concluo que análises para os epítetos que considerem tanto restrições semânticas/pragmáticas quanto uma restrição em termos de c-comando estão em vantagem, pois estou de acordo com a afirmação de Patel-Grosz (2012) de que, graças ao seu caráter avaliativo/atributivo, epítetos são uma questão de interface sintático-semântica/pragmática.

## REFERÊNCIAS

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981. 371p.

COELHO, C. *O comportamento de epítetos com convencer: evidência experimental sobre o sujeito nulo do português brasileiro*. 2019. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

DUBINSKY, S.; HAMILTON, R. Epithets as antilogophoric pronouns. *Linguistic Inquiry*, v. 29, n. 4, p. 685-693, 1998.

FERREIRA, M. *Argumentos nulos em português brasileiro*. 2000. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

JOHNSON, K. *Principle C*. Manuscrito não publicado, 2019.

LASNIK, H. Remarks on Coreference. *Linguistic Analysis*, v. 2, p. 1-22, 1976.

LASNIK, H. On the Necessity of Binding Conditions. In: LASNIK, H. *Essays on Anaphora*. Dordrecht: Kluwer, 1989, p. 149-167.

MODESTO, M. Finite control: Where movement goes wrong in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 10, n. 2, p. 3-30, 2011.

NUNES, J. Edge features legitimando movimento-A. *ReVEL*, especial edition 7, p. 35-50, 2013.

PATEL-GROSZ, P. *(Anti-)Locality at the interfaces*. 2012. Tese (Doctor of Linguistics) - Department of Linguistics and Philosophy, MIT, Cambridge, 2012.

RODRIGUES, C. *Impoverished Morphology and A-movement out of Case Domains*. 2004. Tese (Doctor of Linguistics) – Department of Linguistics, University of Maryland, College Park, 2004.

*Squib* recebido em 17 de maio de 2020.

*Squib* aceito em 25 de agosto de 2020.



# A DERIVAÇÃO DA EXPRESSÃO QUANTIFICADA DP+*TUDO* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO COLOQUIAL

---

ARION DE SOUZA CRUZ\* | HELENA GUERRA VICENTE\*\*

---

## RESUMO

Neste *squib*, apreciamos parte da proposta de Lacerda (2012), que associa o fenômeno de *Q-float* a movimentos sintáticos para projeções informacionais da sentença. De acordo com o autor, a existência da ordem DP+Q<sub>quantificador</sub> (favorecida em determinados contextos discursivos) é uma idiosincrasia dos itens *todos* e *tudo*, derivada por movimento do DP para uma projeção de tópico à esquerda do QP. O autor propõe que o português brasileiro (PB, doravante) apresenta camadas informacionais de tópico e foco na periferia esquerda do QP. Assumindo a hipótese de Trannin (2016) de que o PB coloquial apresenta duas gramáticas distintas em relação ao uso de *tudo* e a análise de Guerra Vicente (2006) de que a relação entre Q e DP é a de complementação (não de adjunção), nosso intuito é apontar o problema da postulação *ad hoc* de uma projeção vazia (qP) na proposta de Lacerda (2012) para a derivação da ordem DP+Q no PB.

**Palavras-chave:** tudo, quantificador, *Q-float*, tópico, foco

## ABSTRACT

In this *squib*, we analyze a part of Lacerda's (2012) proposal, which associates *Q-float* with syntactic movements to informational projections of the clause. According to this author, the existence of the DP+Q<sub>quantifier</sub> order (which is preferred in some discursive contexts) is a peculiarity of items such as *todos* and *tudo* (meaning 'all'), derived by DP movement to a topic projection on the left of QP. The author proposes that Brazilian Portuguese (BP, henceforth) exhibits informational layers such as topic and focus on the left periphery of QP. Assuming Trannin's (2016) hypothesis that colloquial BP has two distinct grammars associated with the usage of *tudo* and assuming Guerra Vicente's (2006) analysis, in which the relation between Q and DP is one of complementation (not adjunction), our aim is to point out the problematic postulation of an empty projection (qP) related to the derivation of DP+Q order in Lacerda's (2012) proposal.

**Keywords:** *tudo*, quantifier, *Q-float*, topic, focus

---

\* Universidade de Brasília, UnB. Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UnB, e-mail: arionsouzac@gmail.com.

\*\* Universidade de Brasília, UnB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3247-2737>, e-mail: helenaguerravicente@gmail.com. Agradecemos aos pareceristas anônimos pelas observações feitas.

## 1 INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo é o uso quantificacional do item *tudo* no PB coloquial, fenômeno já observado na literatura (GODOY, 2005; CANÇADO, 2006; GUERRA VICENTE, 2006; SEDRINS, 2011; LACERDA, 2012; CRUZ, 2016; CRUZ; GUERRA VICENTE, 2016; TRANNIN, 2016) e ilustrado a seguir pelos dados em (1) e (2).<sup>1,2</sup> Argumentaremos que, nas variedades populares do PB, *tudo*, que é um elemento nuclear, Q<sup>0</sup>, seleciona um DP como seu argumento, podendo (ou não, conforme os dados do *corpus* coletado por Trannin (2016) atestam<sup>3</sup>) mover-se para a esquerda de Q. Em relação a esse movimento do DP, nosso objetivo é analisar a proposta de Lacerda (2012), que defende que o PB apresenta camadas informacionais de tópico e foco na periferia esquerda do QP, para onde o DP se move quando é derivada a ordem DP+*tudo/todos*.

- (1) a. O pessoal *tudo* chegando atrasado, e eu vou ficar calado?<sup>4</sup>  
b. Enviaram os diário *tudo* ontem.

(CRUZ; GUERRA VICENTE, 2016, p. 90, dados (4-5))

- c. *tudo* os cigarro que eu compro só fala sobre impotência sexual [...]  
d. acho que eu errei *tudo* as concordancia

(TRANNIN, 2016, p. 59-61, dados (7) e (12))

- (2) As menina foram pro Rio *tudo* de avião.

(CANÇADO, 2006, p. 164, dado (44c))

Os dados em (1) mostram que *tudo* pode estar associado a um sintagma nominal adjacente, tanto na posição de sujeito quanto na de objeto, ocasionando leitura quantificacional. Já o

1 Englobaremos sob o rótulo “coloquial” as diversas variedades não padrão do PB. Segundo Trannin (2016), parece haver no PB não padrão duas gramáticas distintas em relação ao uso de *tudo* como quantificador: uma mais “restritiva”, mais sensível à concordância nominal/verbal, em que a ordem *tudo*+DP não é gramatical, e outra menos restritiva, relacionada a uma morfologia flexional mais fraca, em que é possível encontrar tanto a ordem DP+*tudo* quanto a ordem *tudo*+DP (como é o caso dos dados em (1c) e (1d)). Toda a literatura a respeito do assunto em PB trata apenas da gramática “restritiva” do uso quantificacional de *tudo*, com exceção da tese de Trannin (2016).

2 Há a possibilidade de itens como *tudo* ocorrerem com leitura de intensidade (e não somente de quantidade), como ilustrado nos dados em (4), o que não estará sob o escopo deste *squib*. A esse respeito, remetemos o leitor a Cruz (2016).

3 Do *corpus* composto de um total de 327 ocorrências escritas de *tudo*, coletadas na rede social *Twitter* por Trannin (2016), 99 ocorrências (ou seja, pouco mais de 30% dos dados) têm a ordem *tudo*+DP lexical ou pronominal, ao passo que apenas 80 ocorrências apresentam ordem DP+*tudo* (ou seja, pouco menos de 25% dos dados). Ademais, nos experimentos de aceitabilidade feitos pela autora, quase 19% dos participantes (de diversos níveis de escolaridade) consideraram gramaticais sentenças com ordem *tudo*+DP em diferentes contextos sintáticos. Contudo, os contextos discursivos nos quais cada ordem é favorecida não foram objeto de estudo da autora.

4 Estamos considerando *O pessoal tudo* como o constituinte sintático que figura como sujeito oracional. Outra possibilidade de interpretação do dado é a de que *O pessoal* seja um tópico e *tudo* esteja enclachado (*stranded*) na posição de sujeito.

dado em (2) ilustra que, mesmo numa posição mais distante, *tudo* pode quantificar sobre um DP mais alto na estrutura (*as meninas*), fenômeno conhecido na literatura como *Q-float*, ou flutuação de quantificador. Ao comparar os dados apresentados com os dados em (3), vemos que as ocorrências de *tudo* coloquial assemelham-se às de *todo* e suas flexões — em (3), os parênteses representam as posições possíveis para a ocorrência do item *todo(s)* associado ao DP em destaque:

- (3) a. (Todas) **as meninas** (todas) ficaram (todas) assustadas com o barulho do trovão.  
 b. (Todos) **os fatos** (todos) serão (todos) averiguados (todos) com rigor.  
 c. (Toda) **a Câmara** (toda) está (toda) perplexa com o veto do presidente.  
 d. (Todo) **o rebanho** (todo) foi (todo) conduzido (todo) pelo pastor.

Em línguas como o francês e o inglês, por exemplo, é bastante vasta a discussão na literatura sobre o fenômeno de *Q-float* (cf. KAYNE, 1975; SPORTICHE, 1988; BALTIN, 1995; BOBALJIK, 1995; BRISSON, 1998; BOŠKOVIĆ, 2004; FITZPATRICK, 2006; CIRILLO, 2009). Isso porque há duas profícuas vertentes de análise para os chamados “quantificadores universais flutuantes”: uma “vertente adverbial”, segundo a qual os quantificadores flutuantes são considerados advérbios associados a um DP por meio de uma regra interpretativa (BALTIN, 1995; BOBALJIK, 1995; BRISSON, 1998, entre outros); e uma “vertente com movimento”, segundo a qual um quantificador flutuante e um DP a ele associado formam um constituinte em algum estágio da derivação, sendo o fenômeno de *Q-float* o enalhe do quantificador, ocasionado pelo movimento do DP para uma posição mais alta na estrutura (SPORTICHE, 1988; SHLONSKY, 1991; BOŠKOVIĆ, 2004; entre outros).<sup>5,6</sup>

Há também, na literatura, certa discussão sobre o estatuto categorial de quantificadores flutuantes: alguns os analisam como elemento interno ou adjungido ao DP, outros como núcleos funcionais que projetam seu próprio sintagma e selecionam o DP associado como argumento. Nós assumimos frente aos dados do PB a vertente com movimento, em que *tudo* e DP formam um constituinte no início da derivação, bem como assumimos que itens como *todo*<sup>7</sup> são núcleos funcionais,  $Q^0$ , capazes de selecionar como argumento um elemento nominal (GUERRA VICENTE, 2006; SEDRINS, 2011; LACERDA, 2012; CRUZ, 2016; CRUZ; GUERRA VICENTE, 2016; GUERRA VICENTE; QUADROS GOMES; LUNGUINHO, 2016; TRANNIN, 2016).

O fato de o quantificador compartilhar traços de concordância com o nominal ao qual está associado independentemente da posição que ocupa na sentença (cf. GUERRA VICENTE, 2006; SEDRINS, 2011), como evidenciado em (3) (e também em (5)<sup>8</sup>), bem como poder gerar

5 Pela proposta de Bošković (2004), o quantificador é adjungido aciclicamente ao nominal associado após este se mover de sua posição- $\theta$ . Sua análise está fundamentada nos pressupostos de (i) Chomsky (1986, apud BOŠKOVIĆ, 2004), para quem a adjunção a argumentos interfere na atribuição de papéis- $\theta$ , e (ii) Lebeaux (1988, apud BOŠKOVIĆ, 2004), para quem adjuntos podem entrar na estrutura de modo acíclico. A partir desses mecanismos e de uma gama de evidências em dados translinguísticos, o autor formula a seguinte generalização: “quantificadores não podem flutuar em posições- $\theta$ ” (BOŠKOVIĆ, 2004, p. 685, tradução nossa).

6 Há ainda uma vertente de análise híbrida, que propõe que, para algumas línguas, as duas vertentes clássicas supracitadas devem ser consideradas (cf. FITZPATRICK, 2006; CIRILLO, 2009).

7 Quando nos referirmos a “itens como *todo*” ou “itens da série de *todo*”, estaremos nos referindo a *todo* e suas flexões de número e gênero (*todo, toda, todos, todas*) bem como a *tudo* coloquial (*os filho/as filha tudo*).

8 Para uma discussão mais detalhada a respeito da questão dos traços- $\phi$  de *tudo*, remetemos o leitor a Cruz (2016).



leituras distintas, de quantidade ou de intensidade, em contextos sintáticos específicos como em (4) (cf. Guerra Vicente e Quadros Gomes (2013)), além de não precisar se adjungir à borda de nenhum constituinte ou material sintático (cf. Guerra Vicente (2006), contra Bobaljik (1995)<sup>9</sup>), como evidenciado em (6), faz-nos descartar uma análise adverbial dos quantificadores flutuantes para o PB.

- (4) a. Os avós estão todos bobos (com o nascimento do neto).  
 a'. leitura quantificacional (D-quantificação): Todos os avós estão bobos.  
 a''. leitura intensificacional (A-quantificação): Os avós estão completamente bobos.

(GUERRA VICENTE; QUADROS GOMES, 2013, p. 114, dado (4))

- b. Dormimos tudo errado essa noite.  
 b'. leitura quantificacional: Todos nós dormimos mal essa noite.  
 b''. leitura intensificacional: Dormimos muito mal essa noite.

(Adaptado de Trannin (2016, p. 78, dado (64))

- (5) a. Tudas as meninas do Brasil vão me odiar. Eu nao quero!  
 b. Troquei as conexão tudinhas faz semana.

(TRANNIN, 2016, p. 74, dados (52) e (55))

- (6) a. Os menino vieram tudo.  
 b. A: Quem veio?  
 B: Os menino tudo.  
 c. Os menino tudo e a Maria vão ao cinema.

(GUERRA VICENTE, 2006, p. 94, dado (37))

Além disso, assumimos que itens como *todo* são núcleos funcionais, como evidenciado por Guerra Vicente (2006) e Shlonsky (1991) para os dados do PB e do hebraico, respectivamente.

<sup>9</sup> De acordo com Bobaljik (1995), quantificadores, enquanto advérbios, podem flutuar em posições onde não há vestígio de DP (o que, em tese, vai contra uma análise com movimento do DP), desde que adjungidos à borda esquerda de material sintático, como o contraste entre (i.a) e (i.b-c) evidencia:

- (i) a. *Larry, Darryl and Darryl came into the café \* all.*  
 'Larry, Darryl e Darryl entraram no café todos.'  
 b. *Larry, Darryl and Darryl came into the café √ all [<sub>pp</sub> at the same time.]*  
 'Larry, Darryl e Darryl entraram no café todos ao mesmo tempo.'  
 c. *Larry, Darryl and Darryl came into the café √ all [<sub>pp</sub> very tired.]*  
 'Larry, Darryl e Darryl entraram no café todos muito cansados.'

(BOBALJIK, 1995, p. 213, dados (32a-c))

Conforme já havia observado Lacerda (2012), analisar a estrutura de um quantificador como interno ao DP (situado em SpecDP) ou como um adjunto, adjungido à esquerda de DP, acarreta problemas. Por exemplo, um traço de tópico presente no DP objeto em (7) provocaria a topicalização equivocada de toda a expressão quantificada:

(7) ??<sub>[DP]</sub> Todos os livros]<sub>i</sub>, o João leu t<sub>i</sub> semana passada.<sup>10</sup>

(LACERDA, 2012, p. 41, dado (1))

Além disso, estando o traço de tópico presente no DP, não seria possível derivar a sentença perfeitamente gramatical em (8), em que apenas *os livros* é topicalizado, visto que não seria possível mover apenas um segmento (D') do DP, caso o quantificador fosse gerado em SpecDP:

(8) [<sub>DP</sub> Os livros]<sub>i</sub>, o João leu todos t<sub>i</sub> semana passada.

(LACERDA, 2012, p. 42, dado (3))

Como também observado pelo autor, estando o quantificador interno ao DP ou adjungido à esquerda dele, haveria sobregeração (*overgeneration*) de sentenças, como em (9), por exemplo, em que o quantificador porta traço de foco (sendo tal traço licenciado na periferia esquerda alta da sentença).

(9) \*<sub>[FocP]</sub> TODOS<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> o João leu [<sub>DP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> os livros]] semana passada]]

(LACERDA, 2012, p. 41, dado (5b))

Assumindo-se que *todo* é um núcleo funcional e que expressões quantificadas projetam QPs<sup>11</sup>, os problemas supracitados são resolvidos. Por exemplo, de acordo com Lacerda (2012), em (8), se o núcleo Top<sup>0</sup> atuasse como sonda da expressão quantificada em que apenas o DP apresentasse traço de tópico, o movimento do DP para SpecTopP ocorreria sem obrigar o deslocamento do quantificador.

10 O autor confirma que há diferentes julgamentos de aceitabilidade para a sentença, mas que, para ele, o dado é marginal. Aguiar (2007) argumenta que um DP quantificado pode ser topicalizado quando possui uma estrutura complexa, com modificação interna, tanto em situações discursivas com retomada de contexto como fora de contexto (*out of the blue*). Pela análise da autora, a topicalização do DP quantificado no exemplo em (7) é um pouco degradada, para alguns, pois um NP partitivo que modificaria a expressão quantificada estaria elidido. Com essa modificação explícita, a sentença torna-se perfeitamente gramatical:

(i) Todos os livros de sintaxe, o João leu na semana passada.

11 Nem todos os quantificadores projetam QPs. Por exemplo, segundo Avelar (2006 apud LACERDA, 2012), os quantificadores *muitos*, *poucos* e *vários* projetam NumPs. De acordo com Lacerda (2012), tal afirmação é correta, visto que, sendo NumPs, tais itens lexicais podem (i) estar em distribuição complementar com numerais cardinais, (ii) aparecer à direita de determinante, e (iii) coocorrer com um quantificador de tipo Q<sup>0</sup>, como mostrado em (A):

(A) Todos os muitos/poucos/vários/vinte alunos (que estavam na sala) já saíram.

Dessa forma, Lacerda (2012) assume a estrutura nominal em (B):

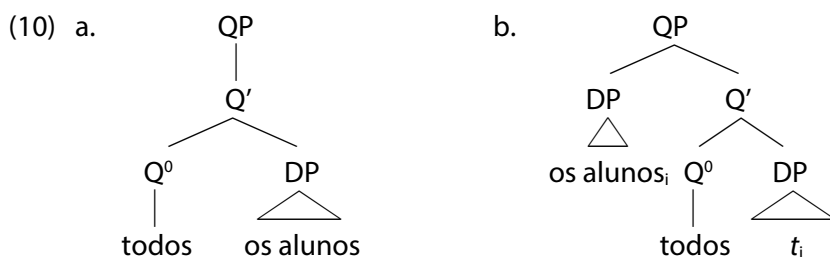
(B) [<sub>QP</sub> todos [<sub>DP</sub> os [<sub>NumP</sub> muitos/poucos/vários [<sub>NP</sub> alunos]]]]

O autor discute a estrutura interna de diferentes quantificadores que projetam QPs, porém, nas seções seguintes, iremos nos ater apenas à sua análise de itens da série de *todo*, que são o foco do presente trabalho. Na seção 2, apresentamos a proposta de Lacerda (2012) para a derivação da expressão quantificada frente à ordem DP+Q e discutimos o principal problema da proposta do autor: a postulação de uma projeção vazia qP que conferiria a visibilidade da expressão quantificada ao sistema para computações futuras, como checagem/valoração de Caso, por exemplo; na seção 3, apresentamos nossas considerações finais, indicando uma hipótese de análise para a ordem DP+Q, mas deixando-a em aberto para estudos posteriores.

## 2 LACERDA (2012): A ORDEM DP+Q ENVOLVE FENÔMENOS INFORMACIONAIS

O objetivo de Lacerda (2012) é mostrar que o fenômeno de flutuação de quantificadores no PB é resultado de movimento sintático (segundo Sportiche (1988) e Guerra Vicente (2006)) e que tal fenômeno está relacionado ao discurso (segundo Valmala Elguea (2008 apud LACERDA, 2012)).<sup>12</sup> Segundo Lacerda (2012), o(s) movimento(s) sintático(s) que origina(m) a flutuação de quantificadores também pode(m) alcançar projeções informacionais, como as de tópico e foco, como aquelas projeções periféricas propostas em Rizzi (1997) e Belletti (2004).

Lacerda (2012) segue Guerra Vicente (2006) ao assumir que (i) *todos* no PB seleciona um DP como complemento, conforme ilustrado em (10a), e que (ii) o reordenamento interno do DP em relação ao QP forma um constituinte sintático, como evidenciado por testes de constituintes aplicados por Guerra Vicente (2006) e Shlonsky (1991), originando a ordem DP+Q:



(GUERRA VICENTE, 2006, p. 98-99, dados (41) e (42))

Porém, o autor afirma que a ordem DP+*todos* em (10b), como proposta em Guerra Vicente (2006) (e em Shlonsky (1991), para a ordem DP+*kol* nos dados do hebraico), fere a Hipótese de Antilocalidade (GROHMANN, 2003, 2011 apud LACERDA, 2012), que proíbe que o movimento seja muito local. Em outras palavras, o movimento interno do DP da posição

<sup>12</sup> Na proposta de Sportiche (1988), o quantificador flutuante é um elemento inerte, incapaz de sofrer movimento sintático, ficando enclachado na posição em que é gerado após o movimento do DP associado. No entanto, para Lacerda (2012) e Valmala Elguea (2008 apud LACERDA, 2012), ele não é inerte, sendo capaz de se movimentar por questões discursivas.

de complemento para a posição de especificador de QP é banido porque não cruza pelo menos uma projeção máxima, como ilustrado em (11), a seguir.

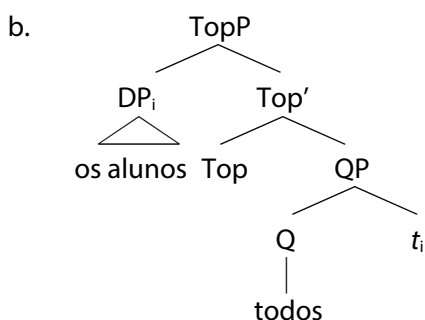
(11) **Proibição de movimento de complemento para especificador**

\*[<sub>XP</sub> YP<sub>i</sub> [<sub>X'</sub> X<sup>0</sup> YP<sub>i</sub>]]

(GROHMANN, 2011 apud LACERDA, 2012, p. 85, ex. (74))

Dessa forma, Lacerda (2012) sugere como hipótese que o PB apresenta camadas informacionais na estrutura nominal, logo acima do QP projetado por *todos*. O autor justifica sua hipótese na argumentação de Guerra Vicente (2006) de que a ordem DP+Q é favorecida em contextos nos quais há noções discursivas como referencialidade e resumitividade.<sup>13</sup> Assim, Lacerda (2012) argumenta que essas nuances interpretativas podem ser captadas na sintaxe com a projeção de tópico sobre QP (o que resolveria o problema de minimalidade da proposta de Guerra Vicente (2006)). Assim, a derivação para a ordem DP+*todos* se daria como em (12):

(12) a. Os alunos todos.



(LACERDA, 2012, p. 86, dado (75))

A posição de tópico que o DP ocupa em (12) carregaria a noção de referencialidade, ou seja, de “informação velha”, já saliente no contexto.

Em relação a *tudo*, Lacerda (2012) afirma que seu uso “peculiar” como quantificador no PB seria a contraparte coloquial de *todos*: *tudo* pode selecionar um DP como complemento e, também, flutuar. O autor constata a impossibilidade da ordem *tudo*+DP tanto na posição de sujeito quanto na de objeto de uma sentença (rever nota de rodapé n. 1).

Para explicar a agramaticalidade de *tudo*+DP em posição de sujeito da sentença, o autor levanta a hipótese de que *tudo* não possui traços-φ, sendo “incapaz de estabelecer a concordância com a flexão verbal em T<sup>0</sup>” (LACERDA, 2012, p. 52), como ilustrado em (13),

13 Para Guerra Vicente (2006), a ordem Q+DP é *default*, favorecida em contextos *out of the blue*, ao passo que a ordem DP+Q só é licenciada em contextos com as noções discursivas apontadas. A autora utiliza essa argumentação para justificar, em sua proposta, a adoção de um traço-EPP em Q que forçaria o movimento do DP para SpecQP. Porém, a autora reconhece que a ordem *default* é capaz de codificar ambas as leituras, fenômeno para o qual ela não apresenta uma explicação.

em que nem a morfologia *default* de singular é capaz de salvar a sentença do fracasso, visto que não há concordância:

- (13) a. \*Tudo os alunos fez a prova.  
 b.  $*[{}_{TP} T_{\phi} + \text{fazer} [{}_{VP} [{}_{QP} \text{tudo}_{[\phi-]} [{}_{DP} \text{os alunos}]] [{}_{VP} \text{a prova}]]]$   
 (Note: A bracket labeled \*Agree spans from  $T_{\phi}$  to  $t_k$  in the structure above.)

(LACERDA, 2012, p. 53, dado (35))

Todavia, na posição de objeto também não é possível encontrar a mesma ordem, como (14a) ilustra. Nas sentenças em (14) e (15) a seguir, o segmento em caixa alta está marcado com acento focal:

- (14) a. \*Eu já comprei [tudo os Livro].  
 b. Eu já comprei [os livro TUDO].  
 (15) a. Eu dei [TUDO os livro] ontem pra Maria.<sup>14</sup>  
 \*Eu dei PRA MARIA ontem tudo os livro.

(LACERDA, 2012, p. 53, dados (36) e (37))

Cumpra pontuar a alegação do autor de que, em (15a), a focalização do quantificador licencia a ordem *tudo*+DP (ou a ordem DP+*tudo*, no caso de (14b)). Em (15b), a focalização de outro elemento na sentença barra a ordem *tudo*+DP. Assim, o autor conclui que a ocorrência de (14b) e (15a) se deve à marcação inerente de valor informacional de foco do quantificador *tudo*, que o obriga sempre a mover-se para uma camada estrutural de foco, projetada sobre o QP. A derivação para a ordem DP+*tudo* se daria com dois movimentos sintáticos para a periferia esquerda do QP: o movimento do DP para SpecTopP (como em DP+*todos*) e o movimento obrigatório de Q para Foc, como mostrado em (16):

- (16) a. Os aluno(s) tudo.  
 b.

(LACERDA, 2012, p. 87, dado (76))

Segundo Lacerda (2012), assim como projeções informacionais da periferia esquerda baixa são “transparentes” para as relações entre T<sup>0</sup> e vP, as projeções de foco e tópico acima de

14 Cruz (2016) rejeita o dado, mencionando que a maioria de seus informantes também o julgou agramatical, mas não de modo unânime; o autor não coletou em seu trabalho nenhum dado com ordem *tudo*+DP, assim como a literatura em geral, conforme mencionado na nota de rodapé n.1. Na perspectiva de Trannin (2016), tal dado seria gramatical na gramática “radical”, mais permissiva, do uso de *tudo*, embora seja agramatical na gramática chamada de “restritiva” pela autora.

QP não interferem em sua visibilidade para o sistema: o autor postula, então, uma projeção qP vazia sobre TopP, encabeçando a estrutura nominal, que assegurará a visibilidade de QP (independentemente da ordem: DP+Q ou vice-versa) para o sistema:

$$(17) \quad [_{qP} q [_{TopP} [_{Top'} Top [_{FocP} [_{Foc'} Foc [_{QP} Q [_{DP} ]]]]]]]]$$

(Adaptado de Lacerda (2012, p. 87, ex. (77))

Porém, Lacerda (2012) admite que faltam evidências independentes para as estruturas sugeridas em (17), que corroborariam a proposta de movimento internamente ao domínio nominal/quantificacional para projeções informacionais periféricas.

Consideramos *ad hoc*, na proposta de Lacerda (2012), a postulação de uma projeção vazia qP que asseguraria a categorialidade e a visibilidade da estrutura nominal para o sistema. Recapitulemos que, pela proposta do autor, o DP é originado como complemento de Q no sintagma QP, sendo *default* a ordem *todos/tudo*+DP. Se o DP não tem valor informacional neutro, isto é, se é selecionado do léxico com um traço de tópico ou foco, haverá a projeção de uma camada informacional na periferia esquerda de QP para onde o DP possa se mover. No caso de *tudo*, que é intrinsecamente marcado com foco, o movimento do quantificador para Foc ocorre obrigatoriamente, podendo ocorrer o movimento do DP (ou não), para a posição de SpecTopP. Acima dessa estrutura ainda é projetado um qP, para garantir, por exemplo, que o DP não fique sem Caso, pois a sonda da flexão verbal em T seria capaz de encontrar qP ativo como alvo, ocorrendo o *pied-piping* de toda a expressão para checagem/valoração de Caso nominativo.

Lembremos que as posições de tópico e foco na periferia do domínio nominal são posições-A', isto é, não argumentais, e que o movimento de elementos argumentais para essas posições inviabilizaria, teoricamente, um posterior movimento-A. Acrescente-se a isso o fato de que o autor assume que a periferia esquerda nominal se comportaria como a periferia esquerda baixa proposta por Belletti (2004), sendo "transparente" para o sistema. Ao postular a existência de um qP a fim de resolver esses problemas, Lacerda (2012) não licencia a existência dessa projeção funcional, ou seja, ela é proposta como uma solução *ad hoc*.

Giusti (2002), ao analisar a estrutura funcional de sintagmas nominais em línguas românicas, balcânicas e germânicas, estabelece um "princípio de economia de inserção lexical" (DIMITROVA-VULCHANOVA; GIUSTI, 1998 apud GIUSTI, 2002), segundo o qual:

- (18) Uma projeção funcional deve ser licenciada em todos os níveis de representação por:
- a. Fazer o especificador visível;
  - b. Fazer o núcleo visível.

(GIUSTI, 2002, p. 70, ex. (42), tradução nossa)<sup>15, 16</sup>

15 No original: "Principle of economy of lexical insertion: / A functional projection must be licensed at all levels of representation by / a. Making the specifier visible; / b. Making the head visible" (GIUSTI, 2002, p. 70).

16 Giusti (2002) afirma que os itens (18a) e (18b) podem ser conjugados (*doubly filled Comp* pode ser um exemplo de conjugação dos dois itens do princípio) ou podem estar separados, isto é, determinadas línguas podem apresentar em suas projeções apenas um dos dois itens do princípio. Giusti (2002) afirma que a conjugação ou separação dos itens do princípio depende da língua, da projeção e do elemento na posição de Spec.

Esse princípio implica que, para licenciar a existência de uma projeção funcional (que Giusti (2002) afirma ser uma operação de último recurso), deve existir a possibilidade de se inserir material na posição de especificador ou de núcleo (ou as duas possibilidades, cf. nota de rodapé n. 16) dessa projeção em algum momento da derivação. Do contrário, tal projeção não é licenciada. Dessa forma, seguindo o raciocínio de Giusti, não há como licenciar uma projeção qP, pela proposta de Lacerda (2012), cujo núcleo é esvaziado de traços e cuja posição de especificador não abriga nenhum elemento (nem como local de pouso).

Outro problema a ser apontado na proposta de Lacerda (2012) tem a ver com a afirmação de que *tudo* é inerentemente marcado para foco. Vemos que uma sentença como (15b), repetida a seguir como (19a), com a focalização do PP objeto indireto, considerada agramatical em certas variedades mais restritivas em relação ao uso de *tudo* (TRANNIN, 2016), torna-se completamente gramatical com a ordem DP+*tudo* (como exemplificado em (19b)):

- (19) a. \*Eu dei PRA MARIA ontem tudo os livro.  
b. Eu dei PRA MARIA ontem os livro tudo (e não pro João).

Lembremos que Lacerda (2012) afirma que a focalização de outro elemento barra a ordem *tudo*+DP, justamente porque *tudo* é inerentemente focalizado. O que dizer de (19b), perfeitamente aceitável, com o mesmo PP sendo focalizado? Como discutido por Rizzi (1997), só pode haver um elemento focalizado na estrutura (pois a própria noção de estrutura foco-suposição não é compatível logicamente com mais de um elemento focalizado). Dessa forma, não poderíamos simplesmente relegar a impossibilidade de *tudo*+DP em (19a) à focalização de outro elemento, visto que a ordem DP+*tudo* também envolve, pela proposta de Lacerda (2012), a focalização de *tudo* na periferia do QP.

A proposta do autor, como um *tudo*, é bastante interessante do ponto de vista de sua capacidade de captar noções discursivas por meio de movimentos sintáticos a projeções periféricas. Porém, ainda há problemas nessa análise para a derivação da ordem DP+Q, uma vez que ela carece de motivações independentes, tornando-se, de certa forma, estipulativa.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já mencionado anteriormente, o PB coloquial tem variedades que não apresentam a ordem *tudo*+DP, estando prevista apenas a ordem DP+*tudo* (como demonstrado nos dados e análises da maioria da literatura sobre o assunto). Porém, há outras variedades nas quais a possibilidade de ocorrência do DP em relação a *tudo* é mais livre (como em (1c) e (1d)). Trannin (2016) argumenta que há, então, duas gramáticas distintas para o PB em relação ao uso de *tudo*. Aceitando essa hipótese, poderíamos sugerir que a diferença entre as duas se dá na forma como o núcleo *tudo* seleciona seu argumento:<sup>17</sup> na gramática em que apenas a ordem DP+*tudo* é lícita, pode-se argumentar que o DP é gerado como argumento

<sup>17</sup> Trata-se de uma hipótese a ser explorada em estudos posteriores.

externo de *tudo* (motivo por que não há a ordem *tudo*+DP em nenhum contexto);<sup>18</sup> já na outra gramática, em que a ordem *default* é *tudo*+DP, o DP seria gerado como argumento interno, podendo ou não se mover para a esquerda do QP. Nesse último caso, resta verificar quais contextos pragmáticos favorecem uma ou outra ordem e qual o local de pouso do DP — que não nos parece ser numa possível periferia informacional do QP, como sugerido por Lacerda (2012), pois não há evidências independentes para suportar a afirmação de uma projeção que asseguraria a visibilidade do complexo DP+Q para computações futuras (como checagem/valoração de Caso, por exemplo).

18 Conforme já havia notado Cançado (2006), geralmente, em registros coloquiais do PB, quando há queda da flexão de número no sintagma nominal, apenas o elemento mais à esquerda carrega a flexão morfológica. É exatamente o que ocorre na expressão DP+*tudo*: apenas o determinante é obrigatoriamente flexionado em número.



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. C. N. *Da estrutura de expressões nominais quantificadas em posição de tópico*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- BALTIN, M. R. Floating quantifiers, PRO and predication. *Linguistic Inquiry*, v. 26, n. 2, p.199-248, 1995.
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, L. (ed.). *The structure of CP and IP: the cartography of syntactic structures*. New York: Oxford University Press, 2004. p. 16-51.
- BOBALJIK, J. D. *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*. PhD dissertation – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1995.
- BOŠKOVIĆ, Ž. Be careful where you float your quantifiers. *Natural Language & Linguistic Theory*, n. 22, p. 681-742, 2004.
- BRISSON, C. M. *Distributivity, maximality, and floating quantifiers*. PhD Dissertation – Rutgers University, New Brunswick, NJ, 1998.
- CANÇADO, M. O quantificador *tudo* no PB. *Letras*, Curitiba, n. 70, p. 157-182, set./dez. 2006.
- CIRILLO, R. *The syntax of floating quantifiers: stranding revisited*. PhD Dissertation – Universiteit van Amsterdam, 2009.
- CRUZ, A. S. “Os ‘quantificador’ tá *tudo* flutuando”: uma análise de “*tudo*” como modificador de grau no Português Brasileiro. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- CRUZ, A. S.; GUERRA VICENTE, H. S. A palavra TUDO como modificador de grau no PB coloquial. *Linguística*, v. 12, n. 2, p. 87-109, 2016.
- FITZPATRICK, J. *The syntactic and semantic roots on floating quantification*. Doctoral Dissertation – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2006.
- GIUSTI, G. The functional structure of noun phrases: a bare phrase structure approach. In: CINQUE, G. (ed.). *Functional structure in DP and IP: the cartography of syntactic structures*. v. 1. New York: Oxford University Press, 2002. p. 54-90.
- GODOY, L. A. G. *A palavra tudo como quantificador universal puro no Português Brasileiro*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- GUERRA VICENTE, H. S. *O quantificador flutuante todos no português brasileiro e no inglês: uma abordagem gerativa*. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- GUERRA VICENTE, H. S.; QUADROS GOMES, A. P. Um tratamento unificado de grau para o quantificador flutuante e o intensificador ‘todo’. *Linguística*, v. 9, n. 1, p. 112-132, 2013.

GUERRA VICENTE, H. S.; QUADROS GOMES, A. P.; LUNGUINHO, M. V. Uma análise sintático-semântica de grau para todo-all no português brasileiro. Ms. 2016.

KAYNE, R. *French syntax: the transformational cycle*. Cambridge: MIT Press, 1975.

LACERDA, R. *Quantificadores flutuantes no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

RIZZI, L. The Fine Structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.). *Elements of grammar: a handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

SEDRINS, A. P. O quantificador *todos* no português brasileiro: ordem e padrões de concordância. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 40:1, p. 207-219, jan./abr. 2011.


SHLONSKY, U. Quantifiers as functional heads: a study of Quantifier Float in Hebrew. *Lingua*, 84, p. 159-180, 1991.

SPORTICHE, D. A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. *Linguistic Inquiry*, 19:3, p. 425-449, 1988.

TRANNIN, J. B. *Tudo na história do português*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

*Squib* recebido em 18 de maio de 2020.

*Squib* aceito em 15 de junho de 2020.



# A INTERPOLAÇÃO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS CLÁSSICO AO PORTUGUÊS EUROPEU: ELEMENTOS PARA UMA NOVA ANÁLISE

---

LARA DA SILVA CARDOSO\* | AROLDI LEAL DE ANDRADE\*\* | ZENAIDE DE OLIVEIRA NOVAIS CARNEIRO\*\*\*

---

## RESUMO

Este trabalho trata da interpolação de elementos diferentes do *não* do português clássico ao português europeu moderno e, com base em um pequeno conjunto de dados de peças teatrais portuguesas, apresenta alguns problemas empíricos para a proposta mais aceita sobre o fenômeno no português europeu contemporâneo. Segundo essa análise, trata-se de um fenômeno novo, sem relação com a interpolação encontrada em estágios passados do português (MAGRO, 2007). Os dados aqui apresentados se configuram como um problema não só para a história desse tipo de interpolação, como também para o estatuto do constituinte interpolado. Além de evidenciar os problemas que esses dados trazem, apresentamos um esboço de nova análise sobre o estatuto sintático do elemento interpolado, relacionando-o à interpolação de elementos diferentes do *não*, existente no português clássico.

**Palavras-chave:** interpolação pronominal, português clássico, português europeu moderno

## ABSTRACT

This work deals with interpolation of elements different from *não* ('not') from Classical Portuguese to Modern European Portuguese and, with basis on a small dataset from Portuguese theater plays, presents some empirical problems for the most accepted proposal on the phenomenon in contemporary EP. According to this analysis, it is a new phenomenon, with no relation with the interpolation found in previous stages of Portuguese (MAGRO, 2007). The data presented here represents a problem not only for the history of this type of interpolation, but also for the status of the interpolated constituent. Besides showing the problems brought by these data, we present a sketch of a new analysis on the syntactic status of the interpolated constituent, relating it to the interpolation of different elements from *não*, existing in Classical Portuguese.

**Keywords:** pronominal interpolation, Classical Portuguese, Modern European Portuguese

---

\*Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS. *E-mail:* laracardooso@hotmail.com.

\*\*Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. *E-mail:* aroldo.andrade@gmail.com.

\*\*\*Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS. *E-mail:* zenaide.novais@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Este *squib* trata da interpolação de elementos diferentes do *não* do português clássico (PCI) ao português europeu moderno (PE) e apresenta um conjunto de dados que se configura como um problema empírico para a hipótese defendida por Magro (2007) sobre o estatuto sintático e o surgimento desse fenômeno no PE. A presente seção apresenta o fenômeno e o problema a ser debatido. A seção segunda descreve a proposta de Magro (2007). Na terceira seção, apresentamos os novos dados. Por fim, a quarta seção conta com um esboço de análise e resume as considerações finais.

A interpolação consiste na não adjacência entre o clítico e o verbo. Na história do português, esse fenômeno foi subdividido conforme o tipo de elemento interpolado: interpolação da *negação*, como no exemplo (1), em que apenas o marcador de negação aparece entre o clítico e o verbo, e interpolação de elementos diferentes do *não*, em que qualquer outro constituinte pode aparecer intercalado, como no exemplo (2). Esse fenômeno normalmente ocorre em sentenças dependentes e pode ocorrer em sentenças não dependentes precedidas por elementos que condicionam a colocação pré-verbal do clítico.<sup>1</sup> Além disso, o clítico tem de estar adjacente ao elemento complementador da sentença.<sup>2</sup>

- (1) E disse que a posse que lha *nõ* queria dar.

Noroeste de Portugal, séc. XIII (MARTINS, 1994, p. 163)

- (2) quanto as *eu mays* pudj uêder.

Noroeste de Portugal, séc. XIII (MARTINS, 1994, p. 164)

Enquanto a interpolação do *não* foi a opção preferencial em todas as fases pretéritas do português, mantendo-se no PE restrito à variante padrão (MARTINS, 1994), a interpolação de elementos diferentes do *não* foi a opção preferencial em apenas duas fases: no português antigo (PA, entre os anos de 1214-1385) e no português médio (PM, delimitado entre 1385-1535). Durante o português clássico (PCI, situado entre 1536-1800), poucos dados são atestados, os quais foram, até então, considerados como resquícios da gramática anterior, por estarem relacionados a uma competição de gramáticas (KROCH, 1994; MARTINS, 1994; NAMIUTI, 2006). No PE, que tem seu início aqui datado a partir de 1800, o fenômeno aparece em grande quantidade no século XIX, em textos escritos, e no século XX, em dados dialetais de fala (MAGRO, 2007), mas de forma mais restrita que a interpolação de elementos diferentes do *não* presente nos demais estágios gramaticais do português.<sup>3</sup>

1 Entre os elementos que condicionam a colocação pré-verbal do clítico, ou seja, a próclise, estão constituintes focalizados ou quantificados e determinados advérbios (*nunca, assim, também*, etc).

2 Segundo Namiuti (2006), a interpolação do *não* passa a ocorrer, a partir de 1536, isto é, no PCI, em sentenças não dependentes neutras. Esse contexto de ocorrência deixa de ser possível a partir do século XVIII.

3 A periodização usada neste trabalho é a de Lindley Cintra, descrita em Castro (1999). Apesar de existirem outras propostas sobre o início do PE, consideramos a periodização de Cintra mais adequada para esta

A presença da interpolação de elementos diferentes do *não* no PE dialetal levantou discussões a respeito do seguinte questionamento, no qual este *squib* se concentra: a interpolação dialetal de elementos diferentes do *não* no PE tem relação com a interpolação do *não* de fases pretéritas do português ou se constitui como uma inovação? A posição mais aceita é a de Magro (2007), que afirma ser a interpolação do PE uma característica inovadora, sem relação com a interpolação dos estágios gramaticais anteriores. Como se verá a seguir, há razões para se questionar tal hipótese, uma vez que o fenômeno não é novo na história do português.

## 2 A INTERPOLAÇÃO DE ELEMENTOS DIFERENTES DO NÃO NO PORTUGUÊS EUROPEU DIALETAL: A PROPOSTA DE MAGRO (2007)

Segundo Magro (2007), a interpolação de elementos diferentes do *não* que ocorre no PE dialetal é, na verdade, uma interpolação de elementos dêiticos, ou seja, um fenômeno novo, sem ligação com a interpolação de constituintes diferentes do *não* existente em fases passadas do português. Esse novo fenômeno surge no século XIX e se alastra até os dados orais do século XX, sendo desencadeado por uma reanálise estrutural da interpolação do *não*, que ocorreu em meados do século XVII. Entre os argumentos usados pela autora estão (i) o desaparecimento do fenômeno no século XVIII, configurando-se como um hiato da interpolação de elementos diferentes do *não*; (ii) o caráter dêítico dos elementos interpolados presente nos textos portugueses a partir do século XIX e (iii) a derivação pós-sintática da interpolação dêitica do PE, originada por uma mudança na derivação da interpolação do *não* no século XVII.

Quanto ao primeiro argumento, Magro (2007) se baseia nos estudos de Martins (1994) e Namiuti (2006) e afirma que a interpolação de elementos diferentes do *não* tem seu processo de desaparecimento iniciado no século XV. Martins (1994) observou uma grande frequência desse fenômeno até meados do século XVI, alcançando 60% a 50% do total de ocorrência no PA e no PM, respectivamente. Nessas fases gramaticais, não havia restrição quanto ao tipo de constituinte interpolado, que podia ser qualquer elemento que estivesse anteposto ao verbo. Namiuti (2006) analisou esse tipo de interpolação em textos de dez autores literários para os séculos XVI e XVII e encontrou apenas 60 ocorrências do fenômeno, presentes em cinco deles. Além disso, Namiuti (2006) notou uma restrição quanto ao tipo de elemento interpolado, diferentemente do que foi atestado por Martins (1994) em textos de séculos anteriores. Para Namiuti (2006) há, no período quinhentista e seiscentista, uma situação de “diglossia sintática”, seguindo Kroch (1994), em que autores contemporâneos podem apresentar construções sintáticas antigas ou construções sintáticas inovadoras, nas quais o elemento interpolado se apresentava restrito a determinados tipos de constituintes (pronomes sujeitos e NP sujeito, QP, constituintes com redobro de clítico e advérbios). Não foi encontrado, durante a segunda metade do século XVII e todo o século XVIII,

---

pesquisa, por ser mais detalhada quanto aos estágios gramaticais do português.

nenhum dado desse tipo de interpolação. Magro (2007, p. 186) sugere, portanto, “que na história do português existe, de fato, uma época em que este fenômeno deixa de ser gramaticalmente possível”.

O segundo argumento diz respeito à natureza do elemento interpolado. Ainda conforme Magro (2007), no PE, a partir do século XIX, todos os elementos interpolados, à exceção do *não*, são elementos dêiticos, classificados em quatro tipos de dêixis: dêixis pessoal, especial, temporal e modal. Os elementos que aparecem interpolados nos dados dialetais de fala do PE estão listados no quadro a seguir.

**QUADRO 1 – CONSTITUINTES DIFERENTES DO NÃO INTERPOLADOS EM DADOS DE FALA DO PE DIALETAL**

Dêixis pessoal	Dêixis espacial	Dêixis temporal	Dêixis modal
<i>eu, nós/a gente, ele/ela, eles/elas, a nós</i>	<i>aqui, ali, aí, cá, lá, para lá, para aí, esta isto, isso</i>	<i>agora, depois, então, hoje, ontem, ainda já</i>	<i>assim</i>

Fonte: Magro (2007, p. 112).

Uma vez que apenas o *não* não pode ser classificado como dêitico, Magro (2007) afirma que, apesar de a derivação da interpolação dêitica ter sido constituída a partir de uma reanálise da interpolação do *não*, que ocorreu a partir de meados do século XVII, ambos os fenômenos, no PE, são distintos e não apresentam relação entre si.

Quanto ao terceiro argumento — a derivação pós-sintática da interpolação de elementos diferentes do *não* no PE —, Magro (2007) desenvolve a hipótese de que o fenômeno retorna no século XIX com uma estrutura sintática diferente da estrutura encontrada no PA e no PM. A estrutura apresentada por Magro (2007) como representativa da derivação sintática da interpolação no PA e no PM é a de Martins (1994), que segue a versão minimalista da Teoria de Regência e Ligação, proposta em Chomsky (1992).<sup>4</sup> Para propor a derivação da interpolação dêitica do PE, Magro (2007) segue os pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993). As duas propostas estão esquematizadas nos exemplos (3) e (4), respectivamente.

$$(3) \quad [_{\Sigma P} \Sigma [_{AgrSP} \text{Clítico} [_{AgrS'} (\text{interpolado}) [_{AgrS'} (\text{interpolado}) [_{AgrS'} [_{AgrS} [_{T} V[T]] [AgrS]] [TP..]]]]]]]$$

(MARTINS, 1994 apud MAGRO, 2007, p. 193)

$$(4) \quad [_{\Sigma P} \Sigma [_{TP} CI [_{TP} V T...]]]$$

(MAGRO, 2007, p. 219)

Conforme Martins (1994), no PA e no PM, o verbo se movia até AgrS, e o clítico ocupava a posição mais periférica de [Spec, AgrSP]. Os constituintes interpolados diferentes do *não*

4 Martins (1994) assume a estrutura básica da frase incluindo [Spec, TP] e a projeção funcional  $\Sigma P$ , categoria forte responsável por codificar polaridade (negação, afirmação, modalidade) no português, que exige a realização fonológica em *spell-out*. Quando CP está projetado na sentença, o requerimento fonológico de  $\Sigma$  é preenchido pela lexicalização de C.

ocupavam as posições mais encaixadas de [Spec, AgrSP], a qual era associada a um traço EPP com a propriedade *Attract-all-F*, que permitia a seleção de especificadores múltiplos. Logo, entre o clítico e o verbo, outros constituintes podiam ser movidos por *scrambling* de média distância (MARTINS, 2002), ocasionando a interpolação de elementos diferentes do *não*.<sup>5</sup>

Na interpolação de elementos dêiticos do PE contemporâneo, segundo Magro (2007), o clítico se encontra adjunto à projeção máxima de T, a projeção funcional mais alta atingida pelo movimento do verbo, já que, segundo Martins (1994), a categoria AgrSP não é mais projetada no português a partir do século XVII. Em contextos em que a visibilidade de  $\Sigma$  é satisfeita (sentenças dependentes ou não dependentes com licenciadores de próclise, cf. nota 4), o clítico pode sofrer metátese (uma operação pós-sintática) junto ao elemento dêitico que o precede, ocorrendo a interpolação.

Definida nos termos de Harris e Halle (2005), a metátese ocorre em uma sequência linearizada, por meio da duplicação de determinada sequência de elementos adjacentes. Para Magro (2007), a duplicação que ocorre na interpolação é a parcial, em que apenas um elemento da sequência é duplicado e o *input* fornece informação sobre qual elemento deverá ser apagado e sobre qual elemento deverá ser duplicado na forma derivada. Conforme a autora, o *input* fornece a indicação para apagar o primeiro elemento na primeira cópia produzida e o segundo elemento na segunda cópia produzida (destacados em cor cinza), havendo a inversão dos dois elementos duplicados e, conseqüentemente, a interpolação, como pode ser visto no exemplo (5), gerando sentenças como as do exemplo (6).

- (5) duplicação parcial com metátese:
- |    |           |  |
|----|-----------|--|
| a. | A[B><C]D  | delimitação da subsequência a duplicar e indicação dos elementos a eliminar. |
| b. | A-BC-BC-D | resultado da duplicação e marcação para apagamento.                          |
| c. | A-C-B-D   | resultado final.   |

(MAGRO, 2007, p. 39)

- (6) E o que mais se *agora* cria é isto.

Figueiró, CORDIAL-SIN FIG17 (MAGRO, 2007, p. 93)

Essa derivação pós-sintática da interpolação dêitica é desencadeada, segundo Magro (2007), por uma reanálise da interpolação do *não*. A partir de meados do século XVII, o movimento do *não* para  $\Sigma$  deixa de ser adiado para LF e passa a ser motivado por uma operação pós-sintática de metátese, tal qual o exemplo (5). Essa operação se estende, a partir do século XIX, a elementos dêiticos, os quais teriam, segundo Magro (2007), o traço [+dependente], necessário para a realização dessa operação.<sup>6</sup>

5 Segundo Martins (1994), o *não* é um morfema verbal gerado na base que se move obrigatoriamente para a  $\Sigma$ P. Magro (2007) confirma e utiliza a proposta de derivação da interpolação do *não* de Martins (1994) em sua pesquisa, tendo-a como base para construir sua hipótese da reanálise da interpolação do *não* a partir do século XVII, que desencadeia a interpolação de elementos dêiticos do PE. Na proposta de Martins (1994), o movimento do *não* para  $\Sigma$  era adiado até LF em sentenças próclíticas, ocasionando a interpolação do *não*.

6 Para Magro (2007), apenas um  $\Sigma$  dependente pode estar envolvido em operações de metátese, justificando

### 3 NOVOS DADOS

Partindo do pressuposto de que a interpolação de elementos diferentes do *não* é um fenômeno característico da fala, uma vez que são encontrados em maior número em textos orais do PE contemporâneo (MAGRO, 2007), realizamos uma busca por esse fenômeno em peças teatrais portuguesas escritas nos séculos XVI, XVII e XVIII, tendo em vista que esse gênero textual representa mais fielmente a linguagem oral. Foram encontrados dados em quatro peças teatrais escritas por Simão Machado, nascido na segunda metade do século XVI; em 16 peças teatrais portuguesas escritas, no século XVII, por autores reconhecidos ou por anônimos; e em uma peça teatral portuguesa escrita por um autor nascido no século XVIII. Os textos dos séculos XVI e XVII foram editados pelo Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa (CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO, 2010a; 2010b) e o texto setecentista faz parte do Corpus Histórico do Português *Tycho Brahe* (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017).<sup>7</sup>

A partir desse *corpus*, foram encontradas 35 sentenças com interpolação de elementos diferentes do *não*, exemplificadas a seguir.

(7) Século XVI

- a. Quem me *a mi* pouser a mão / pousar-lhe-ei a vida a um cabo.

Simão Machado (Comédia da Pastora Alfea (I)), séc. XVI.

- b. Bem pudera isso assi ser / se *m'eu* chamara Azevedo.

Simão Machado (Comédia do Cerco de Diu (II)), séc. XVI.

(8) Século XVII

- a. Essa é a conta que lhe *eu* deito e aqui paz, e depois graça.

Manuel Coelho Rebelo (Os Conselhos de um Letrado), séc. XVII.

- b. Muito há agora de saber / quem me *a mim* fizer torvar.

Francisco Manuel de Melo (O Fidalgo Aprendiz), séc. XVII.

---

a ocorrência da interpolação apenas em sentenças dependentes, em que o  $\Sigma$  está lexicalizado por C, ou em sentenças dependentes com verbo precedido por elementos que funcionam como licenciadores de próclise, também incluídos em  $\Sigma$ .

7 As peças teatrais consultadas são as seguintes:

Séc. XVI: Comédia da Pastora Alfea (I), Comédia da Pastora Alfea (II), Comédia do Cerco de Diu (I) e Comédia do Cerco de Diu (II), escritas por Simão Machado (1570-1640);

Séc. XVII: A Benzedeira (anônimo), A Emprenhada (anônimo), As Freiras (anônimo), Auto e Colóquio do Nascimento (Francisco Lopes), Os Conselhos de um Letrado (Manuel Coelho Rebelo), Entremez Verdadeiro (anônimo), O Juiz Casamenteiro (anônimo), O Bertolinho (anônimo), O Casamento com o Criado (anônimo), O Noivo (anônimo), Oito Vilões e Uma Mulher (anônimo), Os Amantes nas Grades das Freiras (anônimo); Os Sebastianistas (anônimo); Os Zelos de um Vilão (anônimo), Regateiras de Lisboa (Maniel Coelho Rebelo); O Fidalgo Aprendiz (Francisco Manuel de Melo);

Séc. XVIII: O judeu (Silva).



- (9) Século XVIII
- a. e tens de obrigação o desfazer agravos, socorrer aflitos, e restaurar honras perdidas, por essa causa te manda pedir encarecidamente queiras ir ao Parnaso, aonde se *ele* acha.

Antonio José da Silva (O Judeu), séc. XVIII.

Os elementos interpolados encontrados no *corpus* estudado estão exibidos no quadro a seguir, junto à quantidade de ocorrências.

**QUADRO 2 – ELEMENTOS DIFERENTES DO NÃO INTERPOLADOS NO CORPUS ANALISADO**

	Pronomes	Sintagmas nominais	Advérbios	Sintagmas preposicionais	Mais de um constituinte
Séc. XVI	<i>eu</i> (6)	-	-	<i>a mim</i> (1)	<i>NP/PP/pronome/advérbio + não</i> (4)
Séc. XVII	<i>eu</i> (15) <i>ele</i> (2) <i>vós</i> (1)	<i>o vilão</i> (1)	<i>lá</i> (1) <i>assim</i> (1)	<i>a mim</i> (1) <i>a eles</i> (1)	-
Séc. XVIII	<i>eu</i> (1)	-	-	-	-

Fonte: elaborado pelos autores.

Apesar de poucos, esses dados se configuram como um problema empírico para a proposta de Magro (2007), em virtude dos seguintes aspectos: (i) a presença significativa desse fenômeno na gramática do PCI; (ii) a existência de dados de interpolação no século XVIII, período em que a autora defende ter havido um “hiato” do fenômeno e (iii) a ocorrência de elementos dêiticos interpolados, não sendo essa uma característica específica da interpolação existente no PE contemporâneo.

Quanto ao primeiro aspecto, os estudos realizados até então sobre a interpolação no PCI consideraram a ocorrência de sentenças com elementos diferentes do *não* interpolados entre o clítico e o verbo como resquícios da gramática portuguesa anterior, o português médio (que estava em processo de desaparecimento) em competição com a gramática do português clássico, que apresentou, até o século XVII, uma quantidade menor e restrita de elementos interpolados. Embora a ocorrência desse fenômeno em textos de autores portugueses a partir do século XVI seja pequena se posta em comparação com textos de séculos anteriores, é importante notar a representatividade desses dados: nos dez autores consultados por Namiuti (2006) para o século XVI e XVII, o fenômeno foi encontrado em cinco deles. Os novos dados aqui expostos fazem parte de mais 16 peças portuguesas, escritas por autores diversos, contribuindo, portanto, para a defesa de que não houve necessariamente o desaparecimento desse fenômeno no PCI.

O hiato desse fenômeno proposto por Magro (2007) — segundo aspecto — também é posto em discussão com os novos dados apresentados. Foi encontrada uma sentença

com um elemento diferente do *não* interpolado entre o clítico e o verbo em uma peça portuguesa escrita por um autor nascido no século XVIII. Desse modo, atestamos a ocorrência da interpolação de elementos diferentes do *não* em todos os séculos da história do PE, reforçando a hipótese da manutenção desse fenômeno no português clássico e no português europeu.

O dado encontrado no século XVIII, assim como os demais mais antigos, não pode ser interpretado como resquício da gramática do PM, uma vez que a interpolação representativa desse período, conforme Namiuti (2006), tende a desaparecer a partir do século XV, o que é um período temporal grande demais para ser atribuído a um reflexo de competição de gramáticas. Por outro lado, a existência de um único dado pode ser também justificada, como mencionado anteriormente, por ser esse um fenômeno característico da fala. Uma vez que peças teatrais tentam aproximar a fala dos personagens à linguagem oral, a investigação do fenômeno em mais peças teatrais setecentistas pode apresentar uma quantidade mais expressiva de ocorrências.<sup>8</sup>

O terceiro ponto no qual os novos dados vão de encontro à proposta de Magro (2007) diz respeito ao caráter dêitico do elemento interpolado a partir do século XIX. Como se vê nos exemplos mencionados anteriormente, o elemento interpolado no português clássico já possuía traços dêiticos, não sendo, portanto, uma exclusividade da interpolação do século XIX e XX. Além disso, em sua tese de doutoramento, Magro (2007) já havia deixado de lado uma sentença em que o sintagma *às vezes* aparece interpolado nos dados de fala do PE dialetal, exposta no exemplo (10), e que não se configura como elemento dêitico:

(10) Só lhe *às vezes* faço um bocadinho com cera verde para elas lhe começar a cheirar.

Santo André, CORDIAL-SIN, STA07 (MAGRO, 2007)

Logo, além de já existirem, em séculos anteriores ao PE, elementos dêiticos interpolados, essa não é a única natureza dos elementos possíveis de sofrer interpolação na gramática europeia.

## 4 UM ESBOÇO DE ANÁLISE

Uma vez que os dados exibidos vão de encontro à proposta de Magro (2007), apresentamos um esboço de análise a respeito desse fenômeno. Propomos, como análise alternativa, aberta a investigações futuras, que a interpolação de elementos diferentes do *não* não desaparece no século XVIII, mantendo-se presente ao longo de todas as fases gramaticais do português. A partir do início do português clássico (meados do século XVI), entretanto, propomos que o fenômeno tenha passado por um processo de mudança, principalmente quanto à restrição dos elementos interpolados, os quais seriam, em nossa análise, clíticos-

<sup>8</sup> Além disso, a pouca quantidade de dados para o século XVIII pode ser justificada, também, pela menor quantidade de próclises nesse período e, até mesmo, por uma possível restrição de ocorrência de clíticos sujeito na língua padrão, sendo, portanto, uma outra lacuna de investigação.

sujeitos (SPORTICHE, 1998) ou sintagmas preposicionais movidos por *scrambling*. Assim, concordamos com Magro (2007) ao afirmar que a interpolação de elementos diferentes do *não* do PE não é uma continuidade da interpolação que existiu no português antigo, mas discordamos da autora quanto à inovação desse fenômeno da gramática europeia, já que, em nossa análise, a interpolação de elementos diferentes do *não* corresponderia a uma continuidade do fenômeno que existiu no português clássico.

Sendo assim, os dados de interpolação existentes no PE seriam representados como no exemplo (11).

(11) [<sub>IP1</sub> sujeito [<sub>I'1</sub> clítico+I<sub>1</sub> [<sub>IP2</sub> (Constituinte Interpolado) [<sub>I'2</sub> verbo+I<sub>2</sub> [<sub>VP</sub> ... ]]]]]

A distância do sujeito em relação ao verbo no português europeu (COSTA; GALVES, 2002) motiva a representação de dois IPs e a presença do sujeito em Spec, IP<sub>1</sub>, uma vez que, embora esteja distante do verbo, o sujeito não se apresenta em posição deslocada. O clítico é aqui posto como núcleo, movimentando-se como tal para I'1. A existência de dois IPs faz com que [Spec, IP<sub>2</sub>] não seja necessariamente preenchido no português, sendo essa a posição do constituinte interpolado, o qual pode corresponder a um clítico-sujeito ou a um PP ou AdvP movido por *scrambling* de média distância.

O estatuto de clítico-sujeito do elemento interpolado justifica a ocorrência majoritária de pronomes interpolados nos dados aqui exibidos e nos dados de Magro (2007) e a possibilidade do movimento de *scrambling* de média distância dá conta da existência de PPs interpolados entre o clítico e o verbo. Desse modo, as sentenças com mais de um constituinte interpolado entre o clítico e o verbo, encontradas em textos do século XVI (cf. Quadro 2), representariam resquícios da interpolação do português médio, enquanto as demais sentenças representariam a interpolação restrita a clíticos-sujeito e a PPs movidos por *scrambling* de média distância, que são típicos da gramática do PCI e permanecem no PE. Por questões relativas à coloquialidade de tais construções, esse padrão de interpolação ocorre em escritos com certa frequência a partir do século XIX e no PE dialetal.

Desse modo, os aspectos da proposta derivacional aqui exibida abrem espaço para investigações futuras tanto sobre a interpolação de elementos diferentes do *não* quanto sobre a existência, no PE, de clíticos-sujeito, i.e, pronomes fracos em variação com pronomes fortes.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Ivo. O português médio segundo Cintra (nuga bibliográfica). *In*: FARIA, Isabel Hub (org.). *Lindley Cintra*. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão. Lisboa: Cosmos, 1999. p. 367-370.

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO. Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVII – uma biblioteca digital. 2010a. Disponível em: <http://www.cet-e-quinheiros.com/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO. Teatro de Autores Portugueses do Séc. XVII – uma biblioteca digital. 2010b. Disponível em: <http://www.cet-e-seiscentos.com/>. Acesso em: 21 ago. 2020.

CHOMSKY, Noam. A Minimalist Program for Linguistic Theory. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, Cambridge: MIT Press, 1992.

COSTA, João; GALVES, Charlotte. External subjects in two varieties of Portuguese. *In*: BEYSSADE, Claire; BOK-BENNEMA, Reineke; DRIJKONINGEN, Frank; MONACHESI, Paola (ed.). *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 109-125.

GALVES, Charlotte; ANDRADE, Aroldo; FARIA, Pablo. *Corpus Histórico do Português Tycho Brahe*. 2017.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. *In*: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (ed.). *The View from Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HARRIS, James; MORRIS, Halle. Unexpected Plural Inflections in Spanish: Reduplication and Metathesis. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 36, n. 2, p. 195-222, 2005.

KROCH, Anthony. Morpho-syntactic variation. *In*: BEALS, Kenneth et al (org.). *Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation e Linguistic Theory*. Chicago: Chicago Linguistic Society, v. 2, p. 180-201. 1994.

MAGRO, Catarina. *Clíticos: variações sobre o tema*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

MARTINS, Ana Maria. *Clíticos na história do português*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

NAMIUTI, Cristiane. Um estudo sobre o fenômeno da interpolação de constituintes na história do português. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 48, n. 2, p. 171-194, julho/ dezembro, 2006.

SPORTICHE, Dominique. *Partitions and Atoms of Clause Structure: Subjects, agreement, case and clitics*. London: Routledge, 1998.

*Squib* recebido em 25 de agosto de 2020.

*Squib* aceito em 14 de outubro de 2020.



# DAS CATEGORIAS ENVOLVIDAS NA DERIVAÇÃO DE *COMO ASSIM* DE INCREDELIDADE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

---

RAQUEL SOUSA\*

---

## RESUMO

Guessser, Sousa e Kédochim (2019) argumentam que a expressão *como assim* de incredulidade (CAI) é um sintagma-wh de escopo alto nas sentenças, gerado diretamente na periferia esquerda, em [Spec,Int]. Neste *squib*, tomando a valoração de traços como uma estratégia feita derivacionalmente por meio de movimento (CHOMSKY, 2001; DONATI, 2008), fazemos uma análise dessa proposta considerando a hierarquia universal assumida no âmbito da cartografia sintática (RIZZI, 1997, 2001, 2004; CINQUE, 1999, 2006), além de preceitos dessa abordagem, tais como o princípio *one feature, one head* (KAYNE, 2005). Como metodologia, utilizamos expedientes utilizados na cartografia, como testes de precedência e transitividade (CINQUE, 1999) e testes de coocorrência de elementos supostamente pertencentes à mesma categoria (TESCARI NETO, 2019). Por meio de testes com advérbios semanticamente correspondentes às categorias MoodMirativeP e MoodEvidentialIP, demonstramos a sensibilidade de CAI nesses contextos, o que sugere que esse sintagma-wh ocupa tais posições em seu processo derivacional. Além disso, testes de precedência e transitividade sugerem uma posição de pouso final acima da categoria ModP, como é assumido por Guessser, Sousa e Kédochim (2019). Os testes aqui aplicados sugerem que CAI é gerado em uma posição mais baixa e posteriormente valora traços de miratividade e evidencialidade na zona alta de IP antes de alcançar a posição final em PB, aqui assumida como [Spec,Int].

**Palavras-chave:** como assim de incredulidade, interrogativas-wh, português brasileiro, cartografia

---

\* Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, e CNPq. Programa de pós-graduação em Linguística. LaCaSa — Laboratório de Cartografia Sintática (<https://is.gd/LaCaSaUnicamp>).  
E-mail: rachel.ssousa@gmail.com. Agradeço ao meu orientador, Aquiles Tescari Neto, pelas valiosas contribuições a este trabalho. Também agradeço aos colegas do LaCaSa e aos pareceristas anônimos pela discussão do texto e apontamentos relevantes para esta pesquisa.

## ABSTRACT

Guesser, Sousa & Kédochim (2019) assume that the expression *como assim* ('how come') in its incredulity reading (CAI) in BP, a high scope wh-phrase, is directly base-generated on the left periphery, in [Spec,Int]. In this squib, assuming the valuation of features as a strategy derivationally made through movement (CHOMSKY, 2001; DONATI, 2008), we analyze this proposal for CAI considering the universal hierarchy assumed within the syntactic cartography approach (RIZZI, 1997, 2001, 2004; CINQUE, 1999, 2006), in addition to the precepts of this line of research, such as *one feature, one head principle* (KAYNE, 2005). As a methodological strategy, we apply tools broadly used within cartography research, such as precedence and transitivity tests (CINQUE, 1999) and allegedly belonging to the same category elements co-occurrence tests (TESCARI NETO, 2019). Through tests with adverbs semantically related to MoodMirativeP and MoodEvidentialP categories, we demonstrate the sensitivity of CAI in these contexts, which suggests that this wh-phrase moves through these positions in its derivational process. In addition to these data, precedence and transitivity tests suggest a final landing position above the ModP category, as assumed by Guesser, Sousa & Kédochim (2019). The tests applied here suggest that CAI is generated in a lower position and subsequently values mirativity and evidentiality features in the high IP zone before reaching the final position in PB, here assumed to be [Spec,Int].

**Keywords:** incredulity *como assim*, wh-interrogatives, Brazilian Portuguese, Cartography

## 1 INTRODUÇÃO

Guesser *et al.* (2020, no prelo), Guesser, Sousa e Kédochim (2019) e Sousa (2018) propõem que o sintagma-wh *como assim*, no português brasileiro (PB), seja analisado como uma contraparte da alternância *how-why* encontrada interlinguisticamente (TSAI, 1999, 2008) por exibir uma semântica causal e veicular um estado de contra-expectativa por parte do falante em PB.<sup>1</sup> Adicionalmente a essa leitura, estudos de Guesser *et al.* (2020, no prelo) atestaram experimentalmente três leituras vinculadas por *como assim* em PB, nomeadamente, as leituras de propósito, de elucidação e de incredulidade. Considerando estudos sobre sintagmas adverbiais altos em línguas como o chinês, o inglês e o italiano (RIZZI, 1997, 2001; TSAI, 1999, 2008; COLLINS, 1991; ZWICKY; ZWICKY, 1973), Guesser, Sousa e Kédochim (2019) posicionam-se em favor de uma proposta que trata *como assim* (em sua leitura de incredulidade) como um sintagma gerado diretamente na periferia esquerda.

Neste *squib*, considerando a hierarquia universal proposta no âmbito da cartografia sintática (RIZZI, 1997, 2001; RIZZI; BOCCI, 2017; CINQUE, 1999, 2006), faremos uma análise dessa proposta de *merge* única do sintagma em sua leitura de incredulidade, considerando sobretudo preceitos da abordagem cartográfica como o princípio *one feature, one head* (KAYNE, 2005) e expedientes metodológicos dessa abordagem como testes de precedência e transitividade (CINQUE, 1999) e testes de coocorrência de elementos supostamente pertencentes à mesma categoria (TESCARI NETO, 2019). Como veremos a partir dos testes apresentados na seção 3, sentenças com *como assim* de incredulidade (doravante CAI) são agramaticais em contextos que apresentem coocorrência com advérbios mirativos (p. ex., *incrivelmente*) e evidenciais (p. ex., *evidencialmente*), o que pode ser tomado como indício de que as categorias *modo mirativo* e *modo evidencial* estejam presentes na história derivacional de sentenças em que CAI aparece. Além disso, utilizando testes de precedência e transitividade com advérbios soldados no *middlefield* e posteriormente movidos à periferia esquerda da sentença (p. ex., *felizmente* quando movido à projeção [ModP]), argumentaremos em favor de propostas que consideram a posição última de pouso de CAI como sendo a de [Spec,IntP] (GUESSER; SOUSA; KÉDOCHIM, 2019).

---

1 Como apontado por Guesser, Sousa e Kédochim (2019), essa alternância também é encontrada em PB com o sintagma *como*, que, adicionalmente à leitura resultativa, de instrumento e de modo, pode apresentar uma leitura causal, como observamos a partir da resposta em (ia).

- (i) Como (é que/que) o João chegou tarde?  
a. Porque o carro dele quebrou. [causa]

(GUESSER; SOUSA; KÉDOCHIM, 2019, p. 107)

## 2 SOBRE INTERROGATIVAS-WH QUE VEICULAM CONTRA-EXPECTATIVA E SENTENÇAS COM *COMO ASSIM* DE INCREDELIDADE EM PB

Como antecipamos na seção anterior, o sintagma-wh *como assim* pode veicular quatro interpretações em PB, a saber: causa, propósito, elucidação e incredulidade (cf. GUESSER *et al.*, 2020, no prelo). Neste *squib*, trataremos das propostas de derivação assumidas para esse sintagma-wh em sua interpretação de incredulidade. Discutiremos inicialmente algumas considerações feitas na literatura sobre as interrogativas-wh que veiculam contra-expectativa.

Uma contribuição fundamental sobre perguntas com advérbios altos que envolvem contra-expectativa da parte do falante foi dada por Tsai (1999, 2008). Em seu estudo sobre as interrogativas do chinês com o *zenme* ('como') causal<sup>2</sup> e *weishenme* ('por que') e seus correspondentes no inglês (*how come* e *why*), Tsai recorre à tipologia de Reinhart (2003), segundo a qual se podem distinguir três tipos de relações causais entre dois eventos: *Enable*, *Cause* e *Motivate*.<sup>3</sup> Enquanto sentenças com *why* apresentam uma relação *enable*, sentenças com *how come* envolvem uma relação *cause*. Adicionalmente a essa diferença semântica entre os dois sintagmas-wh proposta por Tsai (2008), sentenças com *how come* veiculam, pragmaticamente, um estado de contra-expectativa por parte do falante. Isso pode ser observado a partir do contraste entre os exemplos em (1) e (2), de Tsai (2008, p. 89):

- (1) *Why is the sky blue? (I am not aware of any scientific explanation.)*  
'Por que o céu é azul?' (Eu não tenho conhecimento de qualquer explicação científica.)  
Pressuposição: o céu é azul.  
Ato de fala: o falante quer saber a razão pela qual o céu é azul.
- (2) *How come the sky is blue? (It was cloudy just this morning.)*  
'Como assim o céu está azul?' (Nesta manhã estava nublado.)  
Pressuposição: o céu está azul e algo causou o azul do céu.  
→ o céu não deveria estar azul  
Ato de fala: o falante quer saber o que causou o evento de o céu estar azul.  
Resposta: Porque as nuvens simplesmente desapareceram.

2 Tsai (1999, 2008) descreve uma alternância muito produtiva no chinês na qual *zenme* ('como'), comumente associado às leituras resultativa, de maneira e de instrumento, pode exprimir uma leitura de causa. Tal interpretação pode ser veiculada por *zenme* quando se observa a interação do sintagma-wh com categorias altas da sentença, como verbos modais e sintagmas adverbiais quantificacionais, os quais sempre devem sucedê-lo nessa interpretação excepcional. Para mais detalhes acerca da alternância *how-why* vide Tsai (1999, 2008), Tang (2015) e Guessser, Sousa e Kédochim (2019).

3 Conforme Tsai (2008, p. 90):

- a. *Enable*: *One event is a necessary condition for the other.* 'Um evento é uma condição necessária para o outro.' (e.g., *Pasuya entered the pool, and then he drowned.*) 'p.ex.: Passuya entrou na piscina e então ele se afogou.'
- b. *Cause*: *One event is a sufficient condition for the other.* 'um evento é uma condição suficiente para a outra' (e.g., *It just snowed outside, so the snow is white.*) 'p.ex.: Acabou de nevar lá fora, então a neve está branca.'
- c. *Motivate*: *One event either enables or causes the other, mediated by a mental state.* 'Um evento habilita ou causa o outro mediado por um estado mental.' (e.g., *Pasuya wanted to eat, so he started to cook.*) 'p. ex.: Pasuya queria comer, então ele começou a cozinhar.'



A mesma alternância *how-why* descrita por Tsai (2008) pode ser observada no PB a partir da alternância entre *por que* e *como assim* causal, considerando que o último veicula um estado de contra-expectativa por parte do falante, enquanto o primeiro não é intrinsecamente dotado de tal traço.<sup>4</sup> A contra-expectativa encontrada em sentenças com *como assim* e seus correspondentes em outras línguas pode ser analisado, do ponto de vista sintático-semântico, como uma manifestação de miratividade.

Trabalhos seminais de De Lancey (1997) atestaram a existência de construções mirativas, as quais se caracterizam por marcar, morfofonologicamente em algumas línguas como o turco e o hare, uma informação que é surpreendente ao falante. Isso pode ser observado nos exemplos seguintes, considerando-se que, no fundo conversacional, sabe-se que a resignação do presidente Nixon já era esperada e especulada, enquanto a do primeiro-ministro turco foi totalmente nova e surpreendente aos interlocutores. Dessa forma, uma sentença com o morfema *miş* exprime a surpresa do falante diante das novas informações, como observamos em (3). Por outro lado, (4) não exprime tal surpresa por parte do falante.

(3) Ecevit *istifa et-miş*  
Ecevit *resignação faz-MIRATIVE*  
'(É dito que) Ecevit resignou.'

(3) Nixon *istifa et-ti*  
Nixon *resignação faz-PAST*  
'Nixon resignou.'

(DE LANCEY, 1997, p. 37)

Nesse sentido, considerando o princípio *one feature, one head* (KAYNE, 2005), que prevê a existência de uma projeção — na Sintaxe — para cada traço do sistema conceitual, podemos associar a contra-expectativa veiculada por sentenças com *como assim* em suas leituras de causa, propósito e incredulidade como realizações desse traço.

No que se refere às perguntas com *como assim* em sua interpretação de incredulidade, seguindo a terminologia de Dayal (2016)<sup>5</sup>, tratam-se de interrogativas não-canônicas que apresentam uma expressão de surpresa do falante acerca de um proferimento feito anteriormente ou sobre informações obtidas pelo falante que contrariam os seus conhecimentos prévios. Nessa leitura, *como assim* não atua como um verdadeiro operador-wh por não vincular uma variável na sentença. Na verdade, sentenças com esse sintagma não demandam uma resposta do interlocutor, funcionando, pragmaticamente, como uma expressão de surpresa, por parte do falante acerca de uma informação obtida

4 Além disso, como apontado por Guesser *et al* (2020, no prelo), um estado de contra-expectativa também é veiculado por *como assim* em sua interpretação de propósito e de incredulidade em PB, não sendo, portanto, um traço intrínseco às interrogativas com leitura de elucidação.

5 Dayal (2016) distingue, considerando aspectos pragmáticos e estruturais, duas classes de perguntas como canônicas e não canônicas. Para mais detalhes sobre tais propriedades, vide Dayal (2016).

anteriormente ou um proferimento que contraria a sua episteme. Assim, tais perguntas podem ser respondidas com uma confirmação da informação, como observamos em (5A<sub>2</sub>) e (7A<sub>2</sub>), ou não ser respondida verbalmente, como observamos em (6), de Guessser, Sousa e Kédochim (2019):

- (5) A<sub>1</sub>: A Solange se casou de novo. Você ficou sabendo?  
 B: Como assim a Solange se casou de novo? (Ela sempre teve grandes decepções em todos os seus casamentos anteriores e tinha prometido não se casar nunca mais.)  
 A<sub>2</sub>: Pois é, mas ela se casou de novo.
- (6) A: O João comprou sapatos novos.  
 B: Como assim sapatos novos? (Ele não tem dinheiro para isso!)
- (7) A<sub>1</sub>: O João está estudando para ser um endocrinologista.  
 B<sub>1</sub>: O que um endocrinologista faz?  
 A<sub>2</sub>: Como assim *o que um endocrinologista faz?* (Você, com tantos anos de estudo, devia saber o que um endocrinologista faz.)  
 B<sub>2</sub>: Sim, eu não sei o que um endocrinologista faz. Não sou obrigado a saber tudo.

No que se refere a propostas de soldagem de sintagma-wh *como assim* em PB, estudos de Guessser, Sousa e Kédochim (2019) concebem, considerando a hierarquia do CP proposta por Rizzi (1997, 2001, 2004) para as sentenças matrizes e encaixadas, aqui representadas em (8a) e (8b), respectivamente, como sendo feita diretamente na posição de Spec-IntP.

- (8) a. [Force [ Top\* [Int [ Top\*[ Foc [ Top\*[ Mod [ Top\* [Fin [ IP]]]]]]]]]]  
 b. [Force [ Top\* [Int [ Top\*[ Foc [ Top\*[ Mod [ Top\*[ Qemb [Fin [ IP]]]]]]]]]]

Isso pode ser evidenciado, segundo a proposta das autoras, pelo fato de sentenças com CAI serem, diferentemente de sentenças com sintagmas-wh mais baixos como *como* (em suas interpretações de maneira, instrumento e resultativa), insensíveis à negação, como observamos a partir do contraste entre as sentenças em (9) e (10).

- (9) a. Como assim a Joana não foi pra aula? (Ela me disse que iria!)  
 b. Pois é, mas ela não foi não...
- (10) a. Como o Alberto não quebrou o vaso?  
 b. #Com muita raiva.  
 c. #Com um martelo.  
 d. #Em pedacinhos.

Essa insensibilidade atesta que *como assim* nasce em uma posição que não precisa cruzar com a negação e, portanto, não viola a Minimalidade Relativizada (RIZZI, 1990). Outro argumento em favor de uma posição de merge externo alta para CAI é a agramaticalidade em contextos pós-verbais, como observamos em (11c), comparativamente às bem-formadas sentenças com outros sintagmas-wh adjuntos que podem permanecer *in situ*, como observamos em (11a) e (11b).

- (11) a. A Maria falou que vai viajar *quando*?  
b. A Maria falou que vai viajar *por quê*?  
c. \*A Maria falou que vai viajar *como assim*<sup>6</sup>?

Por fim, sentenças com CAI podem ser precedidas por vocativos ou tópicos, como observamos nos dados em (12) e (13), respectivamente:

- (12) Pedro: O Paulo chutou o cachorro.  
Joana: Pedro, como assim o Paulo chutou o cachorro?  
Pedro: O Paulo chutou o cachorro.

(GUESSER: SOUSA: KÉDOCHIM, 2019, p. 113)

- (13) Joana: O cachorro, como assim o Paulo chutou ele?  
Pedro: Pois é, ele fez isso.

(GUESSER:SOUSA: KÉDOCHIM, 2019, p. 113)

Os dados apresentados por Guesser, Sousa e Kédochim (2019) fazem previsões relevantes sobre a posição de pouso final do sintagma *como assim* em PB. No entanto, apesar de concordarmos com a proposta de a posição última de *como assim* ser [Spec,IntP], a proposta que assume CAI como sendo diretamente gerado na periferia esquerda das sentenças não dá conta de determinar, seguindo o princípio *one feature, one head* (doravante OFOH), e da valoração de traço obtido por meio da soldagem interna na categoria correspondente (CHOMSKY, 2001), como o traço mirativo é valorado no processo derivacional das sentenças com esse sintagma-wh no PB. Como veremos na seção seguinte, testes de coocorrência de elementos supostamente pertencentes à mesma categoria (TESCARI NETO, 2019) podem lançar luz sobre as categorias especificamente envolvidas no processo derivacional desse sintagma-wh em PB e, dessa forma, propor uma dissociação entre as suas posições de soldagem externa e interna.

---

<sup>6</sup> Vale mencionar, no entanto, que a sentença é gramatical quando se trata de uma repetição de informação dita anteriormente. Isso pode ser explicado pelo fato de *como assim* poder ser precedido e sucedido por sequências topicalizadas. Além disso, como bem pontuado por um parecerista anônimo, as sentenças são gramaticais quando apresentam uma pausa antes de *como assim*, com uma espécie de movimento remanescente de IP, como observamos nos dados em (i).

- (i) a. O João vai casar de novo, como assim?  
b. Ela não chegou, como assim?

### 3 O CAI NO PB: CATEGORIAS ENVOLVIDAS NO PROCESSO DERIVACIONAL

Como abordamos nas seções anteriores, CAI, no PB, veicula um estado de contra-expectativa do falante e não demanda uma resposta por parte de seu interlocutor, como vimos nos exemplos em (5)- (7).-

Assumindo o princípio OFOH (KAYNE, 2005) e a valoração de traços por meio de movimento (CHOMSKY, 2001; DONATI, 2008), é previsto que *como assim* valore os traços de miratividade na categoria correspondente a esse traço conceitual. Estudos de Cinque (1999, 2006), considerando trabalhos no âmbito da tipologia linguística e utilizando expedientes metodológicos da cartografia como o teste de precedência e transitividade, propõem uma ordem rígida para advérbios e núcleos funcionais na camada flexional, também conhecida como *middlefield*. Assim, no espírito de Cinque (1999), Tescari Neto (2013) mostrou que a posição da modalidade mirativa na hierarquia é na parte mais alta do *middlefield*, entre a categoria Speech ActP e EvaluativeP. A seguir, temos a hierarquia do *middlefield* assumida por Cinque (1999, 2006).

#### (14) A hierarquia universal de IP

[*francamente* MoodSpeechAct > [*surpreendentemente* MoodMirative > [*felizmente* MoodEvaluative > [*supostamente* MoodEvidential > [*provavelmente* ModEpistemic > [*uma vez* TPast > [*então* TFuture > [*talvez* MoodIrrealis > [*necessariamente* ModNecessity > [*possivelmente* Modpossibility > [*geralmente* AspHabitual > [*finalmente* AspDelayed > [*tendencialmente* AspPredispositional > [*novamente* AspRepetitive(I) > [*frequentemente* AspFrequentative(I) > [*de gosto* ModVolition > [*rapidamente* AspCelerative(I) > [*já* TAnterior > [*não mais* AspTerminative > [*ainda* AspContinuative > [*sempre* AspContinuous > [*só* AspRetrospective > [(*dentro*) em breve AspProximative > [*brevemente* AspDurative > [*caracteristicamente* AspGeneric/Progressive > [*quase* AspProspective > [*de repente* AspInceptive > [*obrigatoriamente* ModObligation > [*em vão* AspFrustrative > [(?) AspConative > [*completamente* AspSgCompletive(I) > [*tudo* AspPlCompletive > [*bem* Voice > [*cedo* AspCelerative(II) > [*do nada* AspInceptive(II) > [*de novo* AspRepetitive(II) > [*com frequência* AspFrequentative(II) > ...

(CINQUE, 1999, p. 106 — adaptado de TESCARI NETO, 2019, p. 3)

Dessa forma, considerando o princípio OFOH, é esperado que, em seu processo derivacional, sentenças com *como assim* de incredulidade valorem traços de miratividade na projeção MoodMirativeP, visto que as sentenças com esse constituinte expressam uma surpresa do falante. Além disso, considerando-se que *como assim* incide sobre proferimentos feitos anteriormente e sobre proposições sobre as quais o falante teve evidências, sensoriais ou não, espera-se que sentenças com CAI também valorem traços de evidencialidade na projeção MoodEvidentialP. Por fim, quando analisamos sentenças com CAI, como em (15), notamos que elas podem veicular uma avaliação positiva ou não sobre um estado de coisas.

- (15) a. Como assim aquele restaurante tá fazendo promoção? (Que coisa boa!)  
b. Como assim o governo não se preocupa com os casos de covid-19? (Que terrível!)

Considerando a possibilidade de veiculação de uma avaliação do falante, pretendemos investigar também se a avaliação é um traço intrínseco às sentenças com CAI (envolvendo em seu processo derivacional, portanto, a projeção Mood<sub>Evaluative</sub> P).

Em estudo sobre as exclamativas-wh em PB, Lima (2020) e Lima e Tescari Neto (2020) argumentam que tais construções, que se acomunam a sentenças com CAI por veicularem uma expressão de surpresa do falante, não sejam categorias primitivas; pelo contrário, envolvem diversas categorias para derivar a “exclamatividade-wh”. Para demonstrar isso, os autores utilizam testes de coocorrência de elementos supostamente pertencentes à mesma categoria (TESCARI NETO, 2019) argumentando que exclamativas *que*, *quanto* e *como* envolvem o movimento do sintagma-wh para o especificador das categorias Spec, Mood<sub>Evidential</sub> P, Spec, Mood<sub>Evaluative</sub> P e Spec, Mood<sub>Amirative</sub> P. Isso é demonstrado pela impossibilidade de coocorrência de exclamativas-wh com itens lexicais do mesmo importe semântico envolvido no seu processo derivacional das exclamativas-wh e que são estruturalmente idênticas.-

No que se refere às sentenças com CAI, cabe a nós aplicarmos o expediente da coocorrência de categorias estruturalmente idênticas e itens supostamente pertencentes à mesma categoria relativamente aos traços mirativo, evidencial e avaliativo. Como mencionamos anteriormente, as categorias evidencial e mirativa podem estar envolvidas em sentenças com esse sintagma-wh em PB pelo fato de a expressão de surpresa do falante estar habitualmente atrelada a novos conhecimentos que contrariam os conhecimentos prévios sobre os quais ele teve evidência. Adicionalmente a essas categorias, também analisamos aqui a interação de CAI com a categoria avaliativa, visando investigar se esse é um traço intrínseco a tais sentenças, como poderíamos inferir a partir de (15). Quando aplicamos esse expediente às sentenças com *como assim*, percebemos que a interação de CAI com advérbios avaliativos, como em (16), com o advérbio (*in*)*felizmente*, não gera sentenças agramaticais, o que indica que esse não é um traço intrínseco a tais construções.

- (16) Como assim (*in*)*felizmente* o presidente está com covid?

Um comportamento distinto é observado no que se refere às categorias mirativa e evidencial: nesses contextos, a coocorrência de *como assim* de incredulidade gera sentenças agramaticais, quando em interação com advérbios mirativos (17a,b) e evidenciais (17c):

- (17) a. \*Como assim incrivelmente o presidente está com covid?  
b. \*Como assim surpreendentemente a Maria tá grávida?  
c. \*Como assim evidentemente o presidente pegou covid?²

A malformação das ocorrências em (17), que combinam CAI com os advérbios que ocupam as posições de especificadores das categorias Mood<sub>Mirative</sub> P e Mood<sub>Evidential</sub> P evidencia que há, no processo derivacional das sentenças com esse sintagma-wh, a valoração de traços

daquelas duas projeções da zona alta do *middlefield*. Assim consideramos, a partir desses dados, a posição de base de *como assim* de incredulidade como sendo uma posição da camada flexional em direta interação com as projeções Mood<sub>Mirative</sub>P e Mood<sub>Evidential</sub>P.

Outra previsão interessante que se pode fazer a partir de testes da interação de *como assim* e advérbios é o fato de todas as sentenças em (18), até mesmo a anteriormente bem-formada (16), tornarem-se agramaticais quando movemos o advérbio à periferia esquerda da sentença, na projeção concebida para alojar tais constituintes (ModP), como vemos em (18).

- (18) a. \*(In)felizmente como assim o presidente está com covid?  
 b. \* Incrivelmente como assim o presidente está com covid?  
 c. \* Surpreendentemente como assim o presidente está com covid?  
 d. \* Evidentemente como assim o presidente está com covid?

Dado que os advérbios avaliativos *infelizmente* e *felizmente*, gramaticais na ordem *como assim*>*advérbio*, são agramaticais na ordem inversa, na qual há movimento do advérbio para a posição de [Spec,ModP], localizada na periferia esquerda (RIZZI, 2004), há uma confirmação de que *como assim* tem uma posição de pouso último mais alta que a projeção ModP. Assim, concordamos com a proposta de Guessier, Sousa e Kédochim (2019) de que a posição final de CAI seja em [Spec,IntP]. Se, por um lado, ainda não é clara a posição de soldagem externa de CAI em PB, os testes de coocorrência com itens supostamente pertencentes à mesma categoria (TESCARI NETO, 2019), aqui utilizados, foram de grande valor por terem ajudado (i) a precisar que os traços de miratividade e evidencialidade estão envolvidos na derivação de sentenças com esse sintagma-wh assim como (ii) a indicar que o traço de avaliação não está. Desse modo, foi possível também argumentar em favor de uma análise de CAI enquanto categoria derivada, não como um primitivo gramatical em PB.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse *squib* analisamos as propostas de derivação para o sintagma-wh CAI no PB, que, segundo Guessier, Sousa e Kédochim (2019), seria soldado diretamente na periferia esquerda da sentença, em [Spec,IntP]. Considerando a hierarquia universal das sentenças proposta por Rizzi (1997, 2001) e Cinque (1999, 2006) e utilizando os testes de coocorrência de elementos supostamente pertencentes à mesma categoria (TESCARI NETO, 2019), evidenciamos que CAI não pode coocorrer com advérbios de Mood<sub>Mirative</sub>P e Mood<sub>Evaluative</sub>P. Assim, propomos que CAI se solde em uma posição mais baixa, valorando traços de miratividade e evidencialidade antes de alcançar a posição final em [Spec,Int] como sugerido por Guessier, Sousa e Kédochim (2019). Desdobramentos futuros dessa pesquisa concernem à posição de base de *como assim* em suas interpretações que envolvem contra-expectativa (causal, de propósito e de incredulidade), assim como à interpretação *elucidativa*, que não parece envolver as mesmas categorias intrínsecas às demais leituras.

## REFERÊNCIAS

CINQUE, Guglielmo. *Adverbs and Functional Heads: a Cross-linguistic Perspective*. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. *Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures*, v. 4. New York: Oxford University Press, 2006.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001. p. 1-52.

COLLINS, Chris. Why and how come. *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 15, p. 31-45, 1991.

DAYAL, Veneeta. *Questions*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

De LANCEY, S. 1997. Mirativity: the grammatical marking of unexpected information. *Linguistic Typology*, n. 1, p. 33-52.

DONATI, Caterina. *La sintassi: regole e strutture*. Bologna: il Mulino, 2008.

GUESSER, Simone; SOUSA, Raquel; KÉDOCHIM, Flore. Perguntas com sintagmas-wh adverbiais altos, cartografia e o caso das interrogativas com 'como assim' em PB. *Revista Linguística*. Rio de Janeiro: v. 15, n. 03, p. 88- 117, 2019.

GUESSER, Simone *et al.* Sobre as leituras de como assim em português brasileiro. *Revista Letras*, UFPR, 2020. No prelo.

KAYNE, Richard. *Movement and Silence*. New York: Oxford University Press, 2005.

KATO, Mary Aizawa. Deriving 'wh-in-situ' through movement in Brazilian Portuguese. In: TABOADA-CAMACHO, Victoria *et al.* (ed.). *Information structure and agreement*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2013. p. 175-191.

KO, Heejeong. Syntax of Why-in-situ: Merge Into [SPEC,CP] in the Overt Syntax. *Natural Language & Linguistic Theory* 23, v. 4, p. 868-916, 2005.

LIMA, Bruno Ferreira. *A cartografia das exclamativas-wh em português brasileiro: categorias e hierarquias*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UNICAMP, 2000.

LIMA, Bruno Ferreira; TESCARI NETO, Aquiles. *Propriedades sintático-semânticas das exclamativas-wh: categorias, hierarquias e derivações*. Ms, UNICAMP, 2020.

MIOTO, Carlos. As interrogações no português brasileiro e o critério-WH. *Letras de Hoje*, n. 96, p. 19-33, 1994.

MIOTO, Carlos. Sobre o sistema CP no português brasileiro. *Revista Letras*, Curitiba, v. 56, p. 97-139, 2001.

- RIZZI, Luigi. 1990. *Relativized minimality*. Cambridge, MA: MIT Press.
- RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN Liliane. *Elements of Grammar: a handbook of generative syntax*. Kluwer: Dordrecht, 1997.
- RIZZI, Luigi. On the position "int(errogative)" in the left periphery of the clause. In: CINQUE, Guglielmo; SALVI, Giampaolo (ed.). *Current studies in Italian syntax: Essays offered to Lorenzo Renzi*. Amsterdam: Elsevier, 2001. p. 267-296.
- RIZZI, Luigi. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In: CHENG, Lisa; CORVER, Norbert. *Wh movement: moving on*. Cambridge: The MIT Press, 2006.
- RIZZI, Luigi; BOCCI, Giuliano. The left periphery of the clause. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. C. *Blackwell companion to Syntax*. 2017.
- SHLONSKY, Ur; SOARE, Gabriela. Where's 'why'? *Linguistic Inquiry*, v. 42, n. 4, p. 651-669, 2011.
- SOUSA, Raquel. 'Como assim' mirativo em PB: uma investigação cartográfica. 2018. 66 f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2018.
- TANG, Sze-Wing. Adjunct Wh-words in the left periphery. In: TSAI, Wei-Tien Dylan. *The Cartography of Chinese Syntax: The Cartography of Syntactic Structures*, v. 11. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 131-152.
- TSAI, Wei-Tien Dylan. The hows of why and the whys of how. *UCI Working Papers in Linguistics*, v. 5, p. 155-184, 1999.
- TSAI, Wei-Tien Dylan. Left periphery and how-why alternations. *Journal of East Asian Linguistics*, p. 83-115, 2008.
- TSAI, Wei-Tien Dylan. A Tale of Two Peripheries: Evidence from Chinese adverbials, light verbs, applicatives and object fronting. In: TSAI, Wei-Tien Dylan (ed.). *The Cartography of Chinese Syntax*. New York: Oxford University Press, 2015. p. 1-32.
- TESCARINETO, Aquiles. *Sintaxe Gerativa: uma introdução à Cartografia Sintática*. Manuscrito, UNICAMP, 2019.
- ZWICKY, Ann; ZWICKY, Arnold. How come and what for. In: ELIOT, D. (ed.). *Working papers in linguistics*, Ohio State University, n. 8, p. 923-933, 1973.

*Squib* recebido em 31 de agosto de 2020.  
*Squib* aceito em 1.º de novembro de 2020.





*SQUIB*  
**SQUIB**  
**OVERVIEW**

*UIB*

*VIEW*





# AQUISIÇÃO DA NEGAÇÃO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOS ANOS 60 AOS DIAS ATUAIS

---

MAYARA DE SÁ PINTO\* | JOSIANE MORAES ANJOS DA SILVA\*\* | MILENE CHRYSTINE CARVALHO CUPERTINO\*\*\*

---

## RESUMO

Nesta revisão bibliográfica, reportamos trabalhos sobre a aquisição de morfemas funcionais da negação, cujos critérios de seleção foram relevância, citação recorrente nos principais artigos sobre o tema, atualidade e originalidade. Apresentamos somente trabalhos sobre aquisição de L1, com participantes não bilíngues e que continham pelo menos um meio experimental de obtenção de dados. Nosso objetivo é oferecer ao leitor um panorama geral das pesquisas até o presente momento, bem como algumas das questões sobre o tema que permanecem em aberto para investigações futuras.

**Palavras-chave:** negação, aquisição de linguagem, psicolinguística

## ABSTRACT

In this bibliographic review, we present studies on the acquisition of functional morphemes of negation, based on selection criteria of relevance, mentions in the main articles on the topic, currentness and originality. We only reported studies on L1 acquisition, with non-bilingual participants and that contained at least one experimental means of obtaining data. Our goal is to offer an overview of the research to date, as well as some of the questions that remain open for future studies.

**Keywords:** acquisition of negation, language acquisition, psycholinguistics

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. *E-mail:* dsp.mayara@gmail.com.

\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. *E-mail:* joanjos16@gmail.com.

\*\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. *E-mail:* milenecupertino@yahoo.com.br.

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta revisão bibliográfica, selecionamos trabalhos sobre a aquisição de morfemas funcionais da negação, tão necessários à linguagem e ao pensamento lógico. No curso do desenvolvimento, acreditamos que o primeiro impasse que se coloca à criança quanto à negação seja o fato de que tais morfemas<sup>1</sup> não possuem referência direta no mundo, o que nos leva a pensar que sua apreensão depende muito do aporte linguístico que a criança recebe em meio a sua comunidade de fala (cf. GILLETTE *et al.*, 1999; GLEITMAN, 1990; LIDZ, 2020). No entanto, desde muito novas as crianças produzem enunciados contendo palavras de negação (BLOOM, 1970; PEA, 1980, 1982; CHOI, 1988; entre outros). Porém, há controvérsias sobre se essa produção linguística reflete um conhecimento pleno da operação funcional lógica da negação, que muda o valor de verdade de uma sentença afirmativa (GRIGOROGLOU; CHAN; GANEA, 2019; FEIMAN *et al.*, 2017; entre outros). Acreditamos que a investigação sobre o ajuste entre o uso linguístico infantil das palavras de negação e o raciocínio não linguístico pode ser informativa para teorias da aquisição da linguagem, por se estabelecer no limiar entre o amadurecimento de representações conceituais e a aquisição de palavras altamente abstratas relacionadas ao pensamento lógico.

Nossos critérios de seleção dos estudos aqui apresentados foram relevância, citação recorrente nos principais artigos sobre o tema, atualidade e originalidade. Listamos todos os trabalhos que encontramos, segundo esses critérios, em uma planilha. Lemos os resumos de cada um e selecionamos apenas os que tratavam de aquisição de língua materna (L1), com participantes não bilíngues e que tivessem pelo menos um meio de obtenção de dados experimentais. Apesar de não ser um critério nosso, a maioria dos estudos que serão apresentados incluiu crianças aprendendo inglês (por vezes, inglês e outra língua). A seguir, apresentamos brevemente os principais achados das pesquisas sobre negação até os dias atuais. Nosso objetivo é oferecer ao leitor um panorama geral das pesquisas até o presente momento, bem como algumas das questões que permanecem em aberto para investigações futuras.

## 2 A NEGAÇÃO NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Devido às influências da revolução cognitivista que se iniciava na década de 50 e às discussões acerca da incompatibilidade entre teoria linguística e aspectos do processamento, vemos surgir na literatura, a partir dos anos 60, um maior interesse por aspectos da dimensão psicológica da negação, a partir de uma perspectiva desenvolvimentista. Um estudo pioneiro em meio a esses achados contradisse as previsões da teoria da gramática transformacional, para a qual sentenças negativas seriam mais fáceis de serem processadas do que sentenças passivas (MEHLER, 1963, 1964). Slobin (1966) mostrou, em um estudo psicolinguístico,

<sup>1</sup> Na presente revisão, trataremos da aquisição de morfemas livres, como as palavras funcionais *no* e *not* no inglês.

que tanto crianças (de seis a dez anos de idade) quanto adultos demonstraram ter maior dificuldade em processar sentenças negativas em comparação a sentenças passivas. Nesse estudo, os participantes tinham que avaliar uma sentença, como *A menina está regando as flores*, apertando um botão (T) para *true* ('verdadeiro') e (F) para *false* ('falso'), diante de uma figura dada a eles. Curiosamente, algumas crianças mais novas se recusaram a aceitar qualquer frase negativa como verdadeira, mesmo que a frase fosse compatível com a figura. Segundo o autor, nas sentenças negativas verdadeiras e nas afirmativas falsas, o sujeito da oração e o agente da ação são incompatíveis e isso adicionaria um grau de dificuldade no processamento dessas sentenças. Slobin (1966) concluiu que fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos são importantes no desempenho de crianças de seis anos, que demonstraram maior dificuldade de processamento nas sentenças negativas e passivas. Nesse estudo, entretanto, não houve diferença significativa entre idades para o grupo de crianças.

Estudos psicolinguísticos anteriores interessados na linguagem infantil revelaram apenas a forma com que a negação aparecia em seus primeiros enunciados, mas não suas funções ou significados propriamente (BELLUGI, 1967; KLIMA; BELLUGI, 1966). O famoso estudo de Bloom (1970) é um dos pioneiros estudos longitudinais mais completos nesse sentido, com uma proposta tipológica do curso da aquisição da negação. O pesquisador acompanhou três crianças entre 19 e 27 meses de idade, observando informações comportamentais linguísticas e extralinguísticas dos contextos situacionais, para inferir a intenção semântica dos enunciados. Três tipos de negação foram identificados e se mantêm como referência até os dias de hoje. São elas: a negação que envolve (i) *nonexistence* ('não existência'), em que o uso de morfemas de negação tem referência contextual imediata (p. ex. *no more juice* ('não mais suco'), quando o suco acabou); (ii) *rejection* ('rejeição'), averiguada quando o elemento linguístico negativo e o referente da proposição estão presentes contextualmente, porém há também explicitamente a expressão gestual de rejeição, que pode ser facilmente identificada; e (iii) *denial* ('negação/recusa/contradição'), que é distinta funcionalmente. Nesse caso, o referente negado não está explícito no contexto, como na *rejection*, mas se manifesta simbolicamente em relação a uma sentença anterior (como um *não* anafórico; isto é, em resposta a uma pergunta feita anteriormente). A ordem de desenvolvimento foi a mesma como no disposto anteriormente: *nonexistence* primeiro, seguido de *rejection* e, por último, *denial*. As palavras negativas foram usadas mais isoladamente pelas crianças do que em enunciados mais completos.<sup>2</sup> A negação de *nonexistence* foi a primeira que surgiu na fala das três crianças estudadas e foi também a mais frequente, enquanto a negação do tipo *denial* foi a menos frequente. Esses achados são consoantes com McNeill e McNeill (1967), que trabalharam com crianças japonesas. Para eles, porém, sentenças com *denial* frequentemente implicam sentenças afirmativas, o que significa requerer que a criança mantenha em mente duas proposições em paralelo. Essa divisão é semelhante ao estudo de Wode (1977), que mostra um curso similar do desenvolvimento da negação,

2 De fato, sabe-se que, de acordo com relatos dos pais, a palavra *não* está entre as dez mais frequentes na produção de crianças entre doze meses e é usada por mais de 95% das crianças aos 24 meses (DALE; FENSON, 1996).

oferecendo evidências em outras línguas. Pea (1980) também identifica estágios da negação no curso do desenvolvimento e propõe que a aquisição dos morfemas de negação como um operador funcional de valor de verdade seja o último estágio a ser alcançado. Em seu estudo, crianças 30 e 36 meses até brincaram com os experimentadores ao darem respostas erradas propositalmente (em algumas raras situações), já evidenciando um novo nível de conhecimento sobre negação, para o qual as convencionais regras de verdade para o uso da linguagem tornam-se objetos simbólicos, passíveis de serem manipulados.

Continuando a investigação, Pea (1982) testou o comportamento de bebês de 18 meses e 24 meses ao corrigirem aspectos pontuais de um referente nomeado erradamente. As respostas foram divididas entre aquelas que continham simplesmente a palavra *no* ('não') ao negar uma frase e aquelas que eram mais elaboradas, ao corrigir o erro proposital do experimentador (p. ex. *not a biscuit, it's an apple* ('Não um biscoito. É uma maçã.')). As respostas mais elaboradas foram explicitamente mais consistentes aos 30 e 36 meses, mas apareceram também nos enunciados de duas crianças com 24 meses.

Outro estudo longitudinal, ainda na década de 80, dessa vez com crianças adquirindo inglês (n=2), francês (n=5) e coreano (n=4), analisou contextos verbais e não verbais da produção linguística infantil e apontou para a existência de nove categorias semântico-pragmáticas.<sup>3</sup> O interessante desse estudo é que todas as categorias foram encontradas nas três línguas, em uma mesma ordem de aparecimento. A pesquisadora concluiu que o conceito de negação seria anterior ao surgimento das expressões de negação na fala (CHOI, 1988).

No entanto, nesse momento, já havia sido mostrado que, com o contexto apropriado, crianças a partir de dois anos não apenas pareciam compreender sentenças negativas do tipo *This is not a...* ('Este não é um...'), como também o processamento desse tipo de sentenças não necessariamente demandaria significativamente mais esforço do que o processamento de sentenças afirmativas (DEVILLIERS; FLUSBERG, 1975). Isso sugere uma incompatibilidade entre os estudos que se debruçaram apenas sobre a produção e aqueles que buscaram investigar também a compreensão dos diversos tipos de negação observados no desenvolvimento (em resumo, *nonexistence, rejection, denial*).

Hummer, Wimmer e Antes (1993) testaram a capacidade de crianças entre um ano e um mês a dois anos e sete meses de lidar com dois modelos mentais distintos, através de brincadeiras de faz de conta. Em uma sessão de 10 minutos de interação, as mães mostravam uma imagem para a criança e perguntavam, por exemplo, *Is this a cow?* ('Isto é uma vaca?') e a criança deveria responder *sim* ou *não*. Os resultados revelaram que todas as crianças usaram *sim* e *não* consistentemente e que quanto maior a idade das crianças, mais complexas e elaboradas eram as respostas (incluindo mais do que apenas a palavra *não*).

<sup>3</sup> São elas: não existência, proibição, rejeição, fracasso, recusa-negação, inabilidade, negação epistemológica, normativa e negação inferencial. Para mais detalhes, conferir Choi (1988).

O estudo de Kim (1985), utilizando inglês e coreano, buscou investigar em que momento a compreensão do conceito de negação funcional de valor verdade (ou seja, um morfema interpretado como uma categoria sintática NegP) poderia ser verificado em crianças mais novas do que aquelas reportadas no estudo de Slobin (1966). Manipulando o valor de verdade (verdadeiro ou falso) e a polaridade das sentenças (afirmativas ou negativas), a pesquisadora ajustou a metodologia do teste de modo que o contexto experimental era mediado por um fantoche manuseado pelos experimentadores. Os resultados mostraram que crianças de três anos conseguiram atribuir corretamente o valor de verdade às sentenças afirmativas, tanto verdadeiras quanto falsas. Surpreendentemente, um número considerável dessas crianças, mesmo tendo respondido corretamente às sentenças negativas falsas, erraram consistentemente diante das sentenças negativas verdadeiras, assim como as crianças de seis anos em Slobin (1966). Para Kim (1985), a dificuldade estaria na capacidade de transcender o contexto comunicativo e considerar as relações lógicas. Esses resultados foram observados tanto nas crianças aprendendo inglês quanto naquelas aprendendo coreano.

Diante dos dados ainda inconsistentes sobre o quanto as crianças de fato produzem e compreendem sobre a negação, Gilkerson, Hyams e Curtiss (2002), em um estudo usando uma tarefa de olhar preferencial (*Preferential Looking Test*), diminuíram ainda mais a idade dos participantes, propondo um estudo com crianças entre 14 e 25 meses. Os resultados mostraram que as crianças olharam por mais tempo para a imagem ao ouvirem a versão afirmativa da sentença (*The girl's sleeping* ('A menina está dormindo')) do que diante de sua contraparte negativa (*The girl's not sleeping* ('A menina não está dormindo')), provavelmente por entenderem que a imagem não representava a sentença ouvida. Isso pareceu indicar que as crianças possuíam a estrutura correta para a negação, mas ainda não a produziam em sua fala (como apontou Bloom (1970)). Nesse estudo, as crianças também olharam por mais tempo a figura correspondente à sentença afirmativa do tipo *Hey, she's sleeping* ('Ei! Ela está dormindo') em comparação a frases do tipo *No, she's sleeping* ('Não, ela está dormindo'). Nesse caso, os autores argumentaram que *no*, no início da frase, seria interpretado como o *not*<sup>4</sup>, mostrando que as crianças ainda não têm o mesmo desempenho que os adultos.

No entanto, em outro estudo também com uma tarefa de olhar preferencial, bebês de 18 meses não mostraram compreender sentenças com *not*. Loder (2006) argumentou que as diferenças entre este estudo e o anterior talvez se deva à quantidade de crianças menores que 18 meses ( $n=2$ ) no estudo de Gilkerson, Hyams e Custiss (2002). Então, considerou-se que a compreensão da negação seria ainda um conhecimento emergente nessa idade.

Podemos pensar que a dificuldade que as crianças demonstram ter com sentenças negativas esteja relacionada ao maior custo processual em relação às afirmativas, já que essa dificuldade também foi observada em experimentos com adultos. Kaup *et al.* (2007)

4 De modo geral, em inglês, as palavras *no* e *not* se diferenciam por *not* ser uma palavra funcional que ocupa um sintagma NegP com escopo sobre uma proposição, enquanto *no* pode ser utilizado sozinho, como resposta a perguntas simples, como no estudo em questão.

apresentaram um experimento com adultos que, através da técnica de eletroencefalografia (EEG), mostrou maior lentidão no processamento de sentenças negativas, sugerindo que os participantes simulavam a situação a ser negada antes da interpretação final das sentenças. Outro estudo, usando a mesma técnica de EEG, também levantou a hipótese, diante dos resultados experimentais, de que integrar a informação da negação nas sentenças levaria mais tempo do que o processamento de frases afirmativas e, assim, a representação de uma sentença na negativa poderia ser mais complexa do que sentenças afirmativas (LÜDTKE *et al.*, 2008). No entanto, Nieuwland e Kuperberg (2008), também através da técnica de EEG, mostraram que não há custo adicional no processamento semântico da negação. Relacionar as palavras que ouvimos ao nosso conhecimento do mundo real não é necessariamente mais difícil em sentenças negativas do que em sentenças afirmativas, desde que a negação seja usada para transmitir uma mensagem pragmaticamente relevante.

Resultados parecidos foram achados recentemente em um estudo comparando o desempenho de crianças e adultos em uma mesma tarefa experimental. Um estudo usando a técnica de rastreamento ocular mostrou que, assim como os adultos, primeiro as crianças (de quatro e cinco anos) olhavam para o elemento a ser negado e depois olhavam consistentemente para o elemento alvo, dentre os objetos mostrados a elas. Porém, o tempo das crianças para olhar a figura correta foi significativamente maior do que o tempo de escolha diante das sentenças afirmativas. O estudo sugere que adultos e crianças inicialmente ativam os elementos semânticos da oração e depois processam a negação. No entanto, esse processamento parece mais custoso para as crianças (DOYLE *et al.*, 2019).

Um estudo muito interessante sobre as relações taxonômicas e temáticas em enunciados negativos simples verificou a preferência das crianças diante de uma frase como *John is not drinking coffee* ('John não está bebendo café'), na qual *coffee* poderia ser substituído tanto por uma palavra taxonomicamente relacionada (evocando bebidas similares a *café*), quanto por palavras tematicamente relacionadas (como qualquer outra bebida). Diante da situação em que o experimentador dizia *o que eu estou vendo não é um...* para que as crianças pudessem completar, os resultados indicaram que o conhecimento semântico sobre a negação dependeu significativamente mais do conhecimento das relações taxonômicas do que das relações temáticas entre os objetos disponíveis (HILTZ, 2010), em dissonância com estudos prévios com sentenças afirmativas, em que as crianças preferiram relações temáticas (WAXMAN; NAMY, 1997).

Austin *et al.* (2014) buscaram compreender se as crianças diferenciavam sentenças afirmativas e negativas, usando informação de terceiros sobre um objeto escondido. Neste estudo, as pistas da terceira pessoa na interação do contexto experimental podiam ser *verbais* ou *gestuais*. Os resultados revelaram que crianças de um ano e nove meses não conseguiram seguir nenhuma das dicas, com afirmativas ou negativas, independentemente do modo de apresentação. Só aos dois anos, as crianças começaram a demonstrar compreensão de certas pistas, mesmo assim limitada a respostas negativas *verbais*. Apenas aos dois anos e quatro meses elas mostraram ser capazes de processar cada tipo de marcador, *verbal* ou *gestual*, a fim de encontrar a localização do objeto escondido. Feiman *et al.* (2017) replicam

esse estudo mostrando que as crianças compreendem *no* e *not* como morfemas funcionais de valor de verdade ao mesmo tempo, entre 24 e 27 meses de idade, indicando que esse conceito só está disponível para o pensamento das crianças pelo menos no início do terceiro ano de vida.

Mais recentemente, Nordmeyer e Frank (2014a) levantaram a hipótese de que haveria diferentes graus de saliência contextuais que seriam responsáveis pelo surgimento mais tardio de alguns tipos de negação em relação a outros e assim propuseram um estudo adaptando contextualmente os *trials* experimentais, segundo o que um estudo prévio com adultos mostrou ser um facilitador na compreensão da negação (NORDMEYER; FRANK, 2014b). Os resultados foram obtidos através da técnica de rastreamento ocular e mostraram que, no experimento 1, as crianças de dois e três anos não foram capazes de compreender as sentenças negativas mais simples (de *nonexistence*), enquanto as crianças de quatro anos mostraram um desempenho satisfatório na tarefa. Os resultados do experimento 2 (testando *denial*) mostraram que as crianças de três e quatro, após dois segundos de exposição à sentença experimental, olharam corretamente para a figura alvo, diferentemente das crianças de dois anos, que continuaram a olhar para a imagem distratora.

Reuter, Feiman e Snedeker (2018), buscando replicar os achados do estudo anterior, realizaram um estudo cujo objetivo era observar se a acomodação pragmática e o processamento semântico poderiam estar relacionados à compreensão da negação pelas crianças. Os resultados, aferidos por rastreamento ocular, mostraram que os participantes de três anos olharam prontamente para o objeto alvo nas condições em que declarações negativas estavam relacionadas a uma *question under discussion* (QUD) ('tópico sob discussão'). Isso sugeriu que o baixo desempenho em outras tarefas experimentais poderia estar refletindo a dificuldade com a acomodação pragmática, em vez de um problema na construção de conteúdo da negação. As crianças de dois anos, por outro lado, encontraram dificuldades substanciais no processamento semântico da negação. O grupo de crianças que foram expostas às condições afirmativas e negativas alternadamente teve baixo desempenho na tarefa, mesmo em um contexto pragmaticamente plausível. Por outro lado, as crianças de dois anos que foram expostas ao bloco de sentenças afirmativas antes das sentenças negativas obtiveram sucesso na tarefa experimental.

Em 2018, Nordmeyer e Frank realizaram um novo estudo para buscar compreender qual seria a trajetória de desenvolvimento de *no* e *not*, que são altamente abstratas e multifuncionais no inglês. Assim, realizaram um estudo de produção infantil através de enunciados negativos em jogos e brincadeiras na interação com os pais, analisando a produção de fala espontânea de cinco crianças entre um e três anos de idade. De maneira geral, o resultado mostrou que as crianças foram capazes de produzir a negação de valor de verdade antes dos 18 meses, mesmo que raramente.



Como podemos notar, estudos mais recentes vêm buscando aprofundar o conhecimento sobre a natureza da negação no raciocínio infantil, com base no que elas de fato *compreendem* nas situações que envolvem sentenças negativas. Os resultados do trabalho de Grigoroglou, Chan e Ganea (2019) mostraram que, já aos dois anos e meio, as crianças podem fazer inferências disjuntivas lógicas ao ouvirem uma frase com negação proposicional, do tipo *There is no coin in the red cup* ('Não há moeda no copo vermelho'), ao contrário de estudos anteriores, para os quais essa habilidade só era observada a partir dos três anos de idade (MODY; CAREY, 2016).

Por fim, apresentamos o trabalho de De Carvalho *et al.* (no prelo), que é pioneiro ao oferecer evidências de que bebês de 18 e 24 meses não apenas compreendem a negação proposicional como também usam esse conhecimento como estratégia de restrição semântica para adquirir o significado de novas palavras na língua que estão aprendendo. Um grupo de crianças foi submetido a uma fase de exposição à condição experimental negativa contendo um pseudonome (como *bamoule*, na sentença 'Isto não é um *bamoule*'<sup>5</sup>). Depois, na fase do teste propriamente, diante de uma tarefa de exclusão mútua, essas crianças mostraram utilizar a informação recém-adquirida como pista para inferir o significado de uma palavra que jamais haviam ouvido. Os autores atribuíram o ineditismo de seus resultados ao uso de uma metodologia que não sobrecarregava a capacidade de controle inibitório de crianças tão novas, por conta do *design* experimental. O experimento contou com a repetição das frases-estímulo que continham pouco conteúdo referencial. Além disso, os autores também usavam a técnica de rastreamento ocular para obtenção de dados. Outra possibilidade explanatória para os resultados seria a diferença na marcação da negação entre o francês e outras línguas anteriormente testadas. Em francês, a negação sentencial é marcada duas vezes, com *ne... pas*, sendo *pas* acusticamente saliente na frase. Para os autores, essa característica poderia representar um fator facilitador da aquisição da negação nas idades testadas.

Como podemos observar, os resultados obtidos através do uso da técnica de rastreamento ocular e de ajustes metodológicos cada vez mais eficientes mostraram um grande avanço nos impasses da aquisição da negação e do desenvolvimento linguístico infantil. Ainda assim, questões permanecem em aberto. O último estudo relatado contradiz o que dizem os estudos anteriores sobre a compreensão linguística das crianças, embora seja coerente com o fato de que palavras de negação estejam presentes tão precocemente na fala dos bebês. Acreditamos que principalmente os estudos mais recentes devam ser replicados com crianças aprendendo outras línguas, fornecendo mais dados e *insights* acerca dos fatores que envolvem a aquisição da negação, considerando a relação entre o *input* e processos maturacionais do desenvolvimento, com base nas áreas da psicolinguística, da psicologia e da neurociência da linguagem.

<sup>5</sup> No original: *Il n'est pas un bamoule. Ceci n'est pas un bamoule.*

## REFERÊNCIAS

AUSTIN, Keith et al. Young children's understanding of denial. *Developmental psychology*, v. 50, n. 8, p. 2061, 2014.

BELLUGI, Ursula. *The acquisition of the system of negation in children's speech*. Tese de Doutorado – Harvard Graduate School of Education, 1967.

BLOOM, Lois. *Language development: Form and function in emerging grammars*. MIT Research Monograph, n. 59, 1970.

CHOI, Soonja. The semantic development of negation: a cross-linguistic longitudinal study. *Journal of Child Language*, v. 15, n. 3, p. 517-531, 1988.

DALE, Philip S.; FENSON, Larry. Lexical development norms for young children. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*, v. 28, n. 1, p. 125-127, 1996.

DE CARVALHO, Alex et al. "Look! It is not a bamoule!" 18- and 24-month-olds can use negative sentences to constrain their interpretation of novel word meanings. No prelo.

DE VILLIERS, Jill G.; FLUSBERG, Helen B. Tager. Some facts one simply cannot deny. *Journal of Child Language*, v. 2, n. 2, p. 279-286, 1975.

DOYLE, Alison W. et al. Grasping the Alternative: Reaching and Eyegaze Reveal Children's Processing of Negation. *Frontiers in psychology*, v. 10, p. 1227, 2019.

FEIMAN, Roman et al. What do you mean, no? Toddlers' comprehension of logical "no" and "not". *Language Learning and Development*, v. 13, n. 4, p. 430-450, 2017.

GILLETTE, Jane et al. Human simulations of vocabulary learning. *Cognition*, v. 73, n. 2, p. 135-176, 1999.

GILKERSON, Jill; HYAMS, Nina; CUTISS, Suzan. *'No I Understand Negation': A preferential looking paradigm study of early knowledge of sentential and anaphoric negation*. Unpublished masters thesis. University of California, Los Angeles, CA, United States of America, 2002.

GLEITMAN, Lila. The structural sources of verb meanings. *Language acquisition*, v. 1, n. 1, p. 3-55, 1990.

GRIGOROGLOU, Myrto; CHAN, Sharon; GANEA, Patricia A. Toddlers' understanding and use of verbal negation in inferential reasoning search tasks. *Journal of experimental child psychology*, v. 183, p. 222-241, 2019.

HENSCH, Takao K. Critical period regulation. *Annu. Rev. Neurosci.*, v. 27, p. 549-579, 2004.

HILTZ, Amanda. Children's Understanding of the Semantics of Negation. *Honors Projects*. 17, 2010.

HUMMER, P.; WIMMER, H.; ANTES, G. On the origin of truth-functional negation. *Journal of Child Language*, v. 20, p. 607-618, 1993.

KAUP, Barbara et al. Experiential simulations of negated text information. *Quarterly journal of experimental psychology*, v. 60, n. 7, p. 976-990, 2007.

KIM, Kyung. Development of the concept of truth-functional negation. *Developmental Psychology*, v. 21, n. 3, p. 462, 1985.

KLIMA, Edward S. Syntactic regularities in the speech of children. *Psycholinguistics papers*, p. 183-207, 1966.

LENNEBERG, Eric Heinz. Biological Foundations of Language Lenneberg. *Hospital Practice*, v. 2, n.12, p. 59-67, 1967.

LIDZ, Jeffrey. Learning, Memory, and Syntactic Bootstrapping: A Meditation. *Topics in Cognitive Science*, v. 12, n. 1, p. 78-90, 2020.

LODER, Lisa Sue. *Early Understanding of Negation: The Word "Not"*. Tese (Doutorado) - University of Maryland, College Park, 2006.

LÜDTKE, Jana et al. Event-related potential correlates of negation in a sentence–picture verification paradigm. *Journal of cognitive neuroscience*, v. 20, n. 8, p. 1355-1370, 2008.

MCNEILL, David; MCNEILL, Nobuko B. A question in semantic development: what does a child mean when he says "no". *ERIC*, ref. ED017922, p. 464-473, 1967.

MEHLER, Jacques. Some effects of grammatical transformations on the recall of English sentences. *Journal of verbal Learning and verbal Behavior*, v. 2, n. 4, p. 346-351, 1963.

MEHLER, Jacobo. *How some sentences are remembered*. Tese (Doutorado) – Harvard University, 1964.

MODY, Shilpa; CAREY, Susan. The emergence of reasoning by the disjunctive syllogism in early childhood. *Cognition*, v. 154, p. 40-48, 2016.

NIEUWLAND, Mante S.; KUPERBERG, Gina R. When the truth is not too hard to handle: An event-related potential study on the pragmatics of negation. *Psychological Science*, v. 19, n. 12, p. 1213-1218, 2008.

NORDMEYER, Ann E.; FRANK, Michael C. The role of context in young children's comprehension of negation. *Journal of Memory and Language*, v. 77, p. 25-39, 2014.

NORDEMEYER, Ann; FRANK, Mike. A pragmatic account of the processing of negative sentences. In: *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*. 2014.

NORDMEYER, Ann; FRANK, Michael C. Individual variation in children's early production of negation. In: *CogSci*. 2018.

PEA, Roy D. Origins of verbal logic: Spontaneous denials by two-and three-year olds. *Journal of child language*, v. 9, n. 3, p. 597-626, 1982.

REUTER, Tracy; FEIMAN, Roman; SNEDEKER, Jesse. Getting to No: Pragmatic and Semantic Factors in Two-and Three-Year-Olds' Understanding of Negation. *Child development*, v. 89, n. 4, p. 364-381, 2018.

SLOBIN, Dan I. Grammatical transformations and sentence comprehension in childhood and adulthood. *Journal of verbal learning and verbal behavior*, v. 5, n. 3, p. 219-227, 1966.

WAXMAN, Sandra R.; NAMY, Laura L. Challenging the notion of a thematic preference in young children. *Developmental Psychology*, v. 33, n. 3, p. 555, 1997.

WODE, Henning. Four early stages in the development of LI negation. *Journal of child language*, v. 4, n. 1, p. 87-102, 1977.

*Squib overview* recebido em 25 de agosto de 2020.

*Squib overview* aceito em 31 de outubro de 2020.